



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE TEORIA LITERÁRIA E LITERATURAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA (PÓSLIT)

Julia Oliveira Pereira Pazzetto

ENSINO DE LITERATURA E LEITURA LITERÁRIA NA ESCOLA NO SÉCULO
XXI: novos horizontes, velhos obstáculos

Dissertação apresentada ao Programa de Pós
Graduação em Literatura, da Universidade de
Brasília, área de concentração em Políticas e Poéticas
do Texto, como requisito parcial para obtenção do
título de mestre em Literatura.

Orientador: Prof. Dr. Danglei de Castro Pereira

Brasília/DF
2025

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Oe Oliveira Pereira Pazzetto, Julia
ENSINO DE LITERATURA E LEITURA LITERÁRIA NA ESCOLA NO
SÉCULO XXI: novos horizontes, velhos obstáculos / Julia
Oliveira Pereira Pazzetto; orientador Danglei De Castro
Pereira. Brasília, 2025.
113 p.

Dissertação(Mestrado em Literatura) Universidade de
Brasília, 2025.

1. Literatura . 2. Ensino . 3. Leitura literária. I. De
Castro Pereira, Danglei, orient. II. Título.

Julia Oliveira Pereira Pazzetto

ENSINO DE LITERATURA E LEITURA LITERÁRIA NA ESCOLA NO SÉCULO
XXI: novos horizontes, velhos obstáculos

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Danglei de Castro Pereira (Presidente)
Universidade de Brasília/UnB

Prof^a. Dr^a. Daniela Segabinazi – Titular
Universidade Federal da Paraíba/ UFPB

Prof.^a. Dr^a. Ana Beatriz Demarchi Barel – Titular
Universidade Estadual de Goiás/ UEG

Prof. Dr. Gabriel Vitor Rocha Pinezi – Suplente
Universidade de Brasília/ UnB

Brasília, 28 de fevereiro de 2025.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, ao meu orientador Danglei por ter aceitado fazer parte desta pesquisa e por não ter desistido de mim durante essa jornada de aprendizado, sei que aturar as minhas teimosias não é muito agradável. Agradeço à Universidade de Brasília por ter me proporcionado a oportunidade de ter tido aulas com excelentes professores durante o curso de pós-graduação em Literatura, e também, por ter tido a chance de conhecer outros horizontes. Terei boas recordações.

Agradeço também à minha mãe que tanto me ajudou com as viagens para Brasília e por ter me suportado nos meus dias mais estressada e cansada, desmotivada. À minha melhor amiga, Andressa, obrigada por ter estado comigo nos melhores e piores momentos, e também por aguentar as minhas crises repentinas de humor, o meu desespero, o meu desânimo.

Agradeço imensamente à minha gatinha Nami, minha fiel companheira em todas as noites. Claro, ela me atrapalhava muito, já que na maioria das vezes queria ficar deitada em cima do meu notebook, de modo que eu era impossibilitada de digitar o meu texto, porém, ela me animava nos momentos de cansaço.

Como esta dissertação é sobre literatura e eu aprecio diversas expressões culturais, não posso deixar de agradecer a elas, que tanto fazem parte deste meu momento de dedicação à pesquisa, tornando as dificuldades mais suportáveis e permitindo-me superar os desafios de forma mais leve e aprazível. Não tive tanto tempo para ler uma quantidade maior de livros literários do gênero romance, que é o meu favorito, como costumo fazer, mas mantive o hábito da leitura com constância, e o melhor: tive tempo para ficar obcecada com duas obras, *O Pintassilgo*, da autora norte-americana Donna Tartt, *Noites Brancas*, de Dostoievski e *Mrs. Dalloway*, de Virginia Woolf. Tive tempo também para chegar aos episódios semanais de meu anime favorito, *One Piece* e me envolver absurdamente com outras histórias: *Hunter X Hunter* e *Attack on Titan*. Reassistir ao filme *10 Coisas que Odeio em Você*, pela milésima vez, assistir ao lançamento do filme *Coringa: Delírio a Dois* no cinema. Ter tido tempo e disposição para continuar me dedicando aos meus estudos de francês, por conta própria, e com o auxílio de projetos da UnB.

Sem música, eu não vivo, não funciono, não consigo produzir nada satisfatório ou encontrar ânimo para isso. Por isso, como forma de agradecimento, dedicarei as próximas

linhas aos artistas que me fizeram sentir viva e tornaram este processo de escrita muito mais leve e prazeroso: *My Chemical Romance*, uma banda de punk rock e simplesmente a melhor para me afastar o sono, pois os sons musicais têm tanta barulheira que até quando a letra da canção é triste, é impossível não se animar.

Red Hot Chili Peppers, suas músicas me enchem de energia e me fazem querer dançar. Às vezes, porém, acabam me distraíndo da minha tarefa principal, que é escrever meu texto — quando percebo, já fiz uma longuíssima pausa apenas ouvindo as canções.

One Direction, minha banda favorita da adolescência, sei todas as músicas, o que considero um talento. Se estou triste, basta ouvir uma de suas canções para me sentir feliz — ou para afundar ainda mais na melancolia, dominada por sentimentos nostálgicos. *RIP Liam Payne. I'm half a heart without you.*

Nickelback, minha outra banda favorita desde a adolescência ainda me faz querer cortar o cabelo e mudar o meu nome, porque, no fim, todos nós só queremos ser grandes astros do rock. Enfim, tentar não a amar só me faz amá-la ainda mais.

Taylor Swift e *ZAYN*, se a minha vida estiver desmoronando, estarei ouvindo suas canções, pois sustentam o caos ao meu redor.

Jota Quest, a banda mineira que foi a minha salvação durante as minhas crises de enxaqueca, as músicas são mais calmas, trazem paz e sinto vontade de ir a outro show.

Alice in Chains, também com sua barulheira intensa e, às vezes, com uma calma excêntrica que tanto me ajudou. A manter o foco? A me manter desperta? Manteve-me emocionada e exaltada.

Menções honrosas: *Theory of a Deadman*, *Bon Jovi*, *All Time Low*, *Def Leppard*, *Måneskin*, *Three Days Grace*, *Linkin Park*, *Eros Ramazzotti*, *Guns N' Roses*, *Deftones*, *iKON*, *Avril Lavigne*, *Lady Gaga* e *Rosé*. Eu tenho muito bom gosto musical, eu sei.

Por fim, agradeço à Julia criança, que sonhava em ser professora e, mesmo ao crescer e tomar consciência dos desafios dessa profissão, nunca abandonou esse desejo (teimosa). Quando uma criança diz que quer ser professora, é comum que os adultos ao redor a desencorajem ou simplesmente riam, como se fosse apenas uma ingenuidade infantil.

“Trabalho sustenta a gente
mas é só pra serventia,
é a obrigação do mundo
no suor de cada dia!
E eu trabalho: penso, escrevo,
invento, na Poesia,
crio histórias para os outros,
espalho alguma alegria,
espanto a treva do Mundo
que em meu sangue se alumia
dou beleza ao crime e ao choro...
É pouco, mas tem valia!”

— *Joaquim Simão, Ariano Suassuna, A Farsa da Boa Preguiça*

PAZZETTO, Julia. ENSINO DE LITERATURA E LEITURA LITERÁRIA NA ESCOLA NO SÉCULO XXI: novos horizontes, velhos obstáculos. 2025. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Universidade de Brasília, Brasília/DF, 2025.

RESUMO

Em um país como o Brasil, onde mais da metade da população não possui o hábito da leitura, os desafios em torno do ensino da literatura constituem as inquietações para o levantamento das discussões presentes neste trabalho. As transformações sociais variam a forma como o ensino de literatura é compreendido e oferecido no ambiente escolar, o que contribui ainda mais para a perda do espaço da literatura. Assim, a delimitação do tema consiste na literatura como componente essencial na educação básica para a formação dos jovens estudantes, de modo a garantir lugar dos textos literários no meio escolar. Por vezes, a escola se mostra como um ambiente pouco valorizado e motivado para a prática de leitura literária. O que necessita ser feito para alcançar leitores críticos e estéticos se os números de leitores na sociedade brasileira diminuem em vez de aumentar? O objetivo geral desta pesquisa busca investigar como se dá a relação entre texto literário, leitor, ensino e as suas influências também para além da escola. Além disso, intenciona-se perceber como as relações imersas na contemporaneidade interferem no desenvolvimento da leitura na sociedade brasileira. O principal aporte teórico é composto por autores como Leyla Perrone-Moisés (2016), Regina Zilberman (2001), Marisa Lajolo (2018), Antoine Compagnon (2010), Rildo Cosson (2022), Antonio Candido (2012), Tzvetan Todorov (2009), Márcia Abreu (2006), Jacob Guinsburg (2008) e Bordini e Aguiar (1983); os quais discutem questões sobre o ensino de literatura no século XXI, práticas de leitura na sociedade brasileira e seleção de obras literárias para fins educacionais. Como abordagem metodológica inclui-se uma pesquisa bibliográfica respaldada no documento normativo Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e em uma pesquisa quali quantitativa a partir de entrevistas realizadas online ou presencial e envio de questionário para os participantes selecionados, estes de realidades variadas: professores de Letras, atuantes ou ainda em formação, estudantes da rede básica e de sujeitos que não mais estudam. Com isso, verificou-se que ainda que na contemporaneidade tenham surgido tendências inovadoras para colaborar com o ensino de literatura, contextos diversos enfrentam dificuldades no desenvolvimento de práticas literárias significativas no processo de aprendizagem e no estímulo da leitura de textos literários como hábito. Em delimitações conclusivas, entendemos que os(as) professores(as) devem continuar os estudos para estarem bem preparados para quando forem atuar em sala de aula e fortalecer suas percepções críticas diante dos problemas que assolam a educação. Por mais que a literatura seja muitas vezes considerada, por forças dominantes, apenas um enfeite nos currículos escolares há muitos professores, pesquisadores, alunos e leitores que acreditam na importância do papel da leitura literária na formação dos jovens estudantes e do restante da população.

Palavras-chave: literatura, ensino, leitura literária.

PAZZETTO, Julia. TEACHING LITERATURE AND LITERARY READING AT SCHOOL IN THE 21ST CENTURY: new horizons, old obstacles. 2025. Dissertation (Master's in Literature) – University of Brasília, Brasília/DF, 2025.

ABSTRACT

In a country like Brazil, where more than half of the population does not have the habit of reading, the challenges surrounding the teaching of literature constitute the concerns that drive the discussions presented in this work. Social transformations influence how literature education is understood and offered in the school environment, further contributing to the diminishing space of literature. Thus, the delimitation of the theme consists of literature as an essential component in basic education for the formation of young students, ensuring the place of literary texts in the school environment. At times, the school appears to be an environment that is undervalued or lacks motivation for the practice of literary reading. What needs to be done to develop critical and aesthetic readers if the number of readers in Brazilian society continues to decline rather than increase? The general objective of this research is to investigate the relationship between literary text, reader, and teaching, as well as its influence beyond the school environment. Furthermore, it aims to understand how contemporary social dynamics interfere with the development of reading habits in Brazilian society. The main theoretical framework consists of authors such as Leyla Perrone-Moisés (2016), Regina Zilberman (2001), Marisa Lajolo (2018), Antoine Compagnon (2010), Rildo Cosson (2022), Antonio Candido (2012), Tzvetan Todorov (2009), Márcia Abreu (2006), Jacob Guinsburg (2008), and Bordini & Aguiar (1983), who discuss issues related to literature teaching in the 21st century, reading practices in Brazilian society, and the selection of literary works for educational purposes. The methodological approach includes a bibliographical study based on the normative document Base Nacional Comum Curricular (BNCC), as well as a qualitative and quantitative research methodology, incorporating interviews conducted online or in person, and questionnaires sent to selected participants. These participants come from varied backgrounds, including Literature teachers, both practicing and in training, students from the basic education system, and individuals who are no longer studying. The findings indicate that, despite the emergence of innovative trends aimed at improving literature teaching in contemporary times, diverse contexts still face challenges in developing meaningful literary practices within the learning process and fostering the habit of reading literary texts. In conclusion, we recognize that teachers must continue their studies to be well-prepared when entering the classroom and to strengthen their critical perspectives on the issues affecting education. Although literature is often regarded by dominant forces as merely an ornament in school curricula, many teachers, researchers, students, and readers believe in the fundamental role of literary reading in shaping young students and society as a whole.

Keywords: literature, teaching, literary reading.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
Capítulo I.....	13
2. A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA COMO EXPRESSÃO CULTURAL: literatura para quem e para quê?	13
Capítulo II	40
3. LITERATURA E ENSINO: a especificidade dos gêneros literários na escola	40
Capítulo III.....	60
4. METODOLOGIA, RESULTADOS E DISCUSSÃO	60
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	82
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	84
7. APÊNDICES	88

1. INTRODUÇÃO

Pessimista quanto às misérias da existência humana (ou não), porém, entusiasmada com a grandeza da arte. Algumas crianças sonham em ser médicas, policiais, veterinárias, jogadoras de futebol, dentistas, juízas e por aí em diante. Eu sonhava em ser professora e continuo até hoje sonhando com isso. A determinação para realizar o meu sonho de criança e o meu sonho atual, o de ser professora, mas não uma professora qualquer e sim uma professora capacitada e muito bem preparada para atuar em sala de aula, levou-me a buscar mais da minha formação profissional. Aquela criança, já bastante decidida em relação ao “O que quer ser quando crescer?” e aplicada aos estudos, à medida em que se desenvolvia cognitivamente, ampliava suas percepções em torno dos desafios e qualidades do ensino.

Sempre aluna da rede pública, tanto na educação básica quanto na educação superior, sempre nutri orgulho por aqueles que compõem essas instituições, que ao longo da minha trajetória escolar e acadêmica me motivaram ainda mais a continuar percorrendo o caminho traçado por mim desde a infância. Desde a educação infantil eu me recordo de ter tido professores maravilhosos que com toda certeza me marcarão por um longo tempo, bem como me lembro de ter tido professores terríveis que também ficarão em minha mente como importantes exemplos para a minha formação, exemplos para não serem seguidos.

Recordo-me também de tantos colegas de sala que tive e como eu compreendia o quanto eles careciam de um professor, não apenas para aquisição do conhecimento respectivo a algum conteúdo, mas um professor que se atentasse para o seu aspecto emocional, que todos temos, somos sentimentais, sonhadores. Eu, quando adolescente, por ser uma aluna mais quieta, não era muito notada por muitos professores, no entanto, eu tirava notas bem altas e isso fazia com que alguns deles me dessem atenção e, conseqüentemente, reconhecessem a minha dedicação e me motivassem a estudar ainda mais. Já com os meus outros colegas, alguns desses professores também tentavam motivá-los, mas logo desistiam, enquanto que outros professores até se divertiam, desprezando os sentimentos e capacidades dos alunos.

No trabalho final da minha graduação no curso de Letras-Português e Inglês, foquei em questões de literatura, mais especificamente no leitor literário, e tive um grande interesse em explorar outros temas relacionados ao ensino de literatura, considerando a

possibilidade de aprofundar esses estudos em uma pós-graduação. No ano seguinte, ingressei no mestrado em Literatura na UnB e iniciei esta pesquisa intitulada “ENSINO DE LITERATURA E LEITURA LITERÁRIA NA ESCOLA NO SÉCULO XXI: novos horizontes, velhos obstáculos”.

A delimitação do tema centra-se na literatura como componente essencial na educação básica para a formação dos jovens estudantes, de modo a garantir lugar dos textos literários no meio escolar. Desse modo, a proposta para esta dissertação não surgiu por mero acaso. Tais experiências somadas aos fundamentos dos meus interesses próprios em alargar meu estudo em torno da literatura, seus usos e desafios no ensino constituíram as inquietações para o levantamento das discussões presentes neste trabalho. Embora não sejam recentes, trazem reflexões abrangentes para esta área de estudo.

Além de professora, sou apaixonada por livros, e a literatura, desde quando eu era pequenina, sempre esteve presente em minha vida, e como resultado, o amor por ela. Poeta eu nunca quis ser, já até considerei a possibilidade, no entanto, devo admitir, eu seria uma farsa do nível artístico da personagem Joaquim Simão, da peça *A Farsa da Boa Preguiça* de Ariano Suassuna, incompreendida pelas doidices ditas com pouco elemento estético de acordo com a concepção da crítica literária.

Acredito, talvez até ingenuamente, que a desvalorização da profissão docente ocorre, em grande parte, devido à influência exercida por grupos dominantes, que reforçam essa desvalorização e impõem barreiras cada vez mais ultrajantes e desumanas para os professores. Como faço parte desse grupo e enfrentarei o desafio de ensinar literatura e incentivar o gosto pela leitura literária em um país onde mais da metade da população não tem o hábito de ler, pergunto-me: estaria eu, com este estudo, assumindo uma postura de resistência, uma luta pela valorização da literatura e dos professores?

Brevemente, o presente trabalho conta com três capítulos, além das considerações finais. Os capítulos I e II são basicamente análises de materiais teóricos e de um texto literário do autor J.R.R. Tolkien, e o capítulo III, mostra os resultados e as discussões da pesquisa que realizei para esse trabalho. Cada capítulo é voltado a um tema recorrente no ensino de literatura na sociedade brasileira.

O primeiro capítulo corresponde à importância da literatura como expressão cultural para os sujeitos sociais. Nele busca evidenciar como a arte e o artista são importantes na sociedade. Antonio Candido compreende a literatura como uma necessidade universal que precisa ser satisfeita e cuja satisfação constitui-se a um direito. Nesse ponto de vista, a arte e a literatura são tão fundamentais aos indivíduos quanto o

direito à alimentação, moradia, instrução, saúde, liberdade individual etc. Então, no espaço escolar a literatura é igualmente de suma importância, já que a escola faz parte da sociedade, sendo crucial para a formação dos jovens.

O segundo capítulo pretende analisar aspectos da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) no que diz respeito à especificidade da literatura e dos gêneros literários para o ensino. Além disso, examina-se também os principais critérios para a seleção de textos literários, bem como orientações metodológicas que possam contribuir para a prática docente no ensino de literatura.

Já o terceiro, e último capítulo, é destinado à demonstração da metodologia abordada para a obtenção do material utilizado na discussão dos resultados. Seu objetivo é investigar como ocorre a relação entre texto literário, leitor, ensino e as suas influências para além da escola, a partir das relações imersas na contemporaneidade. Para tanto, foram realizadas entrevistas, online, pessoalmente e através de questionários, com dez participantes: de realidades variadas: professores de Letras, atuantes ou ainda em formação, estudantes da rede básica e sujeitos que não mais estudam. Com isso, espera-se proporcionar reflexões mais amplas em torno do tema explorado nesta pesquisa.

Capítulo I

A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA COMO EXPRESSÃO CULTURAL

Literatura para quem?

Em uma palestra realizada em 1988, num evento da Comissão de Justiça e Paz da Arquidiocese de São Paulo da Igreja Católica, o professor, sociólogo e crítico literário brasileiro, Antônio Candido, comentou a respeito da relação entre literatura e direitos humanos. Sua exposição intitulada *O Direito à Literatura*, trata a literatura como uma manifestação universal de todo ser humano em todos os tempos.

Candido defende que o direito à arte e a literatura também configuram os direitos humanos, pois permite a integridade espiritual do cidadão, devendo estar ao alcance de todos. Assim, em se tratando especificamente da literatura, nas palavras de Candido (2012): “[...] a literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo, ela nos organiza, nos liberta do caos e, portanto, nos humaniza.” (Candido, 2012).

A literatura, por corresponder a uma manifestação universal das narrativas que compõem as culturas dos diferentes povos, é um fator indispensável de humanização, dessa forma, constitui-se em um direito do cidadão. Para tanto, o significado de humanização conforme defende Candido:

[...] entendo aqui por humanização (já que tenho falado tanto dela) o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante. (Candido, 2012, p. 13).

Pautado no ponto de vista do sociólogo francês Louis-Joseph Lebret, Candido faz a distinção entre “bens compressíveis” e “bens incompressíveis”, associando esse paralelo aos problemas dos direitos humanos. Os bens compressíveis são cosméticos, enfeites, roupas supérfluas, isto é, itens que são possíveis de o ser humano sobreviver sem

tanta interferência no seu bem estar, digamos assim. Já os bens incompressíveis são aqueles que não podem ser negados a nenhuma pessoa. A este conceito, ele acrescenta a arte e a literatura também como necessidades fundamentais aos cidadãos: “[...] alimentação, a moradia, o vestuário, a instrução, a saúde, a liberdade individual, o amparo da justiça pública, a resistência à opressão etc.; e também o direito à crença, à opinião, ao lazer e, por que não, à arte e à literatura.” (Candido, 2012, p. 6)

Logo, a literatura é considerada por Candido (2012, p. 7) um fator indispensável de humanização, pois confirma o homem em sua humanidade “[...] inclusive porque atua em grande parte no subconsciente e no inconsciente.” Através da educação, acredita-se que o indivíduo desenvolve a cidadania a fim de lhe proporcionar condições para o envolvimento em sociedade e, como resultado, expandir os seus direitos e apreender os seus deveres de maneira a conquistar suas liberdade e vivência numa sociedade justa, igualitária e democrática.

É nítido que a educação, portanto, está vinculada diretamente aos direitos do cidadão. As legislações da República promovem políticas públicas com o intuito de oferecer educação, um direito fundamental aos indivíduos, reconhecendo que, por meio dela, é possível o desenvolvimento e até mesmo a transformação da sociedade, visando à redução das desigualdades sociais.

A implementação de políticas públicas, que viabilizem a educação de qualidade, bem como o estímulo à leitura e à ciência devem possibilitar a diminuição de percentuais desfavoráveis com o propósito de superar tais desafios e efetivar a melhoria da educação e o aumento do número de leitores no país. “Nenhuma sociedade pode melhorar seu patamar de desenvolvimento humano, reduzir desigualdades sociais e construir uma democracia sólida se quase metade da sua população não é leitora.”

(Failla, 2019, p. 24) Em 2019, a maioria dos brasileiros ainda não era leitora. Com tantos avanços tecnológicos no mundo seriam possíveis caminhos viáveis para a solução dos diversos problemas que acometem a sociedade. No entanto, o contrário é o que se verifica cada vez mais. Assim como a humanidade tem meios para solucionar os

impasses, também colabora para gerá-los em maior parcela:

Quem acredita nos direitos humanos procura transformar a possibilidade teórica em realidade, empenhando-se em fazer coincidir uma com a outra. Inversamente, um traço sinistro do nosso tempo é saber que é possível a solução de tantos problemas e, no entanto, não se empenhar nela. (Candido, 2012, p. 13)

Embora pareça um tanto quanto ilusório acreditar que ocorrerão mudanças capazes de favorecer a todos os indivíduos, visto que há condições reais para isto, mas que não há ações suficientes para sua realização, são indispensáveis perspectivas esperançosas e empenhadas para modificações consideráveis. Dessa forma, a educação pautada como requisito de tamanha relevância para a transformação individual e social dos sujeitos é o recurso mais promissor para isto.

Vincular a educação ao pressuposto de promover para todos o que é indispensável para alguns é um dos maiores desafios da educação. Considerar que o outro necessita de apenas o básico para a sua sobrevivência é o equivalente a negar os seus direitos em sua totalidade. A partir de então, a literatura assume um compromisso restrito a poucas pessoas. É função das escolas viabilizar o direito à língua e às suas variantes bem como reconhecer aquelas de prestígio e a literatura, já que são manifestações humanas.

Conforme defende Antonio Candido, a instrução literária compreende-se em uma necessidade do ser humano que carece de ser atendida: “uma necessidade universal, que precisa ser satisfeita e cuja satisfação constitui um direito.” (Candido, 2012). Diante disso, fica evidente que a literatura é um direito do cidadão, e seu acesso deve ser democratizado. Por meio das instituições de ensino, é possível promover sua integração com a sociedade, sem restringi-la a um grupo específico nem excluir parte da população.

Literatura para quê?

Leyla Perrone-Moisés (2019) ao longo do seu livro *Mutações da Literatura no século XXI* lança a seguinte pergunta: “No conjunto de graves problemas que assolam o mundo atual, que importância tem, afinal, a literatura?”. (Perrone-Moisés, 2019, p. 35) E a responde consecutivamente:

Responder a demandas de valor não quantificáveis, individuais e coletivas. Corresponder a uma concepção do ser humano que não restrinja os ricos à categoria de consumidores e os pobres à categoria de “sem-tudo”. Dizer respeito à preservação de um patrimônio cultural de cada nação e da humanidade, cuja memória está registrada nas palavras mais significativas, que são as da literatura. (Perrone-Moisés, 2019, p. 35)

As palavras acima, da autora, evidenciam o quanto a literatura é creditada com devido respeito e reconhecimento por sua relevância aos indivíduos através da linguagem. O filósofo Arthur Schopenhauer em seu livro *As Dores do Mundo* (2019) trata de temas

diversos envolvendo a vivência do ser humano na sociedade e suas consequências. Um dos capítulos é dedicado à arte e aos seus efeitos. Para ele, a arte é uma redenção que, em suma, livra o sujeito da dor sofrida pelas circunstâncias produzidas pela natureza humana no mundo.

Neste sentido, a arte atua na consciência daquele que a aprecia e, como resultado, evoca sentimentos em toda a sua plenitude; emoções que se dissipam incessantemente pela imagem leal da essência do universo que o artista transpõe em suas obras. Amor, ódio, alegria, tristeza, medo, esperança, estranhamento, suspeitas, dentre outras, são comoções que a arte é capaz de oferecer a quem a experiencia com deleite.

Em se tratando especificamente da arte das palavras, o filósofo alega que o poeta é o espelho da humanidade, pois este tem adquirido as habilidades necessárias para apresentar a imagem clara e fiel daquilo que a natureza humana experimenta e sente, tornando-se então em um ser universal:

O poeta é homem, universal: tudo o que agitou o coração de um homem, tudo o que a natureza humana, em todas as circunstâncias pôde experimentar e produzir, tudo o que reside e fermenta num ser mortal – é esse o seu domínio que se estende a toda a natureza. Por isso o poeta pode contar tão bem a voluptuosidade como o misticismo, ser Angelus Silésius ou Anacreonte, escrever tragédias ou comédias, representar sentimentos nobres ou vulgares, segundo a fantasia ou a vocação. Ninguém poderia prescrever ao poeta ser nobre, elevado, moral, piedoso e cristão, ser ou não ser isto ou aquilo, porque ele é o espelho da humanidade e apresenta-lhe a imagem clara e fiel do que ela sente. (Schopenhauer, 2019, p. 90-91)

Assim, o poeta, o artista, são de extrema importância para a sociedade, já que suas produções, além de compartilhar das vivências da humanidade e daquilo que está subvertido em seu interior, também propõem a ela o exercício da reflexão, do autoconhecimento e o intermédio nas interações sociais, que estão igualmente vinculadas ao mundo exterior.

Entende-se o termo ‘poeta’ com base na *Poética* aristotélica, altamente significativa para os estudos literários desde o século XVI até os dias atuais. A *Poética* compreende importantes reflexões em torno da arte e do que veio a se tornar conhecido como literatura. Embora a literatura tenha sido bastante valorizada no século XIX, no século XX — período conhecido como modernidade — a perda de prestígio das artes e da literatura passou a ser percebida por seus apreciadores e defensores. No século XXI, tal cenário de desvalorização das artes continua ocorrendo, o que afeta, conseqüentemente, o papel da literatura no ensino.

No século XVIII, importantes revoluções na Europa mudaram o contexto ocidental. A Revolução Francesa e a Revolução Industrial impulsionaram imensamente a formação da sociedade moderna. Houve então o encaminhamento de novos ideais sociais, políticos, ideológicos, econômicos e culturais que permitiram a ruptura com os valores herdados da Idade Média.

A ideia de liberdade foi assumida tanto no campo político e social quanto no campo artístico. Assim, as teorias revolucionárias daquele momento histórico também influenciaram o surgimento do movimento romântico, o romantismo, que se desenvolveu no fim do século XVIII e no início do século XIX. O Romantismo foi um movimento de oposição provocante ao Classicismo, movimento até então vigente, o qual tem como característica predominante, como sua terminologia sugere, o clássico. Segundo Jacob Guinsburg (2008), o termo ‘Classicismo’ tem origem da palavra latina *classis*, que em português significa ‘frota’.

À palavra clássico foram atribuídas diferentes definições no transcorrer dos tempos. “[...] o vocábulo sofreu várias transformações, passando a designar um valor, estético, ético, mas principalmente didático.” (Guinsburg, 2008, p. 262) A partir desta perspectiva, o aspecto estilístico mais valorizado das obras clássicas veio a ser para fins didáticos. No entanto, os gêneros literários seguem tipos de composição próprios, de modo que as obras literárias obtiveram reconhecimento para serem estudadas nas escolas, sendo consideradas modelares e imprescindíveis nas bibliotecas.

Por herança de um ditame manifestado em obras literárias vigoradas no Classicismo, que têm como padrão de referência a arte da Antiguidade grega e os escritos contidos na *Poética* de Aristóteles, pode-se assinalar que os ensinamentos éticos e morais, combinados com a beleza e forma, edificam o ser humano:

[...] no Classicismo o valor estético reside uma obra, e somente nela. Por trás da arte, deve desaparecer o artista. Sem ser um anônimo mestre ou oficial, este trabalha quase como um artesão, seguindo as regras estabelecidas, às quais se conforma e se ajusta humildemente. Uma obra, por sua vez, sendo basicamente um autovalor, deve por si fazer-se valer esteticamente, perante o público. Mas não para comunicar-lhe apenas a beleza. O efeito da obra terá de ser "dulce et utile", como diz Horácio. Isto é, além de suscitar reações aprazíveis, ela deve trazer proveitos de natureza prática, sobretudo didática. (Guinsburg, p. 263-264, 2008)

Dessa maneira, a particularidade essencial do classicismo é o apagamento da expressividade do escritor na obra, visto que ele precisa ser comprometido com a disciplina dos seus impulsos subjetivos. Ser objetivo e racional é uma regra para o autor,

manifestar-se na obra não é um desejo e muito menos um dever. Essa é a marca dos seus grandiosos textos literários, ou seja, uma característica própria do trabalho estético dos autores desse período." A obra é o que vale como tal e não pelo que ela diz de seu criador." (Guinsburg, 2008, p. 251)

O período de ascensão do Romantismo caracterizou-se por uma época de conflitos e rebeldia, uma vez que os novos pressupostos ideológicos e as lutas sociais se opunham aos valores vigentes dominantes. Os românticos, ao romper com a tradição clássica, buscavam formas artísticas que permitissem maior liberdade de criação ao artista. O novo modo de narrar, escrito em prosa e denominado romance, inicialmente causou desagrado quanto à sua recepção pelo público leitor:

[...] sendo lhe dado inicialmente um sentido pejorativo, pois, em meio a um mundo clássico, destina-se a qualificar um gênero de relato ficcional meio disparatado, absurdo, cheio de lances heroicos e fantásticos, onde há muitas peripécias de amor e aventura, que ainda hoje certamente chamaríamos de "romance". (Guinsburg, 2008, p. 264)

Contudo, aos poucos, com o passar dos anos o termo romance consolidou-se de maneira aceitável pelos seus receptores. Assim, na literatura, um elemento que passa a ter bastante destaque é o "eu", ou seja, a subjetividade, em contraste com a representação objetiva do real, como o preceito da arte clássica. O autor, em sua obra, passa a expressar questões relacionadas ao mundo subjetivo, ao emocional, ao psíquico, ao ego, à religiosidade, às reflexões da natureza humana etc.

Ao se opor aos escritores clássicos que seguem um padrão para não se desviarem da "perfeição" estética, tão admirada pela crítica literária, o escritor romântico segue o modelo de não se prender a padrões estéticos estabelecidos. "A sua criação é fruto da pura espontaneidade." (Guinsburg, 2008, p. 267). Esse propósito de liberdade artística é uma herança histórica para demais produções artísticas que buscam romper com paradigmas existentes no meio literário e por vezes, por nem conhecerem tais propósitos estilísticos, aspirantes a autores aderem a tal legado inconscientemente.

O Romantismo, no auge de sua liberdade de expressão artística, deu intensa ênfase ao engajamento político e social da coletividade. Isso, nas manifestações artísticas, tanto do período histórico da época quanto dos posteriores, encorajou outros artistas a se envolverem com essas causas, expressando suas opiniões políticas com cunho social mais marcado. De acordo com Guinsburg:

[...] o Romantismo, na sua propensão historicizante, aglutina as sociedades em mundos, comunidades, nações, raças, que têm antes culturas do que civilizações, que secretam a individualidade peculiar, uma identidade, não de cada indivíduo mas do grupo específico, diferenciado de quaisquer outros. (Guinsburg, 2008, p. 15)

Tal posicionamento do escritor por meio da literatura atrelada ao engajamento retórico, isto é, mais focado em utilizar a retórica como elemento da linguagem a fim de convencer, aconselhar o leitor, tornou-se um recurso fortemente presente nas obras literárias dos últimos três séculos. O engajamento retórico com valor ideológico postulado na expressividade do autor é um constituinte essencial das obras literárias.

Contudo, nos últimos tempos, há obras que pouco evidenciam os componentes estéticos, igualmente fundamentais para a literatura, o que influencia a maneira como ela é compreendida tanto pela sociedade quanto pelas escolas. Os textos literários que apresentam essas características de forma mais explícita e abrangente costumam ser preferencialmente utilizados no ensino, com o intuito de instruir o aluno, como se esse fosse o propósito principal da literatura nas escolas.

Os artistas modernos e os artistas pós-modernos divergem em seus propósitos de escolhas e valor estético, logo, o resultado de suas obras também varia. Desse modo, a arte moderna preocupou-se com a inovação, desviada do passado, na literatura a linguagem literária buscou a valorização da técnica, como atesta Perrone-Moisés:

Alguns dos principais teóricos da literatura moderna detiveram-se nessa questão da valorização da técnica. Barthes observou que o escritor, desde que sua condição deixou de ser considerada uma vocação ou uma missão recebida do Além, sentiu a necessidade de se afirmar como um profissional. A técnica e o ofício tornaram-se, para ele, imperativos éticos, “responsabilidade da forma”. (Perrone-Moisés, 1998, p. 155)

No que concerne às produções artísticas, novos ideais estéticos foram ganhando forma, desenraizados das propostas de inovação do modernismo na modernidade. Já a arte pós-moderna costuma apresentar um viés não exatamente voltado para a inovação, como no período modernista; ou seja, seus propósitos não remetem à ânsia disparada por criar novos estilos literários, mas sim à liberdade artística como processo de autoconhecimento. As obras são mais carregadas de elementos temáticos do que estéticos, refletindo a severidade de opiniões realistas sobre a sociedade.

De certa forma, os escritores pós-modernos desprendem-se em alguns aspectos, como na desvinculação das amarras que interferem na liberdade da escrita, preocupando-se pouco com as formas e técnicas ou até mesmo com a desassociação dos parâmetros do

passado. No entanto, o passado não é algo a ser renegado; pelo contrário, por meio dele é possível obter lições pertinentes em prol da expressão e do estilo. Os autores miram a expressividade por meio da linguagem como veículo da produção simbólica.

Pode-se dizer que a característica mais marcante da literatura pós-moderna é o seu vasto envolvimento com o meio social, a valorização da vida cotidiana. É claro que isso não se trata de algo inovador, visto que o engajamento social e político já é intrínseco à arte. Todavia, os novos ideais que constituem a sociedade brasileira contemporânea conferem às obras literárias pós-modernas e contemporâneas grande relevância para o sujeito leitor inserido nesse contexto.

Denominações como modernidade tardia, pós-modernidade e contemporaneidade são frequentemente utilizadas como sinônimos devido à sua denotação ambígua ou até mesmo insuficiente. No campo das artes, essa imprecisão de significados torna-se ainda mais perceptível. As culturas pós-modernas, surgidas ou reconhecidas na contemporaneidade, isto é, na atualidade, costumam ser alvo de contradições, seja por desvalorização ou valorização, tanto pelo senso comum quanto por estudiosos da sociedade. Além disso, muitas vezes são julgadas de modo depreciativo quando comparadas a culturas e estilos de vida de séculos passados. Suas produções artísticas, por critérios de avaliação, são classificadas como boa arte ou arte ruim.

O valor da literatura que estabelece a grandeza da obra literária conforme as visões e estudos de muitos críticos literários ao longo do tempo, é pautado em aspectos como profundidade, originalidade, complexidade, criatividade, estranhamento, a partir de comparações. E para isso, os críticos se baseiam em abordagens teóricas, que de modo consciente ou não, segundo o crítico literário Compagnon (2010), dependem de um sistema de preferências: “Assim, uma teoria erige suas preferências, ou seus preconceitos, em universais (por exemplo, o estranhamento ou a negatividade).” Ou seja, os critérios avaliativos de uma obra literária são carregados de valores ideológicos.

As obras literárias produzidas na contemporaneidade, as que apresentam grandeza de qualidade, são como uma mistura da infinidade profunda da linguagem e do pensamento inventivo, criativo e estético herdado pelos seus precursores. É inegável o valor da literatura como herança para a sociedade. Acerca desse legado, Perrone-Moisés defende com riquíssimas palavras:

As grandes obras produzidas nos séculos XIX e XX constituem uma riquíssima herança da cultura ocidental. Os herdeiros são não somente a massa de leitores que recebem passivamente esse legado, mas principalmente os escritores

atuais, que assumem o encargo de fazê-lo prosperar. Como acontece com todos os herdeiros, muitos deles dilapidam a herança, trocam-na em miúdos, produzindo uma infinidade de pequenas obras de mero entretenimento, ou nem isso. Outros a gastam moderadamente, seguindo os ensinamentos de seus pais e avós. Mas alguns sentem mais intensamente o peso da herança e procuram ser dignos daqueles que a legaram. (Perrone-Moisés, 2019, p. 23)

O autor desempenha um papel crucial no tratamento dado ao texto literário, pois sua intenção é interpretar o mundo por meio do discurso literário, tendo a linguagem como condutora da narrativa. Dessa forma, cabe ao leitor, sujeito inserido no mesmo mundo que o autor, tornar-se parte do universo ficcional criado por este ao ler sua obra. Através de suas experiências, percepções, imaginação, criatividade e criticidade, ele se torna apto a compreender, interpretar e atribuir significados à obra lida.

Umberto Eco (1986) define o leitor como Leitor Modelo. Para ele, o leitor é o elemento responsável por preencher os espaços vazios na incompletude dos textos narrativos, dando-lhes forma provida de sentido. Nesta visão, o texto é incompleto e, portanto, o leitor é um destinatário preciso.

As obras ficcionais tornam-se mais complexas de interpretação, pois a linguagem literária nelas disposta é repleta de não-dito, e o leitor deve mover-se com o texto para construir o seu sentido. Logo, do leitor literário são esperadas inúmeras possibilidades interpretativas de significados. Compete a perspicácia, e ao leitor que não possui tal sagacidade, o leitor comum, a obra apresenta-se apenas como mais um livro ou como ilegível, e conseqüentemente, ausente do sentimento de prazer pela leitura.

Barthes (1987) ancorado nas percepções do filósofo Sade, indica que as rupturas ou certas colisões por meio da redistribuição da linguagem são componentes fundamentais para fazer-se viável o ato de prazer em se ler um texto literário. “O prazer do texto é esse momento em que meu corpo vai seguir suas próprias ideias – pois meu corpo não tem as mesmas ideias que eu.” (Barthes, 1987, p. 29)

Nesse sentido, a leitura configura-se como um processo contínuo, que se aprimora à medida que o leitor interage com o texto e lhe atribui significados. O papel do leitor é essencialmente colaborativo e ativo, exigindo criticidade na relação entre obra, leitor e autor. Afinal, o autor também depende do leitor, uma vez que essa tríade se sustenta por uma interdependência fundamental para a efetivação da experiência literária.

Literatura e sua função no contexto escolar

Comumente, e até de forma equivocada, a compreensão da literatura no meio escolar, em relação à sua finalidade, é associada apenas à aquisição do conhecimento como um instrumento aliado ao ensino, visando à transformação do sujeito; a partir de leituras que transmitem ensinamentos de valores éticos, morais, ideológicos e sociais, com caráter pedagógico, através da literatura infantojuvenil.

Nessa concepção, a literatura torna-se um método, ou seja, uma técnica pedagógica que se opõe à instigação do pensamento crítico e simbólico, devido à dependência histórica herdada do ensino escolar. Isso resulta em um problema didático, pois sua aplicação tende a limitar o comportamento humano, reduzindo, conseqüentemente, a capacidade intelectual dos indivíduos.

Desde a antiguidade clássica, o terreno em torno das funções da arte ganhou mais destaque, em especial com a contribuição de um dos pensadores mais influentes da Grécia Antiga, Aristóteles, que forneceu bases importantíssimas para fundamentar vertentes relacionadas à ciência, à lógica, à filosofia ocidental, e também à arte. Para ele, a arte poética, denominada ao passar dos séculos como literatura, tem função catártica. Em sua concepção, a arte é imitação das ações humanas e não propriamente a imitação dos seres humanos ou da realidade em si, logo, representa o que os homens fazem e não o que eles são. Além disso, Aristóteles formulou um elemento muito significativo para o estudo do campo artístico, o conceito de catarse.

O termo catarse tem a ver com a função social da obra de arte, ou seja, diz respeito ao efeito que a arte tem diante de seus receptores. Tal função catártica na concepção do filósofo pode ser mais percebida na literatura, com destaque ao drama através do teatro. Por meio da catarse, o espectador pode ser capaz de experimentar emoções e a partir disso expurgar seus sentimentos como um descarregamento daquilo que é ruim e que está em seu interior.

Portanto, ao externalizar essas imperfeições, é possível transformá-las em virtudes essenciais ao ser humano. “Aristóteles reconheceu que as reações emocionais bem equilibradas são um fator crucial para fazer escolhas corretas, e assim, formar e manter um bom caráter estabelecido.” (Janko, 1990, p. 343, tradução minha). Neste sentido, a catarse purifica a alma em vez de poluí-la.

Ao longo dos séculos, novos conceitos e novas funções são atribuídas à literatura. Através da catarse, que busca reger o comportamento humano a fim de propiciar mais experiência para a vida em sociedade, é perceptível identificar na arte literária funções

moral, didática e social, dando à literatura utilidades que se manifestam no sujeito no decorrer de sua experiência como leitor. Considerando as relações do leitor com o meio social, a literatura configura-se como um viés transformador do indivíduo.

A educação é um componente transformador, visto que ela proporciona a mudança nas pessoas. Assim sendo, o uso da literatura no âmbito educacional é visto como um recurso imprescindível para colaborar na mudança dos indivíduos. “Educação não transforma o mundo. Educação muda as pessoas. Pessoas transformam o mundo”. (Freire, 1979, p. 84). É possível parafrasear este icônico dizer de Paulo Freire ao considerar também a literatura, pois esta não transforma o mundo, muda os indivíduos que a leem ao proporcionar-lhes viver situações diferentes das suas e, assim, transformando-os em pessoas melhores capazes de conceber o mundo de outra maneira e mudá-lo, moldando o seu caráter.

Contudo, essa mudança não pode ser simplesmente atestada como parte da educação em geral, pois alcançar a transformação do indivíduo por meio da arte literária é um processo que vai além da jornada dos sujeitos na escola. Caso contrário, bastaria a leitura de um determinado livro para transformar uma legião de alunos em pessoas melhores, prontas para reformular a sociedade em que vivem. Diante desta perspectiva, no campo educacional acredita-se que a literatura é imprescindível por seu caráter humanizador e é vista como um instrumento que vai além da fruição de um texto literário, uma vez que permite a aquisição do conhecimento seja histórico, social, cultural.

É fundamental destacar que na escola o uso da literatura está respaldado a um meio didático para obtenção do aprendizado que compõe os conhecimentos necessários aos componentes curriculares na educação básica, o que resulta num ensino de literatura insuficiente para contribuir com a formação e o hábito de leitura. Além disso, diante de novas manifestações artísticas que, de certa forma, não privilegiam a especificidade do valor literário e estético do texto, confere-se à palavra literária um caráter documental, o que a coloca apenas como mais um entre muitos discursos.

Essa noção a respeito do didatismo através da literatura, com o objetivo de instruir os alunos e como resultado esperar que o produto artístico exerça o efeito transformador para atuar no indivíduo é uma situação bastante presente na era atual. Embora as obras de arte, em específico a literatura, frequentemente percam espaço nas instituições de ensino da rede básica, o fim destinado a elas em sua primazia é semelhante aos propósitos estéticos e éticos das composições literárias correspondentes ao Classicismo, modelos de

exaltação e autoridade. Entretanto, é na modernidade, no século XVIII que essa situação se intensifica com o advento de escolas para o público mais jovem.

Os séculos anteriores serviram como aprendizado para que novos interesses políticos, econômicos, sociais e ideológicos surgissem. Mesmo ao se desvencilharem de antigos preceitos, as novas ideias ainda carregam raízes do passado. Isso ocorre, por exemplo, com a herança literária e os ideais pedagógicos, cuja origem faz parte da história e, inevitavelmente, não pode ser excluída. De uma forma ou de outra, essas influências moldam as concepções que surgirão posteriormente.

A concepção de educação nos dias atuais está vinculada à história social da criança e da família, bem como à sua relação com a escola desde a ascensão da burguesia. Essa nova classe social tinha como um de seus princípios o cuidado com os filhos, pautado em valores centrados na educação, considerando o futuro de seus herdeiros. Desse modo, a criança deixa de ser tratada como um adulto em miniatura e o termo ‘infância’ passa a compreender um ideal elaborado a partir do ponto de vista dos adultos.

Aos poucos as crianças deixam de fazer parte da classe trabalhadora para se concentrarem nos objetivos da formação escolar, dominados por ideologias projetadas pelos adultos para que as crianças os reproduzam conforme as exigências da sociedade, como descreve Regina Zilberman (2012, p.11):

Enquanto isso, como a criança verdadeira era ilhada, porque tornada alheia aos meios de produção, e comprimida pelos mais velhos, que assim as seguravam seu prestígio e dominação, foi elaborada uma série de atributos, os quais revestiram a qualificação dos pequenos e reproduziram ideologicamente sua diminuição social: a menoridade, a fragilidade física e moral, a imaturidade intelectual e afetiva.

Diante da perspectiva acima, o adulto é aquele quem definiria como a criança deveria ser e se portar na sociedade, sendo o menor a imagem do reflexo do adulto idealizada em decorrência de suas exigências e necessidades essenciais particulares. O sistema escolar ampliado e melhorado pelos interesses da burguesia assumiu um papel fundamental para a organização social e para os processos de ensino posteriores. A escola desde então passa a desempenhar caráter pedagógico de ideais normativos sustentados por concepções ideológicas de poder do Estado e da sociedade.

A essa altura a produção de literatura com personagens infantis voltada para o público infantojuvenil ganha destaque porque é tomada pelo adulto como urgência para sua instrumentalização no meio escolar. A literatura infantil assume o compromisso de

transmitir os ensinamentos determinados pelas normas em vigor. O professor também desempenharia função de instrumento de transmissão para o aluno, que seria um ser passível de manifestações, tanto professor quanto aluno apenas receberiam o que deveriam fazer e como fazer, isto é, suas capacidades intelectuais seriam reduzidas para não comprometerem com as visões de mundo já estabelecidas naquele contexto burguês.

Tendo em vista os aspectos mencionados e em consonância com as investigações de Zilberman (2012), a escola desempenha papel fundamental na formação ideológica da criança e do adolescente. Isso ocorre porque as instituições escolares fazem parte da estrutura organizacional da sociedade, que se baseia em preceitos ideológicos e busca preparar o jovem para a vida em um mundo cuja realidade é construída sob a ótica adulta. Tanto o professor quanto a literatura podem ser utilizados como instrumentos desse processo, de acordo com princípios postulados. Essa relação entre o desenvolvimento da formação escolar dos jovens e a contribuição da literatura com propósitos didáticos no ensino é, portanto, uma herança educacional que ainda perdura nos dias atuais de forma semelhante.

Os leitores no Brasil: alguns dados

Tal problemática envolvendo escola, ensino e literatura se encontra sólida até os dias de hoje. A 6ª edição da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil¹ divulgada em 19 de novembro de 2024 traz dados atualizados sobre o comportamento leitor no país, de 2019 a 2024. Em comparação com a 5ª edição da pesquisa, que abrange os anos de 2015 a 2019, os resultados atuais indicam que, em 2024, o número de leitores na população brasileira diminuiu. Ou seja, ao longo desses cinco anos, houve uma redução no número de leitores, enquanto a estimativa de não leitores alcança 53% da população.

Em porcentagem isso significa uma redução de 1%, o que visivelmente pode ser assimilado como pouco, mas se levar em conta a estimativa populacional de leitores participantes da pesquisa, o que representa milhões de pessoas, houve a diminuição de 100,1 para 93,4 leitores. Para a coleta desses dados, a pesquisa considera como leitores aqueles que leram um ao menos um livro de qualquer gênero, inteiro ou em partes,

¹Pesquisa realizada pelo Instituto Pró-Livro (IPL), em parceria com a Fundação Itaú, sob a coordenação de Zoara Failla. O público-alvo abrange a população a partir de 5 anos de idade, sem exigência de escolaridade mínima.

impresso ou digital, nos últimos três meses. E o não leitor é aquele que declarou não ter lido nenhum livro ou parte de um livro nos últimos três meses, mesmo que tenha lido nos últimos doze meses.

O principal motivo que ocasiona a queda do percentual do público já leitor, segundo a pesquisa, é a falta de tempo, sendo a barreira dominante para não ler mais. Entre aqueles que não são leitores as causas com maior destaque são a falta de tempo e o não gostar de ler, quase em consonância, e o não ter paciência para ler vem logo após como o mais respondido. Tais dados mantiveram-se praticamente inalterados desde 2019, exceto os da opção *não gostar de ler*, que de 28% aumentou para 32% em 2024.

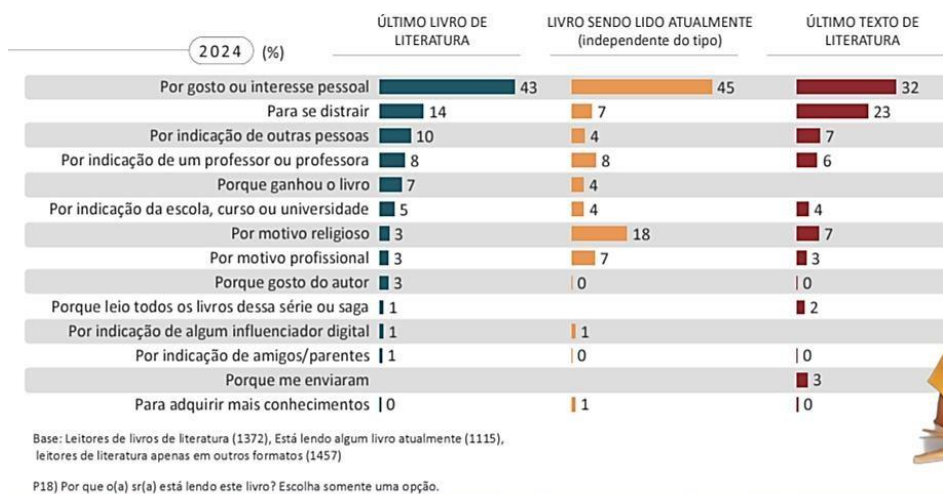
Ao analisar os resultados da pesquisa, observa-se que a maior concentração de leitores está entre os estudantes, desde a educação básica até o ensino superior. Entretanto, quando se trata de ambientes ou circunstâncias que provocam o interesse pela leitura, a escolha por vontade própria representa 25% enquanto que as indicações da escola mostram 12%. Vale ressaltar que, em 2024, esses percentuais são ainda menores em comparação com os de 2019.

Já no que diz respeito aos leitores literários, que a pesquisa define como aqueles que leram pelo menos um livro de literatura seja inteiro ou em partes (dos gêneros contos, crônicas, romances ou poesias) por vontade própria, nos últimos três meses. Os temas e assuntos são mais influentes entre o público entrevistado maior de 18 anos, enquanto que entre os leitores de 5 a 17 anos a capa e sugestão de livros pelo professor mais apontados por essa parcela de sujeitos, mas ainda assim, os resultados mostram que a influência do professor é um dos fatores pouco determinantes em relação a outros que são mais atribuídos para a escolha de um livro.

Entre os leitores de literatura que leram um livro literário nos últimos três meses em 2024 a motivação principal para terem lido literatura deu-se por questões de gosto ou interesse pessoal. Considerando que 77% dos entrevistados são estudantes, é preocupante que a escola, a universidade e os professores exerçam tão pouca influência na motivação para a leitura de livros literários, conforme mostra a tabela abaixo retirada da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil:

Figura 2: Motivação para ter lido literatura em 2024.

Motivação para ter lido literatura



Fonte: Retratos da Leitura no Brasil, 5ª. Edição (2024)

Esses dados sugerem a necessidade de repensar estratégias de incentivo à leitura no ambiente educacional.

Regina Zilberman (2012) aponta que a literatura infantojuvenil, ao servir como instrumento na escolarização para transmitir ensinamentos de acordo com a visão de mundo adulta, assume padrões que vão em desacordo com os interesses dos jovens. Como consequência, surgem as dificuldades em torno do gosto à leitura literária e do desenvolvimento do hábito leitor dos estudantes. Além do número de jovens que não gostam de ler aumentar no decorrer dos anos, os dados da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil revelam que o tempo é outro fator muito elencado como barreira para a não leitura de livros literários.

Tanto os leitores como os não leitores indicaram que em seu tempo livre preferem atividades que têm relação com as novas tecnologias. Dentre os leitores 87% gostam de usar a internet em seu tempo livre e 70% dos não leitores preferem essa atividade. O uso das redes sociais como Facebook, Instagram ou Twitter representa 55% para os leitores e 44% para os não leitores. Assistir a filmes/vídeos em casa: 63% para os leitores e 44% para os não leitores. A prática de esportes entre os leitores é de 33% e entre os não leitores é de 18%. Na opção não faz nada, descansa ou dorme, tanto leitores quanto não leitores representam 20% cada. Já a taxa daqueles que preferem destinar seu tempo livre a leituras é de 37% aos leitores e 6% aos não leitores.

Um dos infortúnios da atualidade é a necessidade da concretização imediata daquilo que se deseja. A respeito disso, o filósofo polonês Zygmunt Bauman busca conceituar o respectivo período como modernidade líquida na qual seus indivíduos são sujeitados a uma vida líquida:

Em suma: vida líquida é uma vida precária, vivida em condições de incerteza constante. As preocupações mais intensas e obstinadas que assombram esse tipo de vida são os temores de ser pego tirando uma soneca, não conseguir acompanhar a rapidez dos eventos, ficar para trás, deixar passar as datas de vencimento, ficar sobrecarregado de bens agora indesejáveis, perder o momento que pede mudança e mudar o rumo antes de tomar um caminho sem volta. (Bauman, 2007, p. 8)

Assim, compreende-se que a pressa que se mostra tão presente na sociedade atual é resultado de condições projetadas por ela mesma, e que influenciam tanto os leitores quanto os não leitores nas razões de não lerem mais ao admitirem que não têm tempo para tal atividade, mas para outras o tempo se faz presente. Assim como a falta de paciência para ler acomete leitores e não leitores.

Leitura literária além da escola: influências e impactos na sociedade

Como demonstrado no tópico anterior deste capítulo, os dados indicam que os jovens que leem literatura o fazem mais por interesse próprio do que por influência escolar. Já aqueles que não leem, em grande parte, justificam essa ausência pelo desinteresse. Esse fator acarreta consequências sociais que vão além do ambiente escolar, já que mais da metade da população brasileira não é leitora. Diante desse cenário, esta seção é dedicada à leitura literária e suas influências fora do espaço escolar.

É interessante e, ao mesmo tempo, inquietante refletir sobre o contexto da sociedade brasileira nos últimos tempos, especialmente no que se refere ao avanço e ao acesso à Internet. Essa ferramenta tornou-se essencial para os indivíduos, e imaginar o mundo sem ela, no estágio atual, seria algo distópico e sem sentido. Graças a esse meio digital e à expansão das redes sociais, a interação entre os seres humanos se ampliou, assim como o impacto da literatura enquanto prática social em situações reais de uso.

Os espaços não escolares incentivam práticas de leitura literária, aproximando os leitores tanto entre si quanto das obras. Comunidades online interativas, como o site

Goodreads – uma plataforma global exclusiva para o meio literário, que exige conhecimento do inglês para facilitar a navegação – permitem que os leitores compartilhem opiniões, sentimentos sobre suas leituras e até conversem com novos autores. Há também o *Skoob*, rede social criada em 2009 com propósitos semelhantes aos do *Goodreads*, que é voltado especificamente para o público brasileiro. Meios como esses promovem o contato entre leitores, permitindo a troca de experiências literárias; falar sobre livros torna-se tão essencial quanto a leitura em si.

Contudo, ao mesmo tempo em que as novas tecnologias são capazes de atrair novos leitores literários, são também propícias a distanciar o público das obras. Com o surgimento e a popularização das mídias sociais e digitais, cada vez mais focadas no entretenimento repleto de opções, os indivíduos preenchem seu tempo com atividades que lhes parecem mais atrativas no momento.

A leitura por meios além do livro físico, como e-books e conteúdos disponíveis na Internet, blogs, sites e publicações em redes sociais voltadas ao incentivo e divulgação da literatura, também é bastante consumida. Existem blogs, sites – dentre outras plataformas – que dedicam matérias à discussão sobre literatura e livros como forma de incentivar a leitura.

Apesar disso, muitos escritores e colunistas não possuem formação na área de Letras e acabam por disseminar práticas literárias pouco produtivas, tanto para aqueles que não gostam de ler quanto para leitores habituais. Como exemplo, na tentativa de solucionar a questão da 'falta de tempo', sugerem livros de leitura rápida, priorizando obras de fácil assimilação que não exigem tanto do leitor, sem considerar os benefícios que a imersão numa leitura profunda proporciona.

Há também os audiolivros, cuja proposta é facilitar a vida de quem tem uma rotina cheia. Segundo essa lógica, eles são ideais para serem inseridos no dia a dia, permitindo que a pessoa os ouça enquanto realiza outras tarefas, como se fosse um podcast. No entanto, se o indivíduo optar por ouvir um audiolivro de uma obra literária — mesmo uma de leitura rápida — enquanto está na academia ou no trânsito, será que sua concentração será suficiente?

Pois, se a escuta de audiolivros também se configura como leitura, ela igualmente exige atenção, interpretação e envolvimento do ouvinte para a construção de sentido do que se ouve. A pressa, a rapidez e a facilidade tornaram-se primordiais para a sociedade atual, como um vírus que se espalha, e com a leitura não é diferente.

O Brasil, um país vasto em extensão e rico em diversidade cultural, ainda sofre imensamente com as desigualdades sociais – o que não é novidade. É justo reconhecer que as políticas públicas voltadas à educação contribuíram significativamente para a redução do analfabetismo, um dos grandes problemas do país. No entanto, esse avanço traz consigo outras questões que merecem uma análise mais aprofundada para que seus efeitos sejam plenamente compreendidos.

O século XX no Brasil foi marcado por um acesso democratizado à educação e junto a isso uma grande redução na taxa de analfabetismo. O mapa do analfabetismo no Brasil, divulgado pelo Ministério da Educação (MEC), indica que a partir de 1900 o número de alfabetizados cresceu consideravelmente, sobretudo nos anos de 1950 e 1960, onde a taxa de analfabetismo era de 50,5% e caiu para 39,6%. Daí em diante, os resultados da eficácia frente aos recursos focados ao ensino aumentaram de maneira notável a taxa de alfabetizados.

Em linhas gerais, uma análise comparativa em relação aos números do passado e presente, o analfabetismo da população brasileira foi praticamente superado. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2022 93% da população brasileira é alfabetizada. Entretanto, sabe-se que o cenário educacional, apesar dos esforços das políticas educacionais, como por exemplo, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, ainda está longe de ser um *mar de rosas*. Embora apresente aspectos positivos, a má qualidade da educação escolar é uma realidade presente e desenhou outro panorama, o do analfabetismo funcional.

Dados do Indicador de Alfabetismo Funcional (INAF) de 2018 mostram que, a cada dez brasileiros entre 15 e 64 anos de idade, três apresentam esse problema. Para uma breve distinção entre analfabeto e analfabeto funcional, este último é o indivíduo alfabetizado, capaz de reconhecer letras e números, transcrever/escrever palavras e decodificar frases simples. No entanto, sua capacidade de interpretar textos que exigem maior compreensão do leitor, ainda que mínima, e de realizar operações matemáticas básicas não é suficientemente desenvolvida. Já o analfabeto é aquele que, embora consiga reconhecer números em situações conhecidas, como telefones, endereços e placas, não consegue ler palavras ou frases simples.

Vale acentuar também alguns conceitos importantes que consistem no indivíduo alfabetizado. Além do processo da alfabetização há o recente termo, o letramento, surgido para ampliar a alfabetização. Magda Soares (2010) afirma que novas demandas

envolvendo o uso da escrita e da leitura na realidade das práticas sociais trouxeram a necessidade de um novo termo, o de letramento.

O letramento assim como a alfabetização é ligado à escrita e à leitura, porém são procedimentos distintos já que o letramento pode ser compreendido como a capacidade do sujeito se relacionar, dentro das práticas sociais, com a escrita e a leitura de maneiras diversas sem ainda ter aprendido a ler e a escrever, sem ter sido alfabetizado pela escola. Segundo Street (2014) os níveis de letramento entre os indivíduos são diferentes já que eles estão inseridos em meio social e cultural diversos.

Em complemento a essa noção, o processo de letramento antecede a alfabetização porque o indivíduo já pode ser inserido nos processos de letramento, tendo contato com a leitura e escrita, seja através de rótulos dos produtos, de emoções, imagens, gestos, isto é, através do caráter social da linguagem, já que a linguagem corresponde a uma cognição prática e também à produção simbólica.

Nesse sentido, o aprendizado é uma experiência social. Para a educadora Magda Soares alfabetizar letrando é o caminho para superar os problemas da escolarização, pois o desenvolvimento da alfabetização também ocorre em um ambiente social e não apenas no meio escolar.

Ainda em consonância com os dados do INAF (2018), há cinco níveis de alfabetismo funcional, hierarquicamente: analfabeto, rudimentar, elementar, intermediário e proficiente. No nível rudimentar a pessoa consegue localizar as informações explícitas contidas nos textos, geralmente com sentenças ou palavras próximas do cotidiano familiar do indivíduo:

[...] consegue comparar, ler e escrever números familiares (horários, preços, cédulas/moedas, telefones) identificando o maior e o menor valor. Também tem aptidão para resolver problemas simples do cotidiano envolvendo operações matemáticas elementares e estabelecer relações entre grandezas e unidades de medida. (INAF, 2018)

Os níveis analfabeto e rudimentar correspondem ao analfabetismo funcional, já os outros três níveis referem-se às pessoas funcionalmente alfabetizadas. No nível elementar, o sujeito alfabetizado consegue captar pequenas inferências e selecionar informações em textos de extensão média, além de comparar elementos textuais em gráficos e tabelas de complexidade conforme o contexto cotidiano e social de seu desenvolvimento. Já as operações matemáticas envolvem conhecimento dos números da ordem de milhar.

Aquele alfabetizado no nível intermediário é capaz de reunir informações expressas em diversos gêneros textuais e realizar pequenas inferências, além de reconhecer o efeito de escolhas estética, semântica, morfológica, sintática e de pontuação. Analisa textos interpretando-os e consegue produzi-los. As operações matemáticas envolvem cálculos de porcentagem e proporção.

O indivíduo que faz parte do último nível, o proficiente, que está no topo da pirâmide do alfabetismo funcional, é apto a elaborar os textos de maior complexidade e de expressar sua opinião de maneira crítica a respeito de algum outro texto:

É capaz de interpretar tabelas e gráficos envolvendo mais de duas variáveis, compreendendo a representação de informação quantitativa (intervalo, escala, sistema de medidas) e reconhecendo efeitos de sentido (ênfases, distorções, tendências, projeções). A pessoa proficiente também está apta a resolver situações-problema relativas a tarefas de contextos diversos, que envolvem diversas etapas de planejamento, controle e elaboração e que exigem retomada de resultados parciais e o uso de inferências. (INAF, 2018)

É evidente que a leitura tem estrita relação com a redução do analfabetismo, pois as práticas de leitura ajudam no desenvolvimento das habilidades de escrita e expandem

o repertório linguístico, além de atuar na construção do senso crítico. Não é surpreendente que numa sociedade majoritariamente capitalista, consumista e utilitária haja também ampla parcela de analfabetismo social, político e literário, visto que devido

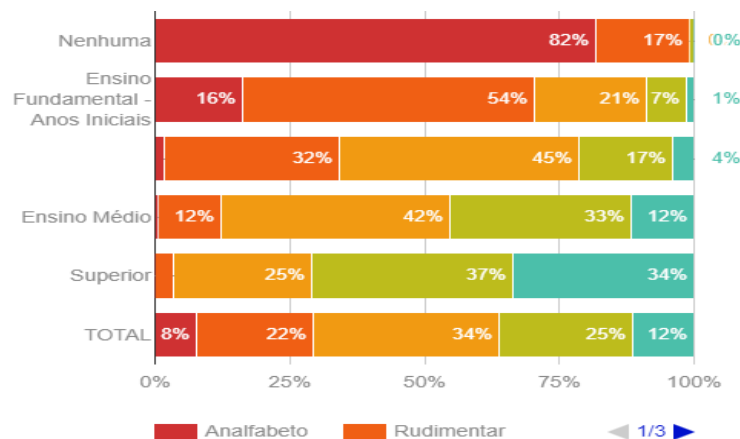
às circunstâncias elencadas, o pensamento crítico-reflexivo acaba por ser pouco estimulado. Conforme a tabela abaixo, com dados de 2018, mas que infelizmente ainda se mantêm atuais, 30% da população brasileira é analfabeta funcional, em pleno século

XXI, e até mesmo no ensino superior há uma pequena parcela de pessoas que são analfabetas funcionais, o que é preocupante já que os dados mostram que as etapas anteriores da educação, isto é, a educação básica, deixam lacunas que acompanharão os

sujeitos ao

longo de suas vidas se não buscarem o aperfeiçoamento por conta própria.

Figura 1: Alfabetismo por níveis de escolaridade



Fonte: Inaf 2018

A leitura faz parte da vida cotidiana de muitos em especial pelo fato do impulsionamento da cultura digital na sociedade. Contudo, percebe-se a baixa capacidade de interpretação e reflexão por parte de usuários digitais – da população – em tópicos usualmente simples, que por questões de níveis de alfabetização torna-se uma situação complexa. Então a leitura de uma obra literária, que por si só, devido ao senso comum, carrega adjetivos de peso, como complexa, difícil, de certa maneira intimida aqueles que não possuem tanta relação com esse tipo de produção artística.

Como a linguagem literária utilizada nos gêneros literários compreende recursos que ultrapassam os padrões do código linguístico de outros sistemas semióticos do discurso usual, por meio da expressão criativa da linguagem humana, o leitor literário varia do leitor comum em suas percepções frente ao conteúdo do texto lido. As habilidades leitoras para obras literárias demandam então experiências que vão além da codificação.

Acesso aos livros literários

O Brasil está longe de ser uma sociedade leitora visto que quase 40% das pessoas com mais de 15 anos fazem parte do Analfabetismo Funcional, aqueles que não compreendem o que leem. Portanto, a redução neste número é uma necessidade para a ampliação do público leitor. Para alcançar uma educação de qualidade, a leitura é

fundamental. O exercício da cidadania e do pensamento crítico-reflexivo implica boa capacidade de leitura e para isto, logicamente, o ato de ler é o caminho a ser alcançado.

Os brasileiros leem, porém, são poucos os que realizam esse feito, considerando o número populacional. “Dizer que ‘brasileiro não lê’ é um engano: o público brasileiro só tem crescido e não compra mais livros porque os livros são caros.” (Samuel, 2011, p.126). A declaração acima, embora feita há 13 anos, continua válida. Nos últimos anos, as tecnologias conquistaram um espaço significativo, ampliando o acesso à leitura ao oferecer novas possibilidades de contato com os livros, como formatos digitais, audiolivros e plataformas online.

Não é exagero afirmar que livros são tratados como objetos de *luxo*, até porque quem tem a leitura literária como hábito dificilmente se contenta com poucos exemplares. A sociedade capitalista e consumista contribui para esse cenário, seja pelos preços cada vez mais elevados, seja pela divulgação massiva de produtos no mercado, cujo objetivo principal é impulsionar as vendas e maximizar o lucro, e não de fato o fomento ao hábito da leitura, seja ela literária ou não. O mercado de livros é mais restrito, pois o público interessado em arte e conhecimento ainda é menor em comparação com outros segmentos de consumo. No entanto, livros também são mercadorias, e há aqueles desenvolvidos de maneira estratégica para alcançar o maior número possível de leitores, como é o caso dos *best-sellers*.

Em fevereiro de 2024, o site do jornal *O Globo* publicou uma matéria sobre o aumento do preço médio do livro, que chegou a R\$ 54,49 — valor superior ao do item mais essencial da cesta básica, o pacote de arroz. A situação torna-se ainda mais preocupante ao se pensar no público da literatura infantil: por serem livros de menor extensão, pressupõe-se a necessidade de adquiri-los em maior quantidade, elevando ainda mais seus custos. Desse modo, famílias que se encontram em condições de precariedade, geradas por um modelo organizacional social e político dominante e desigual, pouco poderá se dar a este tipo de luxo, já que até o substancial para a sobrevivência da vida humana é escasso.

Com o surgimento de outros programas de assistência social, como por exemplo, o Pé-de-Meia, cujo propósito é o de superar a evasão do Ensino Médio, voltado aos alunos de baixa renda inscritos no Bolsa Família, pode ser que o acesso aos livros literários seja democratizado. Mas não democratizado necessariamente no sentido de a população utilizar o dinheiro para comprar livros, até porque quem não tem o mínimo para a existência, R\$ 200,00 mensais a mais — o valor da parcela mensal do programa Pé-de-

Meia – significam em grau maior. A democratização esperada é pelo conjunto das novas leis de incentivo para a educação brasileira aprovadas pelo atual presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva.

Além da bolsa auxílio Pé-de-Meia, promulgada em janeiro de 2024, Lula sancionou também a Lei nº 14.836 de 08/04/2024. Esta lei determina a ampliação e a melhoria de bibliotecas no país e a criação do Sistema Nacional de Bibliotecas Escolares, isto significa que toda escola pública deve ter uma biblioteca. De acordo com o site do Senado Federal: “As bibliotecas também deverão ser espaços de estudo, de encontro e de lazer para a comunidade, além de um ambiente de recursos educativos integrado ao processo de ensino-aprendizagem.” (Senado Federal, 2024).

Tais projetos para o desenvolvimento educacional tendem a ser bastante promissores se bem implementados, administrados e com recursos financeiros suficientes. Biblioteca não é uma realidade presente nem na metade das escolas públicas brasileiras e, claro, sua simples existência não garante que haverá leitura. Dados do Censo Escolar de 2023 revelam que 55% das escolas públicas e privadas e 48% das escolas públicas têm bibliotecas ou salas de leitura.

É espantoso ponderar quanto a esses poucos números considerando o vasto público que sofre os impactos das condições desiguais, enquanto que a democratização do ensino não é ofertada de maneira igualitária e com qualidade para todos. Como expressa Leyla Perrone-Moisés (2016) a literatura assume importância no ensino escolar em razão de suas virtudes para a sociedade:

[...] porque ensinar literatura é ensinar a ler e, nas sociedades letradas, sem leitura não há cultura; porque a capacidade de leitura não é inata, mas adquirida; porque os textos literários podem incluir todos os outros tipos de texto que o aluno deve conhecer, para ser um cidadão apto a viver em sociedade; porque os textos literários são aqueles em que a linguagem atinge seu mais alto grau de precisão e sua maior potência de significação; porque a significação, no texto literário, não se reduz ao significado (como acontece nos textos científicos, jornalísticos, técnicos), mas opera a interação de vários níveis semânticos e resulta numa possibilidade teoricamente infinita de interpretações; porque a literatura é um instrumento de conhecimento do outro e de autoconhecimento; porque a literatura de ficção, ao mesmo tempo que ilumina a realidade, mostra que outras realidades são possíveis, libertando o leitor de seu contexto estreito e desenvolvendo nele a capacidade de imaginar, que é uma necessidade humana e pode inspirar transformações históricas; porque a poesia capta níveis de percepção e de fruição da realidade que outros tipos de texto não alcançam. (Perrone-Moisés, 2016, p. 35)

Diversos estudantes têm acesso a livros apenas por meio da escola. Há municípios, especialmente os menores, que não possuem bibliotecas públicas nem livrarias. Por isso,

a presença de bibliotecas em todas as escolas, assim como a criação de espaços destinados à comunidade, é uma necessidade urgente — algo que deveria ter sido tratado com mais prioridade há muito tempo.

Muitas bibliotecas escolares, devido à má gestão e à desvalorização desses espaços, acabam sendo pouco utilizadas por professores e alunos, enquanto grande parte da comunidade sequer sabe se pode usufruir de seus materiais. Além disso, o valor atribuído a uma biblioteca reflete uma visão distorcida e limitadora, pois, para muitos, trata-se de um espaço de ócio, frequentado por desocupados. Melhorar essa realidade exigirá ainda mais investimentos do governo, mas será um esforço válido se de fato resultar em mudanças concretas.

De acordo com o "Censo Nacional de Práticas de Leitura no Sistema Socioeducativo", publicado pelo Conselho Nacional de Justiça (CNJ) em 2023, as políticas de acesso e fomento à leitura nos sistemas socioeducativos das Unidades Federativas, incentivadas por ações federais, buscaram incrementar a leitura nos níveis locais, estaduais e nacional.

Na época, 2022, as principais limitações para a implementação e desenvolvimento das práticas de leitura nas unidades de federação foram a baixa qualidade e a não diversidade do acervo existente (58%), infraestrutura inadequada dos espaços de leitura (54%), falta de condições de segurança ou de efetivo funcional (31%), práticas e programas que não correspondem aos interesses/padrões culturais dos adolescentes (23%) e falta de apoio da comunidade (12%). É um caminho que exige planejamento, estrutura e estratégias para efetivar o acesso à leitura aos adolescentes, e à comunidade em geral. Se continuam surgindo políticas públicas destinadas a isso, considera-se que há perspectivas promissoras, apesar de desafiadoras.

Feiras do Livro, isto é, eventos literários que reúnem escritores, editoras e livreiros, que têm programações culturais cujo objetivo é aproximar a comunidade ao mundo dos livros e, conseqüentemente, incentivar o hábito da leitura, têm se tornado cada vez mais recorrentes. Para um leitor, estar imerso em um ambiente cheio de livros emite uma sensação bastante agradável, até mesmo contagiante.

O propósito dessas feiras, de possibilitar o fluxo de diversas pessoas, é interessante e ao mesmo tempo desafiante, visto que aqueles que não se sentem atraídos por livros a muito custo iriam a esses lugares. É como ir ao shopping onde há uma variedade imensa de lojas para todos os gostos. Se determinada pessoa não se interessa por pescaria,

difícilmente será estimulada a entrar numa loja de equipamentos para pescas, a menos que algo desperte a sua curiosidade.

As programações culturais em eventos literários é o fator mais chamativo para cativar a comunidade. Palestras, atividades interativas, encontros com autores. Algumas dessas feiras são gratuitas, como as de Universidades, e os livros são vendidos com descontos acima da média, como na *1ª Festa do Livro da UnB*. Apesar disso, em muitos casos, mesmo com desconto, ou com a opção de efetuar a compra no cartão de crédito, há estudantes que ainda não conseguem comprar mais de um livro sem comprometer os seus recursos financeiros (como o caso vivenciado pela autora deste texto).

Livros novos estão cada vez mais próximos da ostentação, como mencionado, objetos de luxo. Felizmente, há os sebos onde livros usados em bom estado de conservação são vendidos por preços bem mais acessíveis, e com a expansão das mídias digitais há também sebos online. Assim, para quem busca economizar, vale a pena explorar esses meios.

Além disso, surgiram os livros digitais, *e-books*, que na teoria são para ser mais baratos em relação aos livros físicos, embora isto muitas vezes não seja verídico. As grandes lojas de departamento, tal como a empresa multinacional *Amazon* que mais se destaca no quesito livros, foi uma das primeiras a comercializar livros pela Internet e é a principal concorrência do mercado pela variedade de opções e preços mais atrativos.

O mercado editorial também conta com diversas reedições de livros considerados como clássicos, com o material mais sofisticado e atraente para o público, as publicações através das mídias digitais realizadas pelos influenciadores digitais, que alcançam um número extenso e variado de receptores, além de movimentar a comercialização também ajudam a contribuir com a disseminação, incentivo à literatura e em sua imersão.

A expansão da Internet como o principal meio de comunicação do mundo promoveu também a divulgação e o consumo de produtos que violam os direitos autorais, como músicas, filmes e séries de sites ilegais. Livros também são consumidos de maneira pirateada, embora se trate de uma prática criminosa, colabora com a aproximação entre os sujeitos mais desfavorecidos e os livros, incluindo os de literatura e os necessários para os estudos.

Claro que muitas pessoas recorrem à pirataria não apenas por questões financeiras, mas também pela facilidade e comodidade que essa prática oferece. Hábito este que reflete comportamentos que podem estar relacionados a uma cultura de desrespeito às normas e à ética, o que, em um nível mais amplo, se conecta a atitudes corruptas e

desonestas presentes na vida pública. O romance *A tensão superficial do tempo*, escrito pelo autor brasileiro Cristovão Tezza e publicado em 2020, desperta notáveis reflexões sobre o julgamento social relativo à pirataria e a outras questões contemporâneas. A narrativa utiliza um cenário político específico como pano de fundo para ressaltar tanto a situação do país (e do mundo) quanto a da personagem principal, inserida na tensão central da trama, ambientada no ano de 2019. Logo, a obra se apresenta como uma relevante sugestão de leitura para ampliar a discussão sobre a pirataria.

O contato do público com os livros aumentou bastante e isto continua a acontecer. O leitor tem acesso a diversos tipos de livros e lê o que está ao seu alcance, desde textos literários a não literários:

Figura 2: Em busca de R\$ 54,90 – o equivalente ao preço médio de um livro.



Fonte: Instagram, Meta.

No fim das contas, muitos leitores são, continuam sendo e continuarão sendo Viola Davis, "Em busca de R\$ 54,90", ² para comprar um livro, tendo em vista que a baixa qualidade e a pouca diversidade no acervo de bibliotecas escolares e públicas dificultam a prática leitora, sendo necessário recorrer a alternativas secundárias. A leitura

² Créditos ao usuário *vittarlover* e à página de humor cotidiano da rede social Instagram baseada em assuntos de filosofia e literatura *filo_shopia* por tornar a publicação um meme e repercuti-la.

de uma obra literária pode levar a outra. No entanto, se na escola – ou em ambientes fora do contexto escolar – houver poucas opções de livros que correspondam aos gostos e preferências dos jovens, o interesse deles em explorar o universo da literatura será reduzido.

Os entrevistados que contribuíram para a abordagem metodológica e discursiva desta pesquisa compartilharam reflexões sobre as bibliotecas escolares e os projetos literários nos quais estão envolvidos. Um dos participantes destacou uma realidade preocupante: a biblioteca permanece fechada devido à falta de funcionários, somada ao incentivo insuficiente da escola para a utilização dos livros literários.

Em contraste, outro entrevistado mencionou a existência do projeto *Minha Biblioteca em Casa*, no qual a escola recebe obras literárias por meio do programa *Projeto Biblioteca em Casa*, visando fomentar o hábito da leitura entre os estudantes da rede municipal. Como parte dessa iniciativa, os alunos recebem uma maleta com livros adequados à sua faixa etária e nível de escolaridade, buscando também fortalecer o vínculo entre família e escola.

Desse modo, atesta-se que a literatura é um direito para o cidadão já que também se constitui numa necessidade fundamental aos sujeitos sociais, isto é, a manifestação cultural da humanidade. A linguagem é o veículo da expressividade da natureza humana e, na literatura, a linguagem literária constitui um elemento estético essencial em suas produções simbólicas.

O projeto ideológico também se apresenta como uma condição fundamental das obras literárias. No entanto, a função que a escola atribui à literatura restringe-se, muitas vezes, ao papel de objeto de conhecimento, voltado à moral e à didática. Assim, o compromisso de estimular o interesse dos jovens pela leitura literária e fomentar o hábito leitor, contribuindo para a ampliação do número de leitores no Brasil, acaba sendo colocado em segundo plano.

Embora o acesso aos livros tenha se tornado mais fácil para muitos, o caminho para que o Brasil se consolide como um país leitor ainda é longo, pois ter acesso não significa que a prática da leitura literária seja efetivamente incorporada por uma parcela significativa da população. No capítulo seguinte, serão abordadas questões referentes ao ensino de literatura no contexto escolar, bem como as perspectivas para a seleção de textos literários na escola, com o objetivo de examinar seu papel e seu valor na educação, à luz das propostas da BNCC.

Capítulo II

LITERATURA E ENSINO: a especificidade dos gêneros literários na escola

A literatura na Base Nacional Comum Curricular (BNCC): um adereço

Um dos diversos desafios das escolas é atrair os alunos de maneira a instigá-los a participarem efetivamente das aulas, como protagonistas. Em se tratando do ensino de literatura, o cenário é um tanto quanto mais dificultoso, ao considerar que o número de leitores no país não é satisfatório para as demandas de ensino de qualidade.

Na educação básica vigente o ensino é dividido por áreas do conhecimento, conforme o documento normativo Base Nacional Comum Curricular (BNCC), logo, a parte destinada aos estudos de literatura está dentro da área de linguagens junto a competências específicas da respectiva área.

A BNCC, por ser a base curricular, é o documento norteador para a formulação dos currículos dos sistemas e redes escolares em todo o Brasil. Comprometida com a educação integral, visa à formação e ao desenvolvimento global do aluno em todas as dimensões, desde a educação infantil até o Ensino Médio. Para isso, estabelece diversas competências e habilidades a serem alcançadas ao longo do período escolar.

Embora os componentes curriculares, isto é, as disciplinas, sejam organizados por áreas do conhecimento, há uma articulação entre todas elas. O objetivo é garantir que a educação básica funcione como um sistema orgânico, sequencial e integrado.

Nesse sentido, espera-se que a BNCC ajude a superar a fragmentação das políticas educacionais, enseje o fortalecimento do regime de colaboração entre as três esferas de governo e seja balizadora da qualidade da educação. Assim, para além da garantia de acesso e permanência na escola, é necessário que sistemas, redes e escolas garantam um patamar comum de aprendizagens a todos os estudantes, tarefa para a qual a BNCC é instrumento fundamental. (Brasil, 2018, p.8)

Diante disso, qual é o papel destinado à literatura na educação escolar conforme a BNCC? A literatura, por sua vez, não é uma disciplina ou componente curricular específico, porém, o documento tangencia a sua importância para o desenvolvimento das competências e habilidades necessárias ao longo da trajetória escolar dos alunos. É dentro

do componente de Língua Portuguesa na área de Linguagens e Tecnologias que o termo “literatura” é apresentado. Assim, deve estar vinculado aos componentes de arte, educação física, língua inglesa e língua portuguesa.

Por não se tratar de um conteúdo ou componente específico como propõem as estratégias da BNCC, no Ensino Médio pressupõe-se que a literatura não é uma oferta obrigatória em todos os anos, mas como é pertencente ao componente curricular Língua Portuguesa, o seu lugar estará em todos os anos dessa etapa, apesar de não ser reconhecida como uma parte de destaque no currículo.

Ao analisar as propostas da BNCC para o campo artístico-literário no Ensino Médio, pode-se perceber que o valor do texto literário está inserido de maneira mais aprofundada nos benefícios intelectuais e cognitivos que a leitura desses textos proporciona, quer dizer, nos elementos que compõem as obras a fim de reconhecer críticas culturais, políticas e sociais para assim melhor desenvolver a visão de mundo do leitor segundo o que se espera:

A prática da leitura literária, assim como de outras linguagens, deve ser capaz também de resgatar a historicidade dos textos: produção, circulação e recepção das obras literárias, em um entrecruzamento de diálogos (entre obras, leitores, tempos históricos) e em seus movimentos de manutenção da tradição e de ruptura, suas tensões entre códigos estéticos e seus modos de apreensão da realidade. Espera-se que os leitores/fruidores possam também reconhecer na arte formas de crítica cultural e política, uma vez que toda obra expressa, inevitavelmente, uma visão de mundo e uma forma de conhecimento, por meio de sua construção estética. (Brasil, 2018, p. 523)

Isto corresponde ao desenvolvimento do pensamento crítico-reflexivo e com um consistente reconhecimento das obras constituintes do cânone literário. Com a prática literária, a expectativa é que os alunos engajam criticamente de modo a ampliar o seu repertório de leituras. “Trata-se, portanto, além da apropriação para si, de desfrutar também dos modos de execução das obras, que ocorre com a ajuda de procedimentos de análise linguística e semiótica.” (Brasil, 2018, p. 523)

A partir disso, é imprescindível que as instituições de ensino bem como os professores tenham em mente que o texto não é pretexto para ministrar conteúdos relacionados somente à gramática da língua, como muito ocorre por trás dos usos dos diferentes gêneros textuais que por vezes servem apenas como enfeite para o foco em aspectos gramaticais.

É um desperdício também a literatura ser utilizada apenas como um mero adereço de forma superficial na qual questões de teorização são privilegiadas enquanto o gosto

pela leitura literária é deixado de lado e pouco interessante ao público, especialmente as obras tipicamente selecionadas para atender às políticas oficiais de ensino no que diz respeito a compreender as demandas correspondentes à educação linguística.

Um comum exemplo do texto literário como pretexto ao estudo da gramática é o uso de trechos de obras aclamadas do autor brasileiro Machado de Assis para identificar e conceituar os tipos de colocação pronominal. Isto ocorre por ainda se agarrarem às tendências tradicionais de ensino, seja por parte de professores, livros didáticos, instituições e etc.

Na etapa do Ensino Fundamental destinada aos Anos Finais espera-se que “o adolescente/jovem participe com maior criticidade de situações comunicativas diversificadas”. (Brasil, 2018, p. 136) A literatura aparece da mesma maneira que no Ensino Médio, encoberta pelo componente curricular de Língua Portuguesa, contudo, há um enfoque na questão da formação do leitor literário. Percebe-se então que, na teoria, a arte literária possui uma certa primazia no âmbito das manifestações artísticas já que estão contidas no campo artístico-literário:

[...] trata-se de possibilitar o contato com as manifestações artísticas em geral, e, de forma particular e especial, com a arte literária e de oferecer as condições para que se possa reconhecer, valorizar e fruir essas manifestações. Está em jogo a continuidade da formação do leitor literário, com especial destaque para o desenvolvimento da fruição, de modo a evidenciar a condição estética desse tipo de leitura e de escrita. Para que a função utilitária da literatura – e da arte em geral – possa dar lugar à sua dimensão humanizadora, transformadora e mobilizadora, é preciso supor – e, portanto, garantir a formação de – um leitor-fruidor, ou seja, de um sujeito que seja capaz de se implicar na leitura dos textos, de “desvendar” suas múltiplas camadas de sentido, de responder às suas demandas e de firmar pactos de leitura. (Brasil, 2018, p. 138)

Para que o aluno desenvolva as habilidades previstas no documento, é fundamental a leitura de obras literárias autênticas. Isso possibilita a percepção e apreciação dos elementos constitutivos dos gêneros literários, além de proporcionar ao leitor a oportunidade de usufruir do fator estético, predominante nesse tipo de texto.

O texto literário transforma incessantemente não só as relações que as palavras entretêm consigo mesmas, utilizando-as além de seus sentidos estritos e além da lógica do discurso usual, mas estabelece com cada leitor relações subjetivas que o tornam um texto móvel (modificante e modificável), capaz mesmo de não conter nenhum sentido definitivo ou incontestável. (D’Onofrio, 1995, p. 14)

Os gêneros literários por serem diferentes dos usuais do dia a dia presentes em outros gêneros do discurso, exigem do leitor uma atitude que vai além do apenas

conhecimento do código linguístico. Isso ocorre devido à pluralidade de códigos que compõem a estrutura artístico-ideológica de uma obra literária. Assim, de acordo com Salvatore D'Onofrio (1995, p. 15):

A linguagem literária, para poder se afirmar como sistema semiótico segundo, é obrigada a desviar-se da norma linguística. Na linguagem científica e diária faz-se largo uso de estereótipos, segundo padrões linguísticos e petrificando a palavra. O cientista e o homem comum não pensam no código que utilizam: o uso linguístico cria automatismos psíquicos e intelectuais que levam à perda do sentido do significante. A força da repetição aniquila o significado original da palavra, que perde seu poder de criatividade. A linguagem poética insurge-se contra o automatismo e a estereotipação do uso linguístico, reavivando arcaísmos, criando neologismos, inventando novas metáforas, ordenando de um modo diferente e surpreendente os lexemas no sintagma. Os signos poéticos, mais do que expressar conceitos, carregam representações sensoriais, através da metrificação, da rima, da assonância, do ritmo, da sinestesia, etc.

O crítico literário francês Émile Faguet (1912) admite a leitura como uma arte. Diante disso, defende-se a importância de se ler vagarosamente um livro, seja para instrução, prazer ou crítica, pois os sentidos e significações atribuídos ao texto pelo leitor se multiplicam ao longo da leitura. Assim, a cautela e o aprofundamento tornam-se essenciais para a apreciação dos detalhes, evitando a leitura apressada.

A etapa do Ensino Fundamental, anos iniciais e finais, é a mais longa e será continuada pelo Ensino Médio, de modo que necessita ser bem trabalhada para evitar tantos obstáculos que passam de uma etapa a outra. Outra condição importante relativa à literatura no ensino é não a deixar se tornar apenas mais um discurso em meio a tantos outros, menosprezando-a, como é notável em documentos oficiais mais atualizados, no caso do citado neste tópico.

O fator da pressa, isto é, a aparente escassez de tempo para a implementação de projetos voltados às práticas de leitura literária, faz com que o foco recaia predominantemente sobre materiais didáticos, que, muitas vezes, priorizam o estudo dos marcos literários ao longo dos séculos, em detrimento da experiência estética e reflexiva proporcionada pela literatura.

Para minimizar esses desafios, portanto, é indispensável seleção de textos cuidadosa com obras literárias que preze também qualidade, de modo a atender à condição estética e não somente conceber a arte literária como um instrumento didático. Dessa forma, os conhecimentos e a atuação dos professores são de tamanha importância, pois suas concepções a respeito da literatura influenciarão suas condutas em sala de aula quanto ao ensino de literatura.

Em 2025, o Ensino Médio passará por outra mudança de reestruturação, instituída pela Política Nacional de Ensino Médio que altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. A nova lei tem como objetivo aumentar a carga horária da Formação Geral Básica, isto é, das disciplinas dos componentes curriculares das áreas do conhecimento, Linguagens, Ciências Humanas, Matemática e Ciências da Natureza, de 1.800 horas para 2.400 horas. O MEC assegura que, dessa forma, outras disciplinas possam retornar ao currículo e que aquelas já presentes tenham mais tempo de dedicação, incluindo a literatura.

Tendo em vista as mudanças decorridas na sociedade como as lutas por direitos, à igualdade, o combate para a desconstrução da concepção padronizadora do formato dos currículos escolares, visando questionar e transcender a hegemonia de povos e suas culturas ao empregar a diversidade para reformular as políticas educacionais. Como consequência, o cenário da educação encontra-se em constante modificação.

Quanto à situação da literatura na educação básica é possível atestar que tais transformações sociais variam a forma como a literatura é compreendida e consumida e contribuem para o declínio do estudo do texto literário. Não pela abertura do espaço para novas manifestações artísticas, mas sim pela maneira de concebê-las, que de certa forma, muitas vezes, ao invés de caminharem em consonância, acabam por substituí-la.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), referência obrigatória para elaboração dos currículos escolares, no que se refere à literatura no contexto escolar atesta o seguinte:

Em relação à literatura, a leitura do texto literário, que ocupa o centro do trabalho no Ensino Fundamental, deve permanecer nuclear também no Ensino Médio. Por força de certa simplificação didática, as biografias de autores, as características de épocas, os resumos e outros gêneros artísticos substitutivos, como o cinema e as HQs, têm relegado o texto literário a um plano secundário do ensino. Assim, é importante não só (re)colocá-lo como ponto de partida para o trabalho com a literatura, como intensificar seu convívio com os estudantes. (Brasil, 2018, p. 499)

Diante desta realidade, o ensino de literatura na escola contribui mais para o distanciamento do aluno do que pelo gosto pela leitura literária. “O avesso do livro é a escola, que sufoca ou suprime a imaginação, instaurando a rotina”. (Zilberman, 2001, p. 46). Desse modo, a leitura de textos literários nas escolas, quando ocorre, não é vista como uma atividade prazerosa e sim como um confronto que prende os alunos a um meio que não lhes permite conexão com os elementos composicionais da obra, sendo uma prática superficial centrada muitas vezes no livro didático.

Uma abordagem superficial do texto literário não abrange suas especificidades e muito menos contribui para o prazer pela leitura como uma experiência enriquecedora e pessoal. Temas mais contemporâneos como o cinema, animações e HQs substituem a literatura se a deixam de fora, isto é, quando não têm relação com as obras literárias e são inseridas apenas como substituição, por fatores diversos, como mais praticidade, simplificação e uma maneira de promover maior identificação/aproximação com o aluno.

A literatura não necessita ser substituída por outro objeto para se aproximar de seu leitor, pois, ela engloba uma ampla variedade, e sua temática se expande cada vez mais ao passar dos anos: “A literatura de hoje fala de vários mundos: alguns parecidíssimos com o nosso, onde, por exemplo, tem gente que morre de fome nas ruas; mas também fala de mundos muito diferentes, habitados por espíritos, anjos, vampiros, energias e demônios.” (Lajolo, 2018, p.14).

Essa percepção de Marisa Lajolo (2018) ilustra de forma contundente a ampla abrangência da literatura em suas diversas manifestações, com temáticas capazes de cativar os mais variados públicos. Para que cada indivíduo encontre a obra que mais lhe corresponda, é fundamental que esteja imerso no universo da leitura literária. No entanto, o leitor deve explorar diferentes leituras para descobrir suas preferências e, para isso, precisa exercitar o movimento de sair de seu próprio lugar e experimentar ser outro, ampliando sua visão de mundo e fortalecendo sua capacidade de empatia.

O texto provoca prazer ao leitor, produzindo uma interação imprescindível para o ato da leitura. Roland Barthes (1987) diz que o texto é um objeto de fetiche e que esse fetiche deseja e escolhe o seu leitor, através de meios seletivos como o vocabulário, referências, legibilidade, etc. E a presença do autor. A relação entre leitor e autor a partir do texto constitui uma troca capaz de renovar a narrativa. Também é natural que as obras literárias carreguem ideologias em sua essência. Assim, Barthes sugere que cada indivíduo precisa descobrir a sua ideologia para seguir, do contrário enlouquecerá no meio de tantos sistemas falados.

O leitor conhece a si mesmo, suas demandas e desejos, sejam pessoais ou sociais, logo, tem a capacidade de selecionar o que melhor lhe agrada num determinado momento. Além de possuir a competência de ponderar acerca do que é diferente de si e suas concepções, sendo, assim, um ser reflexivo e crítico. A escola, portanto, para proporcionar um trabalho significativo com a literatura, não basta apenas formar leitores, mas sim leitores críticos, já que é papel da escola formar cidadãos pensantes, e a leitura

literária é fundamental para isto. Mais uma vez, é nítido o valor da literatura, tanto na escola quanto fora dela.

De acordo com Melo (2014, p. 3) ler “[...] é um meio transformador da construção do conhecimento, trazendo o despertar metafísico do conhecimento do mundo ao desenvolver a prática da leitura.”. Em se tratando da leitura de obras literárias, estas possibilitam ao indivíduo uma nova forma de olhar o mundo, viabilizando a percepção de novos caminhos e da realidade de maneiras diferentes daquilo que está no cotidiano.

Márcia Abreu atesta o seguinte (2006, p. 19): “A escola ensina a ler e a gostar de literatura. Alguns aprendem e tornam-se leitores literários. Entretanto, o que quase todos aprendem é o que devem dizer sobre determinados livros e autores, independentemente de seu verdadeiro gosto pessoal.” O que é possível identificar no presente momento é que a escola ensina a ler, o que dizer sobre os livros literários, especialmente os pertencentes aos cânones da literatura brasileira, mas não ensina de fato a gostar de literatura; a lê-la, a inserir o aluno no universo oferecido pelas obras literárias. Como a escola pode incentivar a leitura do texto literário, tendo em vista a significância da atuação dos professores?

As preferências e interesses dos alunos precisam ser considerados para então, inseri-los no universo literário, de modo que eles possam desfrutar daquilo que a literatura provoca, como emoções e sentimentos diversos, percepções da realidade ao transpor o imaginário para a vida real através de personagens viventes de outros mundos ou em mundo parecido com o concreto. Isto significa que a empatia se torna presente, o que é algo extremamente necessário para a vivência em sociedade.

Para alcançar isso, o indivíduo antes tem que passar pelo processo da leitura e tê-la como um hábito e, posteriormente, aplicá-la em seu convívio. O repertório literário, bem como o conhecimento relevante em torno da literatura por parte dos professores, compreende uma alternativa atraente para trocas de experiências de leitura literária com os alunos, uma vez que permite compartilhar e conhecer melhor uns aos outros.

É pertinente que a escola tente acompanhar as mudanças no âmbito social, englobando o novo e o já existente, no que diz respeito à literatura, para que o que já existe não perca o seu papel, ou melhor, não seja substituído, visto que o literário aqui é compreendido como manifestação cultural da sociedade. A escola não deve se abstrair das formas tradicionais da literatura em detrimento das inovações contemporâneas, nem se manter no passado sem considerar as novidades que vêm aparecendo. Logo, surge a necessidade de abranger a diversidade das expressões literárias.

A leitura prazerosa por vezes é um obstáculo, principalmente devido ao avanço das tecnologias, que por oferecerem maior variedade de atividades mais atrativas, de certa forma afasta a vontade de passar o tempo livre lendo livros, literários ou não. O acesso a livros literários tornou-se mais viável para muitos indivíduos — embora existam realidades diversas em que isso nem sempre se concretize, como evidenciado no capítulo anterior. Em algumas localidades, há bibliotecas públicas, enquanto, por meio da internet, as vendas de livros novos e usados cresceram significativamente, com promoções frequentes. Por outro lado, vale ressaltar que o acesso não garante a imersão, sendo assim, necessárias estratégias para trabalhar a literatura, considerando as inovações tecnológicas, das quais em muitas delas a literatura e outras artes se manifestam.

A literatura pertence a um contexto social, histórico e cultural, o que também abrange o ambiente escolar. Nesse sentido, Lucilo Rodrigues e Danglei Pereira assumem que:

A literatura transita por diferentes espaços: a família, o clube, a igreja, o sindicato, a redação de jornal, as redes sociais e, evidentemente, a escola e a universidade. A amplitude espacial e a dinamicidade desses deslocamentos sugerem uma concepção mais abrangente de educação literária. [...] entendemos que o literário (ou os conceitos do “literário”), tensionado, acolhido, rejeitado, silenciado, em um dado momento e lugar, se articula dentro e fora da escola com o Outro das outras áreas do saber humano. (Rodrigues; Pereira, 2004, p. 7)

Para os autores, a educação literária circula por diferentes temporalidades e espacialidades, tendo a diferença cultural como um processo de negociação do saber, que pode ser conflituoso ou não. Os novos atores introduzidos na sociedade permitem a participação dos indivíduos em variados contextos. Quanto às novas tecnologias inseridas no meio digital, essas podem contribuir com o ensino de literatura, uma vez que a linguagem permeada nesses mecanismos tecnológicos faz parte do mundo dos estudantes, que são nativos digitais. A internet conta com os chamados *Booktubers*, *Booktokers*, *Bookstagrammers*, que transitam nas redes sociais divulgando a literatura fora do espaço escolar.

Como inúmeros dos booktubers, e suas demais variações de termos, não têm comprometimento com o ensino da literatura e sim com a troca de experiências literárias e influência leitora, o objetivo comercial também é pretendido, o alcance do público costuma ser mais facilitado e estimulado, pois suas recomendações tendem a viralizar na internet. Até mesmo com os livros clássicos que na escola são um desafio para os professores conquistarem o interesse dos jovens alunos a lê-los, os booktubers, através

das redes sociais e do diálogo “despretensioso”, assumem posição valiosas como incentivadores da leitura literária.

A novela *Noites Brancas* do conceituado escritor russo Fiódor Dostoiévski é um exemplo de como as redes sociais conseguem aproximar a literatura dos sujeitos. A repercussão dessa obra literária de Dostoiévski iniciou-se por meio da plataforma de vídeos curtos Tiktok, bastante acessada pelo público juvenil, o qual se identificou com o enredo narrativo do texto ficcional, dois jovens apaixonados e amor não correspondido, tema muito perpetuado na adolescência, e estendeu-se para outras redes sociais como o Instagram.

Fora da escola, essa situação tem potencial de ser um ponto positivo já que incentiva os indivíduos a se interessarem por livros literários e a lê-los, e a escola pode adotar tais recursos como métodos para o ensino de literatura em sala de aula, visando ao estímulo ao gosto pela literatura e ao hábito leitor. As novas tecnologias, se bem utilizadas, são capazes de contribuir até mais do que de distanciar, seja em relação ao acesso ou à imersão na literatura.

Contudo, ao pensar nas novas tecnologias atreladas ao ensino, há aqueles que as veem como vilãs. Tendo em vista que a falta de interesse pela leitura é um obstáculo enfrentado na educação brasileira, plataformas digitais que surgem focadas no ensino, buscam facilitar tanto a atividade do estudante e leitor que o seu esforço mental basta ser o mínimo, já que a máquina exerce o trabalho por si mesma. Um exemplo aplicável a essa questão do desenvolvimento das tecnologias é a Inteligência Artificial (IA) encontrada no software tão conhecido e utilizado Adobe Reader. A referida ferramenta permite a leitura e edição de PDFs, dentre outros recursos disponíveis, que tem contribuído nos estudos daqueles que manuseiam livros em formato digital.

A plataforma do Adobe oferece o *Assistente de IA* ao abrir algum documento compatível. Assim, é possível usá-la para fazer perguntas à IA sobre o texto em PDF e consultar um resumo generativo a respeito dos principais elementos do material. A informação é disponibilizada de maneira ágil e fácil, até sedutora àqueles que buscam a comodidade ou aos sofrendores da falta de tempo. Evidentemente, a capacidade de refletir é atribuída aos seres vivos e pensantes, logo, tal facilidade, almejada em nome da agilidade, pode acarretar problemas para o sujeito. A escola precisa saber lidar com as tecnologias, pois elas são necessárias como suporte metodológico no processo interativo com os alunos, mas sua má aplicação traz consequências negativas para o desenvolvimento crítico do ser humano.

Diante disso, há também o despreparo dos professores quanto à sua atuação em sala de aula referente aos conteúdos a serem abordados por falta de metodologias claras para auxiliarem o embasamento das práticas escolares. As autoras Bordoni e Aguiar (1988), no que diz respeito às disciplinas na área da comunicação, atestam que:

Segundo tudo indica, os problemas do ensino de Língua e Literatura não estão nos conteúdos a serem trabalhados, mas na maneira de apresentá-los. O que se percebe é que o professor se mostra frequentemente incapaz de propor situações de aprendizagem significativas para o aluno. Desvincula o conteúdo da realidade próxima do mesmo, tornando-o artificial e compulsório. Exige do seu estudante apenas a assimilação acrítica do que é ensinado, o que redundará em atitudes mecânicas e passivas do alunado, certamente responsáveis pela perda de significação do seu aprendizado. (Bordoni; Aguiar, 1988, p.17)

Mesmo atualmente o contexto descrito acima ainda é uma realidade em diversas escolas brasileiras. Os livros didáticos por vezes aparecem no centro das ações do professor em sala de aula e por falta de conhecimento em metodologias que sirvam para a prática escolar, o professor tende a considerar mais a teorização do ensino de literatura do que o próprio ato de ler e usufruir dos textos literários.

Investir na formação continuada dos professores é uma solução viável, pois, à medida que o mundo se transforma, as práticas pedagógicas também precisam evoluir em consonância com a sociedade. Além disso, os professores não são sujeitos isolados; sua participação em cursos fomenta discussões que devem ultrapassar os limites da academia, uma vez que serão aplicadas na prática. Assim, a autonomia de seus posicionamentos torna-se uma necessidade urgente para contribuir para minimizar a problemática.

Seleção de textos literários: novos horizontes, velhos obstáculos

No que se refere à seleção de textos literários para o ensino, Rildo Cosson (2019) aponta três direções norteadoras que estabelecem critérios para essa escolha. A primeira inclui o cânone literário, composto por obras consagradas da literatura universal e brasileira. A segunda, livros de linguagem mais simples, sobretudo, contemporâneos, cujo intuito é o de atrair leitores de acordo com sua faixa etária. Já a terceira prioriza textos que defendem a pluralidade e a diversidade de autores, obras, gêneros e temas recorrentes, muitas vezes utilizados como forma de denúncia

Logo, seriam obras diferentes para enquadrar cada uma das direções, pautadas em fins próprios. Constatase que a segunda direção, por aparentemente exigir menos do aluno e sem tantas pretensões instrutivas, é aquela que se encarrega de promover a fruição e deleite pela leitura, enquanto que a primeira direção é voltada à teorização dos cânones bem como à caracterização dos aspectos das escolas literárias. Por fim, a terceira direção se destina ao desenvolvimento do pensamento crítico e reflexivo do aluno, por meio de leituras que incentivam uma postura mais democrática – algo que também pode ser alcançado nas outras duas direções para a escolha de livros literários.

Seguir apenas uma dessas direções, em detrimento das outras, significa restringir narrativas que refletem a pluralidade da língua e da cultura. Portanto, a seleção de textos literários na escola deve combinar as três direções norteadoras, levando em conta a qualidade das obras, a qual também está diretamente ligada ao repertório de leitura dos professores.

São problemáticas as situações do cenário atual em que a literatura, por ser considerada no meio educacional um instrumento didático, acaba sendo substituída por outros gêneros textuais e formas de manifestações artísticas, deixando de lado seu propósito inicial: fomentar o hábito da leitura entre os alunos. As políticas educacionais brasileiras reconhecem a literatura como um objeto de transmissão de conhecimentos, e enfatizam a sua capacidade de colaborar para o desenvolvimento da criticidade do aluno perante a sociedade e, conseqüentemente, transformá-la conforme os interesses vigentes que a permeiam.

Contudo, muitas vezes, a literatura é utilizada pelos professores apenas como suporte para a instrução de conteúdos previstos na educação brasileira, enquanto a análise de seus recursos estéticos, a leitura por fruição e o desenvolvimento do pensamento crítico do leitor são deixados em segundo plano. Em outras palavras, o incentivo à leitura como um ato prazeroso e presente no cotidiano, dentro e fora das escolas, acaba sendo negligenciado tanto nas teorias quanto nas práticas educacionais.

Bordini e Aguiar (1988) afirmam que, para o professor atingir os princípios fundamentais que orientam o ensino de literatura, é essencial considerar aspectos como os interesses do leitor, a estimulação de novos interesses que despertem seu senso crítico e a preservação do caráter lúdico inerente ao jogo literário. Dessa forma, serão passadas para o aluno as funções básicas da arte:

[...] captar o real e repassá-lo criticamente, sintetizando-o de modo inovador, através das infinitas possibilidades de arranjo dos signos. O resultado final será um comportamento permanente de leitura, em que o texto se apresenta como

um desafio a ser vencido em inúmeras atividades participativas. Sua apreensão redundará em situações gratificantes que vão garantir a continuidade do processo de fruição da leitura. (Bordini; Aguiar, 1988, p. 28)

As autoras apontam também que a leitura do professor é pré-requisito da leitura do aluno, no entanto, os sentidos que são atribuídos ao texto pelo aluno não devem ser atrelados à interpretação do professor:

Qualquer modalidade de ensino depende, antes de tudo, do domínio que se tem do objeto a ser ensinado. Quando se trata de literatura, a experiência de leitura e o senso crítico do professor não podem ser substituídos pelo aparato metodológico, por mais aperfeiçoado e atualizado que este seja. Uma aula de literatura bem planejada parte não da metodização das atividades, mas do próprio conteúdo dos textos a serem estudados. Assim sendo, o professor precisa ter uma leitura prévia e compreensiva dos mesmos, se deseja proporcionar a seus alunos vias eficazes de fruição e conhecimento das obras e da história literária. (Bordini; Aguiar, 1988, p. 28)

Considerando o que foi discutido em torno da escolha de textos literários no ensino, a relação entre a seleção de textos e a orientação dos métodos de abordagem textual é interdependente uma da outra. Nesse contexto, Bordini e Aguiar (1988) enfatizam a necessidade de o professor conhecer algumas das teorias literárias para definir os limites do seu campo de trabalho, uma vez que tais teorias investigam e analisam a literatura sob diferentes perspectivas, definindo o que pode ser considerado literário ou não.

Numa toca no chão vivia um *hobbit*: uma sugestão entre mundos na literatura

Tal como constata Regina Zilberman (2012), a literatura infantojuvenil no ensino, atrelada à sua herança educacional, compromete-se com a formação escolar e ideológica do aluno, visando à sua inserção na vida social. Entretanto, muitas das escolhas de livros literários, até os oferecidos gratuitamente às escolas, para permanecerem com os alunos, recaem sobre obras que frequentemente apresentam poucas qualidades estéticas e receptivas, cujo objetivo principal é transmitir informações sobre diversas questões sociais a partir do seu contexto de criação, funcionando como um meio de instruir o estudante conforme as exigências e necessidades da sociedade.

A escolha de livros como *Tosco*, de Gilberto Mattje, para as escolas públicas, reflete uma tendência de utilizar a literatura como um meio de conscientização sobre temas sociais relevantes, como o uso de drogas e os desafios da adolescência. No entanto, essa abordagem levanta um questionamento importante: incentivar a leitura literária está, de fato, no centro dessa seleção ou a literatura está sendo instrumentalizada apenas como um veículo para transmitir mensagens educativas e moralizantes?

Embora a temática do livro possa dialogar com a realidade dos alunos e gerar identificação, a escolha de obras predominantemente utilitárias pode negligenciar um aspecto fundamental da literatura: seu valor estético, sua pluralidade de sentidos e sua capacidade de proporcionar fruição e prazer na leitura. Se o critério de seleção prioriza apenas obras cujo conteúdo aborda problemáticas sociais de forma explícita, sem integrar as três direções norteadoras que estabelecem critérios para essa escolha – conforme mencionado no tópico acima, com base nos dizeres de Rildo Cosson (2019) –, corre-se o risco de afastar os estudantes da experiência literária em sua totalidade, reduzindo-a a um mero suporte pedagógico para a transmissão de ensinamentos instrutivos.

Dessa forma, a escolha dos livros deveria levar em conta não só a relevância social do conteúdo, mas também o valor artístico da obra e a capacidade de despertar no aluno um interesse genuíno pela leitura. Isso possibilitaria o desenvolvimento do senso crítico, da autonomia interpretativa e, acima de tudo, de uma relação mais envolvente e significativa com a literatura.

A literatura no âmbito educacional sendo tratada como uma finalidade para o estudo de temas/assuntos dedicados ao saber curricular, às questões que os alunos deverão saber para obterem bons resultados em exames, para ingresso em cursos superiores, e até mesmo o sentido do mundo em que vivem de maneira externa à obra, remete a uma forma de desprezo perante os estudantes. Isto porque pouco lhes proporcionam espaço para a melhor compreensão de si mesmos como sujeitos leitores: “difícilmente poderá ter como consequência o amor pela literatura.” (Todorov, 2009).

Caso as instituições educacionais de fato se incumbissem de incentivar a leitura literária e o gosto pelo ato de ler literatura como um hábito, tendo em vista que se trata de um processo de construção, bem como se reconhecessem as capacidades cognitivas e intelectuais dos alunos, considerariam oferecer também, mais livros que atraíam a curiosidade e o fascínio para o mundo da leitura literária de modo mais afetivo.

A fim de evitar direções isoladas na seleção de livros literários no ensino, como citado por Cosson (2019), integrar as possíveis orientações metodológicas apontadas por

Bordini e Aguiar (1983) e, também, contrapor a prática de utilizar obras literárias no ambiente escolar com o intuito primordial – e, muitas vezes, exclusivo – de instrução, conforme discutido por Zilberman (2012), esta pesquisa sugere a obra *O Hobbit*, do autor britânico J. R. R. Tolkien, pertencente ao universo de *O Senhor dos Anéis*, por se tratar de uma narrativa que não apenas conduz ao conhecimento literário, mas também ao autoconhecimento.

A escolha dessa obra, portanto, visa contradizer o uso da literatura no ensino escolar apenas com o propósito de instruir o aluno, buscando, em contrapartida, atrair os jovens para o mundo da leitura, para que possam se interessar e desfrutar dos elementos composicionais das narrativas ficcionais, tantas vezes, ironicamente, negligenciados nas aulas de literatura. Afinal, estudar literatura na escola não deve se resumir à análise de aspectos sociais, enquanto a criatividade, a imaginação e o lado emocional são deixados em segundo plano.

Ao considerar os protagonistas da educação como tais e incentivá-los com livros como *O Hobbit*, de Tolkien, obra amplamente reconhecida e que continua a influenciar a criação de novos mundos ficcionais, é possível suscitar o desejo pela leitura e pela discussão em grande parte dos leitores literários iniciantes e dos já leitores.

Ainda conforme Todorov e relacionando sua afirmação com a obra acima mencionada:

Em regra geral, o leitor não profissional, tanto hoje quanto ontem, lê essas obras não para melhor dominar um método de ensino, tampouco para retirar informações sobre as sociedades a partir das quais foram criadas, mas para nelas encontrar um sentido que lhe permita compreender melhor o homem e o mundo, para nelas descobrir uma beleza que enriqueça sua existência; ao fazê-lo, ele compreende melhor a si mesmo. O conhecimento da literatura não é um fim em si, mas uma das vias régias que conduzem à realização pessoal de cada um. (Todorov, 2009, p. 32-33)

Vale ressaltar que de acordo com a leitura e interpretação dos estudos de Todorov (2009), o leitor não profissional é aquele que não fez um curso superior em Letras, assim, os conhecimentos teóricos a respeito da literatura devem ser destinados aos profissionais dessa área. Aos não profissionais, ao estudar uma obra, é necessário que estudem, de fato, a obra em si, o que expressam, seus sentidos, seus mundos próprios.

Além disso, narrativas carregadas de elementos ficcionais não apenas desafiam o leitor, mas também expandem sua experiência com a leitura:

E isso é ainda mais excepcional porque essa é uma história não apenas do desdobramento de uma história e seu texto, mas da evolução de um mundo. Há

uma imensidão de material adicional além do simples texto narrativo. Há mapas e ilustrações. Há línguas e sistemas de escrita, e as histórias de povos que falavam e escreviam nesses sistemas. Todos esses materiais adicionais acrescentam múltiplas dimensões de complexidade à nossa apreciação do próprio mundo inventado. (Anderson, 2004, p. 23)

O Hobbit, publicado pela primeira vez em 1937 e escrito pelo escritor, professor universitário e filólogo britânico J. R. R. Tolkien, é narrado em terceira pessoa, o que confere à obra um tom onisciente, conhecedor de todos os aspectos do mundo ficcional, de maneira irônica carregada de humor; não muito inocente. Trata-se da história de um grupo de anões³ e um *hobbit* (criatura menor que um anão e pouco adepta a aventuras) numa grande aventura em busca de uma enorme quantidade de ouro que está sob o domínio de um dragão.

O livro inicialmente foi uma história destinada aos filhos do autor, logo, é comumente compreendido como uma obra para o público infantojuvenil. Além disso, apresenta-se como prelúdio da narrativa de *O Senhor dos Anéis*. Esta que, de maneira gradual, amplia o nível de complexidade da linguagem, ao mesmo tempo em que dá continuidade à história das personagens. Quando um certo hobbit encontra um anel e se apossa dele, diversos conflitos emergem, e novas personagens passam a integrar a trama na luta contra o Mal.

Apesar de originalmente serem obras pertencentes à literatura inglesa, as traduções para a língua portuguesa mantêm muita coisa da composição do texto original, como escolhas linguísticas para consolidar um propósito próprio conforme o universo ficcional. Tolkien, com seu vasto conhecimento em línguas clássicas, dedicou-se à criação de idiomas específicos para as diversas sociedades que compõem seu mundo ficcional, como a língua dos elfos, dos orques e dos anões.

Para enriquecer ainda mais o universo fantástico, o autor se dedicou também às ilustrações para retratar partes dos lugares vividos pelas personagens e à criação de mapas da Terra Média, o mundo fictício onde se desenrolam a maioria de suas obras, como mostra a imagem abaixo:

Figura 2: Mapa da Terra Média, ilustrado por Tolkien.

³ A edição do livro examinada foi uma tradução fornecida pela editora Harper Collins em 2019. Há uma nota do tradutor que opta pelo plural “anões”, sendo tão correto quanto a palavra “anões” e esta escolha linguística é usada para dar ao leitor a impressão de estranheza pela tradução, já que o texto original em inglês troca o plural de *dwarfs* (anões) para *dwarves* (anões), a fim de propiciar ao leitor brasileiro o mais próximo que o autor fez no original.



Fonte: Arthur Brenneisem, O Senhor dos Anéis, Mapa da Terra Média, 2024. jpg

A obra ficcional em foco compreende elementos relevantes para intensificar o desenvolvimento do senso estético e crítico do leitor, compromissos enfatizados pela BNCC com a educação integral. As gravuras ao longo da obra de Tolkien proporcionam sensação de maior conexão com o universo inventado pelo autor, o que para o público infantojuvenil pode ser bem apreciado, apesar da prolixidade em elementos descritivos na narrativa. Acerca da capacidade em se tornar leitor crítico, Perrone-Moisés (2016) pontua que:

Do mesmo modo, a formação de um bom crítico de literatura é facultada a qualquer um, independentemente de diplomas, porque o crítico é antes de tudo um grande leitor. Se a pessoa teve a sorte de ler desde cedo bons livros, ela se tornará cada vez mais exigente e mais apta a avaliar os novos livros que lhe caírem nas mãos. É uma formação do gosto, como a do enólogo, e toda formação de gosto se faz por análise e comparação. (Perrone-Moisés, 2016, p.51)

Ao contrapor as relações entre o universo da Terra Média com o do planeta Terra supõe-se que o aluno tenha um olhar analítico-crítico diante do cenário mundial, ao romper com visões reducionistas com o estímulo da autonomia do pensamento, enquanto compara e reconhece os mundos a partir do imaginário criativo numa perspectiva mais

ampla. Assim, a experiência estética se forma seja com o deleite ou com o estranhamento do enredo muitas vezes complexo também influenciado pelo medievalismo.

Embora o autor no prefácio da obra tenha assumido seu desejo de ter produzido a obra para satisfação própria e não considerado as vontades de um público alvo: “[...] em especial por ela ser de inspiração primariamente linguística e ter sido iniciada para proporcionar o necessário pano de fundo de ‘história’ para as línguas-élficas.” (Tolkien, 2022, p. 31), ele intervém a respeito do significado da história da narrativa de *O Senhor dos Anéis*, a qual posteriormente levou em conta a experimentação de escrever uma história realmente longa que cativasse a atenção dos leitores, os divertissem e os comovessem profundamente, às vezes.

Seu guia para isso eram seus próprios sentimentos, o que o levou a equívocos. Tolkien admite que a obra não carrega nenhuma intenção deliberada do autor, nenhum significado interno ou mensagem específica, pois não se trata de uma narrativa alegórica nem tópica. Os eventos presentes no enredo, portanto, têm uma base tênue na experiência, mas sem qualquer referência política contemporânea ou significado alegórico influenciados pelo contexto de produção:

Outros arranjos poderiam ser inventados de acordo com os gostos ou as opiniões dos que gostam da alegoria ou da referência tópica. Mas eu detesto cordialmente a alegoria em todas as suas manifestações e sempre a detestei desde que me tornei bastante velho e cauteloso para detectar sua presença. Prefiro muito a história, verdadeira ou inventada, com sua variada aplicabilidade ao pensamento e à experiência dos leitores. Creio que muitos confundem “aplicabilidade” com “alegoria”; mas uma reside na liberdade do leitor, e a outra, na dominação proposital do autor. (Tolkien, 2022, p. 34)

Considerar que um texto literário possui um único sentido é um tanto ingênuo, especialmente quando se reconhece que o projeto ideológico também se apresenta como uma condição fundamental das obras literárias. De acordo com as observações feitas por Compagnon (2010, p. 147): “O sentido é, pois, um efeito experimentado pelo leitor, e não um objeto definido, preexistente à leitura.” Dessa forma, como cada leitor dispõe de condições de análise diferenciadas, suas expectativas, interpretações e reformulações seguem direções múltiplas.

[...] o texto literário é caracterizado por sua incompletude e a literatura se realiza na leitura. A literatura tem, pois, uma existência dupla e heterogênea. Ela existe independentemente da leitura, nos textos e nas bibliotecas, em potencial, por assim dizer, mas ela se concretiza somente pela leitura. O objeto

literário autêntico é a própria interação do texto com o leitor. (Compagnon 2010, p. 147):

É essencial que o leitor perceba a intenção do autor ao escrever uma obra? A compreensão imediata da posição do autor em relação ao seu próprio texto é realmente necessária no caso da literatura? Como formar leitores literários quando o elemento estético das obras é frequentemente negligenciado?

Paralelamente, uma abordagem interdisciplinar pode permitir comparações entre o original e a tradução, enriquecendo a experiência de leitura, especialmente com o suporte dos professores de língua portuguesa e língua inglesa. Para isso, é fundamental que os docentes possuam um repertório amplo e um conhecimento aprofundado das obras que ensinam

Pautadas em novas exigências para a sociedade, certas políticas educacionais respaldadas em reformas a fim de se desvincular do ensino tradicional, em contrapartida, mantêm quase que os mesmos parâmetros ultrapassados modificando apenas a forma de dizer e como diz, com ações que ainda prejudicam os estudantes quanto ao aproveitamento das aulas de literatura, visto que são mais focadas para atender às demandas de conteúdo para processos seletivos de ingresso em cursos superiores.

Desse modo, determinadas políticas e tendências educacionais contemporâneas prezam em colocar os alunos como protagonistas, no entanto, pouco os valorizam como tais, negligenciando os interesses pessoais e reais desse público de modo silencioso por trás de seus interesses próprios, avançando em alguns pontos e retrocedendo em outros,

mais centradas em decisões políticas e sociais do que educacionais em primeira instância. A crítica literária Perrone-Moisés (2019) pondera acerca de algo semelhante à questão levantada acima. Segundo a autora, o nacionalismo exacerbado tão presente no passado dividiu a literatura em literaturas, com base nas nações. Na contemporaneidade,

essa ênfase permanece sobre o pressuposto de identidade nacional e contexto social ao exaltar a valorização do local:

A excessiva ênfase no “contexto social” e na “identidade nacional”, que aparece em todos os documentos do Ministério da Educação (MEC), limita os estudos literários ao local, quando a boa literatura, embora contenha sempre as marcas do social e do nacional, não conhece fronteiras geográficas. A literatura é, justamente, uma poderosa mediadora entre diferentes culturas, função que hoje em dia, num mundo globalizado pela informação e pelos deslocamentos humanos, é mais do que nunca oportuna. (Perrone-Moisés, 2019, p. 33)

Há de se concordar que, por um lado, essa perspectiva, embora considerada atual, ainda se mantém arraigada a concepções tradicionais. No entanto, possui um viés que, de certo modo, pode ser considerado positivo. Se por um lado contribui para a segregação e limitam os estudantes de conhecerem “outras literaturas”, que naturalmente recebem mais destaque ao redor do mundo, por outro, se não fossem tais propostas os alunos pouco conviveriam com a “literatura” produzida por aqueles que estão mais próximo de seu meio concreto.

No entanto, as orientações do MEC devem ser analisadas com cautela, pois, como diz o ditado popular, 'tudo que é demais, sobra'. O excesso de critérios pode acabar promovendo uma segregação cultural, levando à elitização da literatura. Esse processo reforça a ideia conservadora de que apenas determinados públicos são capazes de acessar e compreender obras consideradas de maior valor literário, afastando-as do restante da população e desconsiderando sua relevância para diferentes contextos sociais.

Assim, a democratização da literatura se manifesta como um ideal presente no imaginário coletivo, ativado no subconsciente do público por meio de belas palavras, muitas vezes confusas e contraditórias, que compõem os documentos oficiais da educação. O principal alvo dessas diretrizes é o professor, encarregado de atuar diretamente com os estudantes. Nesse contexto, é compreensível que muitos educadores sintam receio de exercer sua profissão com qualidade e de se posicionar, não sendo, necessariamente, uma questão de falta de competência.

Isso se assemelha ao que ocorre em diversas produções cinematográficas, nas quais professores — geralmente de literatura ou história —, ao instigarem seus alunos a refletirem sobre suas condições na sociedade, acabam rebaixados de seus cargos ou até mesmo demitidos em pouco tempo. Exemplos disso podem ser vistos em *Donnie Darko* (2001), *Druk – Mais uma Rodada* (2020) e *Os Rejeitados* (2023). Um autoritarismo nem tão velado assim.

Ao pensar no mundo atual, a mundialização poderia ser uma grande aliada para a expansão da literatura, já que propaga as diferentes culturas e modos e estilos de vida como formas de consumo em escala mundial, como em uma rede integrada. Entretanto, o processo de mundialização também possui as suas desvantagens, uma das quais nesse caso, seria a de valorizar algumas culturas enquanto outras seriam excluídas justamente por serem mais ou menos populares.

A leitura literária, portanto, é uma prática que precisa ser constante e cultivada, e para isso, a escolha das obras a serem lidas deve ser cuidadosa, considerando também os

interesses dos alunos. As obras literárias articuladas a outras permitem a análise comparativa entre si, sendo suscetíveis de provocarem valores ainda mais significativos ao desenvolvimento estudantil.

Sua significação se ampliará ainda mais ao dialogar não apenas com os temas centrais das obras escolhidas, mas também com a construção de elementos narrativos e estéticos de outras obras. Isso proporcionará maior diversidade aos alunos, permitindo-lhes expandir seu repertório cultural e exercitar seu direito de adentrar narrativas de diferentes povos, contextos e situações, que transcendem o próprio texto.

Vale evidenciar que nem tudo o que é considerado literatura é capaz de conceder grandes proveitos a quem lê, pois isto depende da harmonização dos elementos da obra entre si, para então, os seus efeitos possibilitarem impacto ao público, o que depende também das experiências individuais de cada leitor, evocando assim, um trabalho de autoconhecimento.

Além de uma proposta metodológica que embase a atuação do professor, é de extrema importância que ele tenha um repertório diversificado de leituras para se posicionar em relação às obras que melhor contribuirão para com a formação do aluno. A literatura não é mero objeto instrutivo, suas dimensões vão além do adquirir conhecimento ou moralizar.

Em suas poucas aparições no ensino, a literatura segue sendo utilizada somente como instrumento didático, suas especificações artísticas pouco são destacadas, logo, a prática de leitura literária é vazia ou até mesmo inexistente. Consequentemente, os textos literários com imensidão artístico-ideológica são pouco aproveitados, isto é, a criatividade da linguagem literária. O próximo e último capítulo desta dissertação aborda a metodologia e discute os resultados obtidos ao longo da pesquisa. As questões levantadas até este ponto da argumentação teórica serão examinadas de maneira mais abrangente.

Capítulo III

3. METODOLOGIA

A situação envolvendo o ensino de literatura não é um desafio atual e carrega consequências que ultrapassa as fronteiras escolares. Milhares de leitores estão se perdendo no caminho à medida em que os anos se passam, leitores literários, leitores profissionais, leitores comuns, aqueles que têm a leitura como hábito e aqueles que não a têm com recorrência. E a escola, por vezes mostra-se como um ambiente pouco valorizado ou motivado para a prática de leitura literária.

Leyla Perrone-Moisés (2016) destaca a importância da literatura no mundo contemporâneo para que o Leitor Modelo, proposto por Umberto Eco, seja predominante. O leitor modelo é dividido em dois níveis, o de primeiro nível deseja saber como a narrativa terminará, o qual é denominado de leitor semântico. O leitor de segundo nível é definido como semiótico ou estético, e busca descobrir como procederam os passos do autor: “[...] o leitor de primeiro nível quer saber o que acontece, aquele de segundo nível como aquilo que acontece foi narrado. Para saber como a história acaba, geralmente basta uma única vez. Para transformar-se em leitor de segundo nível é preciso ler muitas vezes, e certas histórias deve-se lê-las ao infinito.”

A maior provocação neste estudo é buscar respostas para compreender se de fato o interesse pela leitura literária no espaço escolar e fora dele se perde cada vez mais. E também, como as relações imersas na contemporaneidade interferem no desenvolvimento da leitura na sociedade brasileira. Assim, o que falta ser feito para alcançar leitores críticos e estéticos se os números de leitores vêm diminuindo e mais da metade da população não é leitora no país? O ditado popular "Colocar a carroça na frente dos bois" se aplicaria nessa situação?

Para verificar como se dá a relação entre texto literário, leitor, ensino e as suas influências para além da escola, além da pesquisa bibliográfica a que se procedeu nos capítulos anteriores, há uma parte destinada a entrevistas com um grupo de realidades variadas: professores de Letras, atuantes ou ainda em formação, estudantes da rede básica e sujeitos que não mais estudam.

A proposta para as entrevistas considerou a experiência com o ensino de literatura e a relação com a leitura de textos literários dentro e fora da escola. Para isso, os entrevistados foram selecionados conforme sua profissão e trajetória escolar e acadêmica, incluindo professores, professores em formação, estudantes do Ensino Fundamental e do Ensino Médio, além de profissionais autônomos que não estudam mais formalmente. Ao todo, participaram da entrevista dez pessoas, com idades entre 13 e 36 anos. Os estudantes foram escolhidos, preferencialmente, por frequentarem escolas públicas, conectadas ao meio de vivência da pesquisadora.

Apesar das diferenças entre as realidades, há pontos de proximidade que possibilitam compreender as condições de leitura literária proporcionadas pelo ensino escolar e como essas influenciam as práticas leitoras posteriormente incorporadas ao comportamento do leitor. As entrevistas foram realizadas tanto presencialmente quanto online, seguindo um roteiro previamente elaborado. Houve também a coleta de dados por meio de questionários e formulários disponibilizados aos participantes, que os responderam e enviaram de forma remota, via Internet. Dessa forma, as respostas só eram acessadas pela pesquisadora dias depois, o que impactava o tempo de análise e possíveis interações imediatas. Outras entrevistas online foram feitas por meio de áudios nas redes sociais devido à disponibilidade dos envolvidos.

Para isso, foi adotada uma abordagem qualiquantitativa, uma vez que a investigação não se restringe à análise numérica de dados, mas busca compreender, de maneira mais aprofundada, as percepções, comportamentos e experiências dos participantes em relação à leitura literária ao longo de suas vidas. A autora Minayo (2001) defende que a combinação dos métodos qualitativos e quantitativos são complementares, pois permite uma análise mais ampla para a investigação. A dimensão quantitativa diz respeito ao panorama geral do fenômeno estudado enquanto que a dimensão qualitativa aprofunda a compreensão dos significados, subjetividades e contextos sociais que permeiam os dados coletados atribuídos pelos entrevistados.

Assim, a articulação entre os dois métodos permite um enriquecimento para a pesquisa, pois a interpretação dos dados é feita de modo mais amplo e contextualizado. A vertente quantitativa possibilita verificar a frequência das respostas, oferecendo um cenário geral das experiências e práticas leitoras dos envolvidos na construção da pesquisa, e a qualitativa permite interpretar seus significados, considerando o contexto sociocultural em que estão inseridos.

3.1 ENTREVISTAS

3.1.1 – Professor em formação

Foram entrevistados um professor em formação estudante do curso de Letras - Português e Inglês pela Universidade Estadual de Goiás (UEG) e 1 professora em formação continuada em Literatura Brasileira. As entrevistas foram realizadas por meio das redes sociais WhatsApp e Instagram, e transcritas para um arquivo a fim de reunir os resultados obtidos. Abaixo constam as perguntas que nortearam a entrevista destinada aos professores em formação:

1. Qual o papel da literatura na formação dos jovens estudantes?
2. Você se considera leitor? (lê mais de 3 livros por ano) E leitor de literatura?
3. O que mais te atraiu para o mundo da leitura literária?
4. O que você mais lê contos, poesias, crônicas ou romances?
5. Você se lembra como foram as suas aulas de literatura quando você era aluno da rede básica de ensino?
6. Você gostaria de ler mais livros? Por que não lê mais?
7. Quais os livros, literários ou não, que mais marcaram a sua pessoa? E por quê?
8. Você como professor em formação, o que espera para as suas aulas futuras?
9. Algo mais a declarar sobre este assunto? Fique à vontade.

As perguntas acima são um roteiro, contudo, as entrevistas não se limitaram a elas, a abertura para mais discussão foi factível conforme o desenvolvimento das respostas obtidas. O único obstáculo encontrado nesta etapa foi em uma das entrevistas que a pergunta de número 5 “Você se lembra como foram as suas aulas de literatura quando você era aluno da rede básica de ensino?” ficou esquecida e não foi feita durante a entrevista, o que gerou um prejuízo para a pesquisa, pois é uma das questões mais importantes para a discussão das respostas.

3.1.2 – Professor

O objetivo inicial foi entrevistar um professor do Ensino Fundamental II e do Ensino Médio. A entrevista foi feita a partir de 12 questões enviadas por meio de um documento Word, as quais deveriam ser respondidas discursivamente. As perguntas foram as seguintes:

1. Qual o papel da literatura na formação dos jovens estudantes?
2. Qual a relação da escola em que você atua com o ensino de literatura?
3. Você dá aula para turmas de quais níveis? Como os seus alunos recebem os textos literários em sala de aula?
4. Comente um pouco sobre o seu envolvimento com a literatura fora do seu trabalho na escola, por favor.
5. Você se considera leitor? (lê mais de 3 livros por ano) E leitor de literatura?
6. O que você mais lê contos, poesias, crônicas ou romances?
7. O que mais te atraiu para o mundo da leitura literária?
8. Quais gêneros literários você mais utiliza em suas aulas? Por quê?
9. Como você trabalha a literatura na escola?
10. Você se lembra como foram as suas aulas de literatura quando você era aluno da rede básica de ensino?
11. Quais os livros, literários ou não, que mais marcaram a sua pessoa? E por quê?
12. Algo mais a declarar sobre este assunto? Fique à vontade.

A entrevista iniciou com uma conversa voltada ao tema das perguntas do roteiro acima para posteriormente ocorrer o registro individual do participante no arquivo. Devido a tal procedimento um pouco mais trabalhoso e com o número de questões mais extenso, as entrevistas feitas dessa maneira demandaram mais tempo e paciência do entrevistado. Logo, o entrevistado para esta categoria foi apenas um professor que trabalha em duas escolas, uma de nível fundamental na Cidade Ocidental-GO e outra de nível médio em alguma região do DF a qual não foi informada pelo participante. Foram

realizadas outras conversas pelas redes sociais com o participante após o recebimento do arquivo contendo suas respostas. Durante esse diálogo, o participante enviou imagens relacionadas a projetos literários desenvolvidos em seu trabalho.

3.1.3 – Estudantes

Nesta categoria quatro alunas do Ensino Médio foram entrevistadas numa conversa por meio de áudios e também mensagens de texto. Para conduzir a entrevista foi utilizado um roteiro de perguntas, parecido, mas diferente do dos professores, como mostra abaixo:

1. Qual o papel da literatura na formação dos jovens estudantes?
2. Você se considera leitor? (lê mais de 3 livros por ano) E leitor de literatura?
3. O que mais te atraiu para o mundo da leitura literária?
4. O que você mais lê contos, poesias, crônicas, fanfic, mangás ou romances?
5. Como são as suas aulas de literatura na escola?
6. Como é a sua experiência com as leituras obrigatórias exigidas pela escola?
7. Quais os livros, literários ou não, que mais marcaram a sua pessoa? E por quê?
8. Você gostaria de ler mais livros? Por que não lê mais?
9. Algo mais a declarar sobre este assunto? Fique à vontade.

Duas entrevistadas são estudantes do Ensino Médio da rede pública da cidade de Anápolis-GO. Já quanto as outras duas, uma é aluna do Ensino Fundamental II e a outra do Ensino Médio, também do ensino público, da cidade de Formoso-GO. As alunas participantes para este trabalho foram escolhidas pela própria pesquisadora. De duas delas, em momento anterior a pesquisadora trabalhou como professora de Língua Inglesa das jovens. Também conhecia um pouco de suas respectivas escolas por ter vivenciado

experiências como aluna das quatro instituições de ensino, o que motivou mais a escolha das participantes em questão. Houve o consentimento por parte de pais ou responsáveis das adolescentes, sendo uma já maior de 18 anos. As entrevistas com as alunas foram mais cômodas e agradáveis o que muito facilitou a abertura para mais questões relacionadas àquelas já elaboradas e incitaram mais indagações, de maneira bastante proveitosa. O sentimento de gratidão e empatia por duas das alunas foi tão forte que a entrevistadora, como professora, leitora, pesquisadora e incentivadora da leitura de literatura se propôs a presentear-las com um livro literário, conforme ia conhecendo suas personalidade e preferência literária.

3.1.4 – Sujeitos que não mais estudam

Por fim, duas pessoas que não mais são estudantes, mas que possuem Ensino Médio completo, além de dois profissionais com formação superior que atuam como professores, embora na área de História. Com dois dos participantes, primeiro houve uma conversa mais geral sobre o tema e depois o envio das perguntas para o preenchimento individual no arquivo Word. Com os outros entrevistados, as conversas aconteceram pessoalmente e foram gravadas para depois serem transcritas. As perguntas foram as seguintes:

1. Na sua opinião, qual o papel da literatura na formação dos jovens estudantes?
2. Você se considera leitor? (lê mais de 3 livros por ano) E leitor de literatura?
3. O que mais te atrai para o mundo da leitura literária? (Responder se for leitor)
4. O que você mais lê contos, poesias, crônicas ou romances? (Responder se for leitor)
5. O que te influencia/motiva a ler? (Responder se for leitor)
6. Você se lembra como foram as suas aulas de literatura quando você era aluno da escola?

7. Quais os livros, literários ou não, que mais marcaram a sua pessoa? E por quê?
8. Você gostaria de ler mais livros? Por que não lê mais?
9. Algo mais a declarar sobre este assunto? Fique à vontade.

Os quatro entrevistados que não mais estudam também são residentes na cidade de Anápolis-GO. Não houve nenhum tipo de obstáculo para suas entrevistas.

Todas as entrevistas aqui mencionadas foram realizadas no segundo semestre de 2024. O material com as transcrições das entrevistas e das respostas obtidas por cada categoria, professor em formação, professor, estudante e sujeitos que não mais estudam, consta, respectivamente no apêndice deste trabalho.

3. 2 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir dos resultados das entrevistas realizadas com professores, estudantes e indivíduos que já concluíram os estudos escolares ou universitários, percebe-se que todos os participantes, inclusive aqueles que não se consideram leitores, reconhecem a literatura como um elemento essencial na formação dos jovens. Trata-se de uma percepção coletiva, embora expressa de maneiras distintas. Essa diversidade na forma de expressão é, por si só, um aspecto positivo para o ensino, pois evidencia que o ser humano, dotado de pensamento crítico, se posiciona diante de seus conhecimentos de mundo.

Na concepção dos professor e professor em formação, o papel da literatura no desenvolvimento dos jovens estudantes engloba principalmente questões relativas ao conhecimento, na construção do pensamento crítico e reflexivo e da ampliação da aptidão criativa, ou seja, é algo mais voltado à intelectualidade dos alunos. Tal discernimento faz todo sentido, já que uma das funções atribuídas à literatura é a aprendizagem. Assim, ela serve como um instrumento de conhecimento, porém, diferente do conhecimento filosófico e científico. Neste sentido, Perrone-Moisés (2016) ressalta algumas específicas virtudes da literatura:

[...] porque ensinar literatura é ensinar a ler e, nas sociedades letradas, sem leitura não há cultura; porque a capacidade de leitura não é inata, mas

adquirida; porque os textos literários podem incluir todos os outros tipos de texto que o aluno deve conhecer, para ser um cidadão apto a viver em sociedade; porque os textos literários são aqueles em que a linguagem atinge seu mais alto grau de precisão e sua maior potência de significação; porque a significação, no texto literário, não se reduz ao significado (como acontece nos textos científicos, jornalísticos, técnicos), mas opera a interação de vários níveis semânticos e resulta numa possibilidade teoricamente infinita de interpretações; porque a literatura é um instrumento de conhecimento do outro e de autoconhecimento; porque a literatura de ficção, ao mesmo tempo que ilumina a realidade, mostra que outras realidades são possíveis, libertando o leitor de seu contexto estreito e desenvolvendo nele a capacidade de imaginar, que é uma necessidade humana e pode inspirar transformações históricas; porque a poesia capta níveis de percepção e de fruição da realidade que outros tipos de texto não alcançam. (Perrone-Moisés, 2016, p.35)

Os conhecimentos que a literatura possibilita ao leitor são vastos. Na escola, esses conhecimentos frequentemente se limitam a conteúdos didáticos, sem que a literatura seja explorada como um meio para a compreensão do outro e de si mesmo. No entanto, essa perspectiva é essencial para um ensino literário significativo, pois atende a uma necessidade humana fundamental, especialmente para o público infantojuvenil, que vivencia uma fase de transições marcadas por transformações físicas, emocionais e intelectuais.

No que concerne às experiências dos professores entrevistados sobre as aulas de literatura que tiveram enquanto estudantes da rede básica de ensino, suas memórias remetem a metodologias tradicionais, centradas na análise das formas dos textos literários e de seus respectivos contextos históricos. A participante professora em formação, Ymir, por exemplo, 11 anos mais nova que o professor Erwin, recorda-se que durante a sua trajetória como aluna do Ensino Médio, o único livro exigido pela professora como leitura obrigatória foi o *Os Sertões Veredas*. Nota-se uma pequena confusão pela entrevistada quanto ao título do romance do autor brasileiro João Guimarães Rosa, *Grande Sertão: Veredas*, que de alguma forma ficou marcado na mente da participante.

Contudo, para ela que tinha 16 anos na época, tratou-se de uma experiência ruim, ao seu dizer, a leitura do livro era para a realização de um trabalho avaliativo disposto em grupo. Como nenhum de seus colegas se sentiu motivado para a leitura, apenas para a obtenção da nota a qual determinaria a média final, optaram por dividir a obra em capítulos. Assim, cada um leria um pedaço e juntariam o que leram para proceder com a execução do trabalho escolar. Imagino o quão difícil ou como a famosa frase proferida pela personagem *Harry Potter* da saga literária homônima mais marcante da entrevistada em questão, “Malfeito feito” possa ter representado o resultado da atividade.

O quão malfeito ficou o tal trabalho ou bem operada, *de duas uma*, pois essa obra de Guimarães Rosa é considerada por muitos críticos literários e leitores experientes como obra de gênio, sua obra-prima de complexidade, em sua estrutura, ordenação, linguagem, dentre outros elementos composicionais que vão além dos conceitos usuais estabelecidos pela crítica, isto é, a experimentação estética. É interessante pensar que a narrativa não é estruturada em capítulos e os alunos, para facilitarem a divisão para cada integrante do grupo, dividiu-a em partes, o que pode ser assimilado como criatividade ou atentado à obra.

Sentimentos como esses, por exemplo, foram citados nas entrevistas dos participantes Ymir, Mikasa e Hange, nas respostas de suas leituras mais marcantes. Depoimentos assim, feitos por quem nutre apreço pela leitura literária, são muito tocantes. Como um dos vários dizeres de Leyla Perrone-Moisés (2016): “e só quem ama um assunto pode comunicar a outros o seu amor.”

O entrevistado Jean, ao ser questionado sobre o livro, literário ou não, que mais marcou a sua trajetória, indicou a cartilha da 1ª série, pois segundo ele, esse livro representa a sua alfabetização, e é o que lhe proporcionou aprender a ler e a escrever. Embora ele não seja leitor de literatura e nem aficionado às artes, considera-se um leitor crítico com interesse em notícias e artigos rápidos sobre assuntos da sua área de atuação e gostos pessoais.

É cativante reconhecer como a infância se torna memorável na vida dos sujeitos, como a cartilha mencionada por Jean e o livro *O Menino e a Lua*, que a Hange comentou com tanta emoção. Mesmo após uma década desde sua primeira leitura, ela fez questão de reencontrá-lo na biblioteca da escola para revivê-lo, reafirmando-o como sua obra mais marcante. Os anos iniciais da educação, portanto, necessitam comprometer-se com práticas de leitura literária significativas para os estudantes, para fomentar não somente a formação leitora, mas também a literária, já que ela é igualmente imprescindível no desenvolvimento dos jovens.

Já o professor Erwin, atribui às suas aulas de literatura, como aluno do ensino regular, uma experiência positiva apesar dos padrões tradicionais, valorizando-as por terem sido importantes na contribuição da sua formação profissional. Esse reconhecimento do professor participante sugere que sua vivência como aluno e sua aprendizagem ao longo de sua jornada acadêmica, contribuíram para traçar um caminho diferenciado das abordagens metodológicas no ensino de literatura, arraigadas em práticas educativas estáticas, sem muita inovação.

Dessa forma, como mencionado por ele, a sua atuação como professor adere às concepções metodológicas modernas, conforme as teorias dos documentos oficiais de ensino, atentando-se à valorização da linguagem como manifestação humana das culturas e a literatura, como parte disso. Ou seja, é algo que vai além do estudo dos aspectos gramaticais, e da interdisciplinaridade, ao unir diferentes áreas do conhecimento para colaborar no estudo de modo mais significativo para os estudantes. Em suas respostas, ele diz que seus alunos recebem bem os textos literários em sala de aula, as escolas em que trabalha são comprometidas com a divulgação e incentivo da literatura. As duas escolas em que o professor atua são da rede municipal de ensino, uma no Distrito Federal e a outra no Estado de Goiás.

A escola municipal no DF não tem projeto de entrega de livros literários para os alunos, é uma escola de Ensino Médio, já a em Goiás tem o projeto “Minha Biblioteca em Casa”, escola de Ensino Fundamental, cujo objetivo é o fomento à leitura literária entre os alunos do município. Para isso, cada aluno recebe uma maleta com obras literárias de acordo com suas idades e nível de escolaridade, para levarem para casa. O acervo de obras literárias é escolhido pela equipe escolar, que manda a descrição dos livros solicitados, e as respectivas séries que serão empregados, para a Secretaria da Educação do município, a qual é encarregada de enviá-los à instituição de ensino.

São livros infantojuvenis, de literatura contemporânea e cânones literários. Com esses livros, há outros projetos articulados ao estudo e à leitura de literatura, que acontecem com certa frequência na escola e conta com a participação da família dos estudantes. Abaixo, seguem imagens de alguns eventos abrangendo o projeto “Minha Biblioteca em Casa”, realizados pela equipe de professores e alunos da instituição do professor entrevistado:⁴

Figura 3: Banner da entrada do evento do Projeto “Minha Biblioteca” numa escola da rede municipal da Cidade Ocidental-GO.

⁴ As imagens foram fornecidas pelo professor em questão durante conversas sobre o assunto após a entrevista.



Fonte: Erwin, Projeto literário “Minha Biblioteca”, 2024. Jpg

Figura 4: Mural com frases para incentivar a leitura, durante o evento do projeto “Minha Biblioteca”.



Fonte: Erwin, Projeto literário “Minha Biblioteca”, 2024. jpg

Figura 5: Amostra de produções realizadas por alunos para o evento do Projeto “Minha Biblioteca”.



Fonte: Erwin, Projeto literário “Minha Biblioteca”, 2024. jpg

Como os livros literários recebidos são propriedade dos alunos, a interação entre família e escola é aumentada, bem como a possibilidade de trocas de experiências literárias entre aluno e família. Ao ocorrer o incremento de programas na educação, com propostas voltadas ao incentivo da leitura literária, nota-se que algumas realidades obtêm resultados satisfatórios.

Afinal, é necessária a ação do governo para que outros atores exerçam o seu papel no desenvolvimento educacional de qualidade. Percebe-se também o envolvimento do professor Erwin com a literatura fora da escola, como pesquisador na pós-graduação e escritor em blog literário. Dessa maneira, ele se mostra conhecedor da literatura e com experiências positivas em situações de aprendizagem significativas para o aluno.

Segundo as percepções das autoras Bordini e Aguiar (1983), as dificuldades em torno do ensino de Língua e Literatura estão na atuação do professor, que por falta de orientação metódica durante sua formação nos cursos de Letras, enfrentam em sala de aula ocorrências de despreparo:

[...] a formação recebida nos cursos de Letras [...], bem ou mal, propicia uma bagagem de conteúdos relacionados à língua e à literatura que deveria sustentar um ensino mais eficiente. Da mesma forma, o professor em exercício conta com vasta bibliografia para alimentar seus conhecimentos nessa área. Isso

tudo, entretanto, parece não resolver a crise, pois, de posse de todas as referências necessárias, o professor vê-se desorientado quanto ao modo de organizar experiências a elas atinentes em sala de aula. (Bordini; Aguiar, 1983, p.18)

Diante desta perspectiva, trabalhar os contextos históricos e correntes literárias respectivas às obras e seus autores em aulas de literatura não é o problema, mas sim a forma como o professor aborda isso, até porque o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), uma das provas mais importantes para a admissão no ensino superior, contém questões relativas a conteúdos literários. Isto é, o professor não deve se prender ao livro didático e nem transformar as aulas em um círculo vicioso.

Outro professor participante da pesquisa, Levi, que no momento está em formação e não ainda em exercício, em sua resposta para as suas aulas futuras como professor espera que suas aulas nunca sejam mecânicas ou técnicas *demaís*. Ele tem a intenção de ser professor universitário e reconhece as adversidades em torno do ensino de literatura tanto na educação básica quanto no ensino superior bem como a necessidade de se ensinar períodos históricos e literários nas aulas de literatura.

É evidente que o entrevistado possui um repertório sólido, com ampla bibliografia e profundos conhecimentos em sua área, chegando a citar o livro teórico *Literatura em Perigo*, de Tzvetan Todorov, como fonte de inspiração. Embora não atue em sala de aula como professor, Levi demonstra estar atento aos desafios do ensino de literatura e ciente de suas possíveis soluções. Mais do que isso, ele entende que um aprendizado significativo para os alunos não depende exclusivamente dos conteúdos, mas da forma como o professor os aborda.

Essa situação da abordagem metodológica do professor nas aulas de literatura, estudada e criticada pelas autoras Bordini e Aguiar (1983) há 41 anos, revela-se ainda atual e presente em diversas realidades apesar dos progressos alcançados. Tal problemática é muito apontada também nas entrevistas, pelas alunas do Ensino Médio e pelos sujeitos que deixaram os estudos há alguns anos.

Mais da metade dos participantes relatam ter ou ter tido experiências negativas, ruins ou chatas com as aulas de literatura nas escolas em que estudam ou estudaram. Mikasa, estudante do 3º ano do Ensino Médio de uma escola pública do estado de Goiás, comenta que as suas aulas de literatura não lhe proporcionavam o prazer pela leitura literária. Ela adquiriu o hábito leitor e o interesse pelo mundo da literatura por vontade

própria e por influência de amigos que a emprestavam livros e de seus pais que sempre a incentivaram a ler.

Na escola, por outro lado, ela diz que as aulas, as obras, não eram bem apresentadas, apenas fornecidas como exigências para que os alunos as lessem para no fim obterem suas notas. Em 2024, em seu último ano escolar, a participante menciona que as aulas destinadas aos conteúdos da literatura foram praticamente inexistentes. Como a literatura deixou de ser uma disciplina e nem se tornou um componente específico conforme as normas educacionais vigentes estabelecidas pela BNCC promulgadas em 2017, a literatura no Ensino Médio deixou de ser obrigatoriedade em todos os anos, tendo o seu lugar integrado à disciplina de Língua Portuguesa (como verificado no estudo no capítulo I). Então, constata-se que o ensino de literatura não foi alvo da instituição frequentada pela aluna para o 3º ano do Ensino Médio.

Em suas aulas no ano anterior, a aluna nota que a maioria dos conteúdos das aulas atribuídas ao componente de Língua Portuguesa era voltada a aspectos linguísticos, e a literatura, por parte da escola, via-se pouco incluída. Ela relata que, apesar de a literatura não ter sido levada em conta pela escola e pelo Estado, com destaque também no 2º ano, seu professor tentou ensinar a literatura em sala de aula. No entanto, novamente, como a literatura não era a prioridade da instituição no ensino, não se dispôs de tempo necessário para a realização de um trabalho consistente e significativo com a prática literária. Isso exemplifica como a literatura no currículo escolar, às vezes, serve apenas como um mero adereço.

Logo, o professor precisou adotar uma abordagem metodológica que viesse a atender à formação de seus alunos de alguma maneira. De modo a não se ocupar somente dos contextos históricos e correntes literárias de forma desvinculada de suas obras, a metodologia utilizada pelo professor em questão buscou ampliar o repertório de leituras literárias dos alunos. *Dom Casmurro* do autor Machado de Assis, foi a obra determinada pelo professor, mas na versão História em Quadrinhos (HQ).

A BNCC expressa a usualidade de outros gêneros artísticos baseados em obras literárias, como HQs, filme, animações etc. No entanto, deixa explícito que por força de simplificação didática, a literatura em si é substituída por biografias de autores, características de épocas, resumos, filmes ou HQs para contextualizar a obra, em vez da leitura do texto literário, tomando por base análises de seus processos de produção e recepção. “O que deve ser evitado é a simples substituição dos textos literários por essas produções.” (Brasil, 2018, p. 499)

A entrevistada reconhece que apesar de suas aulas de literatura não terem sido significativas para o seu aprendizado, seu professor do 2º ano do Ensino Médio teve um papel muito importante nas suas experiências com a leitura literária, e o sentimento de empatia pelo professor afetou suas percepções. Mikasa finaliza a sua entrevista com a reflexão de que a abordagem adotada no ensino de literatura é o que pode ser influenciável no quesito instigar os alunos a se interessarem por livros literários e a lê-los, e que, embora muitos profissionais da educação tentem superar esses desafios que o próprio Estado instaura, o ensino continua falho para diversas realidades.

Assim como Mikasa, muitos alunos não se sentem interessados pelas obras literárias que as escolas incluem seus currículos por não se identificarem com aquela realidade apresentada, até a escrita, como apontado pela aluna, interfere na maneira que o leitor receberá o texto, por conseguinte, o leitor valoriza o texto e se sente valorizado por ele. A crítica Márcia Abreu (2006) declara que: “Os livros que lemos (ou não lemos) e as opiniões que expressamos sobre eles (tendo lido ou não) compõem parte de nossa imagem social.” Diante disso, assume-se a literatura como uma manifestação cultural e que os seus produtos são parte desse fenômeno que consiste na imagem social de cada um.

A escola acerta ao oferecer obras literárias que expandem a percepção dos estudantes, permitindo-lhes o contato com realidades distintas das suas. No entanto, falha ao ignorar a vivência dos próprios alunos, deixando de incluir produções ligadas ao seu meio social e ambiente cotidiano. Essa exclusão frequentemente se apoia no argumento de que a experiência estética deve prevalecer, respaldando-se na teoria da estética da recepção, que valoriza a qualidade das obras. Contudo, muitos professores negligenciam a importância de partir do universo dos alunos para, então, conduzi-los a textos literários que ampliem seus horizontes culturais.

De acordo com Regina Zilberman (1989), em seu livro *Estética da Recepção e História da Literatura*, na teoria receptiva o leitor passa a ocupar papel ativo na construção de sentido da obra, o que depende do contexto sociocultural e das experiências individuais do leitor. Ao adotar essa perspectiva sem levar em conta a realidade do aluno, a escola reforça uma visão elitizada da literatura, afastando-a de seu papel de estimular o pensamento crítico e simbólico. Dessa forma, a leitura deixa de ser um meio de identificação e reflexão para se tornar um objeto distante.

A BNCC, por exemplo, não exprime a não utilização de livros literários presentes no convívio social dos alunos, o que se subentende que obras que os alunos leem ou com

que têm contato através de sites, redes sociais, amigos, podem e devem ser levadas para o contexto escolar a fim de proporcionar repercussão e apreciação. Em relação à literatura no Ensino Médio, o documento busca a progressão das habilidades e aprendizagens apreendidas no Ensino Fundamental, de modo a aumentar a complexidade dos elementos composicionais das obras. Dessa forma, a ampliação do repertório em torno dos textos literários, de acordo com a BNCC para o Ensino Médio como continuidade do Ensino Fundamental, consiste em:

a ampliação de repertório, considerando a diversidade cultural, de maneira a abranger produções e formas de expressão diversas – literatura juvenil, literatura periférico-marginal, o culto, o clássico, o popular, cultura de massa, cultura das mídias, culturas juvenis etc. – e em suas múltiplas repercussões e possibilidades de apreciação, em processos que envolvem adaptações, remediações, estilizações, paródias, HQs, minisséries, filmes, videominutos, games etc. (Brasil, 2018, p. 500)

Apesar disso, o que muito se verifica principalmente no Ensino Médio é a quase total inclusão de obras da tradição literária brasileira, por influência do ENEM. As alunas do Ensino Médio: Mikasa citou *Dom Casmurro* como sua leitura obrigatória no Ensino Médio, Hange, o *Auto da Compadecida*, de Ariano Suassuna, e nada mais. A aluna Annie também comentou *Dom Casmurro* como uma de suas leituras obrigatórias e além dele, *Água Viva*, de Clarice Lispector. Ela diz que obras como essas são frequentemente citadas em suas aulas. Não que os livros mencionados não sejam capazes de cativar os potenciais leitores, mas além da abordagem metodológica insuficiente já virou um senso comum, por muitos alunos, acreditarem que obras consideradas como clássicas são difíceis de compreender, por conta da complexidade, e então, chatas.

Logo, torna-se deveras complicado intensificar a vivência dos estudantes com a literatura de maneira significativa, estimulante, interessante. E mais, nutrir seus gostos pela leitura literária visando desenvolver o hábito leitor. Apesar disso, a aluna Annie afirma sentir-se tranquila em relação às leituras obrigatórias, pois, ainda que a linguagem das obras seja arcaica, ela reconhece a importância de ampliar seu repertório vocabular. Além disso, destaca que essas leituras proporcionaram reflexões sobre atitudes e situações do cotidiano, demonstrando como a literatura pode estabelecer conexões entre a experiência do jovem e a sociedade em que está inserido.

“A grande maioria dos poemas é medíocre, quase todos os romances são bons para serem esquecidos, mas nem por isso deixam de ser romances.” (Compagnon, 2010, p.

223) O crítico literário francês Antoine Compagnon sugere que a avaliação dos textos literários, ao compará-los, classificá-los, hierarquizá-los, deve ser diferenciada do valor da literatura em si mesmo. Critérios de valor às formas literárias tornaram-se praticamente regras a serem seguidas. Saber o que dizer sobre certas obras que são consideradas como excepcionais pela crítica, independentemente de seu gosto pessoal.

O público espera dos profissionais da literatura que lhe digam quais são os bons livros e quais são os maus: que os julguem, separem o joio do trigo, fixem o cânone. A função do crítico literário é, conforme a etimologia, declarar: “Acho que este livro é bom ou mau”. Mas os leitores, por exemplo os de crônicas literárias de imprensa cotidiana ou semanal, mesmo que não detestem o acerto de contas, se cansam dos julgamentos de valor que mais parecem caprichos, e gostariam que, além disso, os críticos justificassem suas preferências, afirmando, por exemplo: “Estas são as minhas razões e são boas razões.” A crítica deveria ser uma avaliação argumentada. (Compagnon, 2010, p. 221)

Nada mais natural que tais noções deixem leitores e não leitores inseguros quanto aquilo que leem ou não leem, já que o que é lido ou não lido também diz respeito à imagem social dos sujeitos. Essa insegurança a respeito do que lê por conta do que é dito pela crítica literária é percebida nas respostas da professora em formação Ymir, que em determinados momentos não se considera leitora de literatura porque alguns dos livros que lê não são classificados como literatura por parte da crítica especializada.

A entrevistada é pós-graduanda em Literatura Brasileira, ou seja, em breve se tornará especialista nesta área. “Todo estudo literário depende de um sistema de preferências, consciente ou não.” (Compagnon, 2010, p. 222) Assim, ela tem consciência de que, com base em seus estudos sobre teoria da literatura, o valor literário costuma estar centrado em obras designadas como cânones ou clássicos e que produções como *Harry Potter* nem sempre são reconhecidas como literatura por diversos críticos, especialmente quando comparadas a textos de grandeza legítima segundo os critérios avaliativos da crítica literária.

Tais critérios em torno da composição da arte literária se dão por convenções sociais e isso gera espaço para divergências e discussões, pois como observa Terry Eagleton (2020) “Culturas diferentes podem ter critérios diferentes para decidir o que conta como bom ou ruim em arte.” Como mencionado acima, um dos objetivos da BNCC na transição do Ensino Fundamental para o Ensino Médio, no que concerne a literatura, é o foco por obras literárias mais carregadas em complexidade em suas composições, como obras da tradição literária de preferência de língua portuguesa e obras mais

complexas da literatura contemporânea e das literaturas indígena, africana e latino-americana. Ainda em consonância com Eagleton (2020, p. 194-195):

Obras profundas e complexas podem parecer candidatas óbvias ao mérito literário. Mas a complexidade não é um valor em si. O fato de ser complexo não é garantia automática de um lugar entre os imortais. [...] Tampouco é verdade que toda boa literatura é profunda. [...] Talvez o que torne excepcional uma obra literária seja a ação e a narrativa.

Como visto, os critérios de excelência variam entre os textos literários. É preciso levar isso em consideração por mais que os juízos de valor tenham a ver com gostos pessoais de quem os dita e não exatamente com os de quem adere a eles representam mais do que o gosto subjetivo de quem os classifica. No campo de estudo da Língua e Literatura é necessário que os professores estejam cientes disso, pois o discurso não é passível de múltiplas interpretações e significações, e as reflexões que a literatura provoca é o que vai ensinar:

Se não é possível ver a literatura como uma categoria “objetiva”, descritiva, também não é possível dizer que a literatura é apenas aquilo que, caprichosamente, queremos chamar de literatura. Isso porque não há nada de caprichoso nesses tipos de juízos de valor: eles têm suas raízes em estruturas mais profundas de crenças, tão evidentes e inabaláveis quanto o edifício do Empire State. Portanto, o que descobrimos até agora não é apenas que a literatura não existe da mesma maneira que os insetos, e que os juízos de valor que a constituem são historicamente variáveis, mas que esses juízos têm, eles próprios, uma estreita relação com as ideologias sociais. Eles se referem, em última análise, não apenas ao gosto particular, mas aos pressupostos pelos quais certos grupos sociais exercem e mantêm o poder sobre outros. (Eagleton, 2020, p. 24)

Determinados professores, por convenções sociais estabelecidas na área dos estudos literários, comumente repetem aquilo que aprenderam sobre os livros e autores como uma verdade universalmente reconhecida, mas não explicam para os alunos o motivo de tais obras serem tão boas e relevantes para sua formação leitora. À vista disso, a maioria dos estudantes não compreende o porquê de terem que realizar essas leituras e não se interessam com o ato.

Esse tipo de abordagem revela-se extremamente insignificante e enfadonha para muitos alunos, a ponto de alguns admitirem terem se sentido revoltados com esse formato de aula. A entrevistada Sasha, por exemplo, utilizou o termo *revoltada* para descrever sua experiência com as aulas de literatura. Zeke, por sua vez, classificou o estudo da disciplina

na escola como algo *chato*, argumentando que dificilmente os alunos se interessam por esse tipo de conteúdo e que o principal motivador era a nota final. Mikasa descreveu suas experiências como *ruins*, enquanto o professor Erwin resumiu suas aulas como *básicas*, e Ymir foi ainda mais enfática ao definir suas vivências com o ensino de literatura na escola como *horríveis*.

Dentre os cinco participantes mencionados acima, quatro se reconhecem como leitores, seja de literatura ou de livros em geral, mantendo a leitura como hábito. Esse interesse foi desenvolvido de forma independente, sem influência direta da escola. Sasha que tanto se sentiu revoltada durante os anos de escola por ter sido obrigada a ler, mostrou-se interessada em ler livros depois de adulta, tendo lido este ano um do gênero de autoajuda, ela diz ter preferência por temas desse tipo e pretende ler mais no ano seguinte, sem pressa e sem obrigação nenhuma.

Quanto às alunas que ainda frequentam a escola, estas descrevem sua experiência quanto às suas aulas de literatura de maneira positiva: Hange admite gostar bastante das suas aulas de literatura, enquanto Annie se diz ser tranquila sobre suas leituras obrigatórias. Já Krista as considera *bem legais* e demonstra grande interesse pela disponibilização de livros literários para leitura. Das três, apenas uma se reconhece como leitora de literatura, Krista. Duas se identificam como leitoras de maneira geral, enquanto uma – Hange – não se considera leitora.

O uso dos celulares em sala de aula apenas foi citado pela entrevistada Sasha que apesar de não frequentar mais a escola, vivenciou o cenário em que esses aparelhos eletrônicos já eram muito utilizados por alunos no contexto escolar. Ela diz que a influência desses dispositivos afeta o compromisso em sala de aula e de certa maneira, aliena os estudantes ao se prenderem numa realidade virtual, assim, precisam que a literatura volte a ser disciplina obrigatória para ajudar a expandir a mente dos jovens alunos de modo a contribuir com a sua formação.

É importante salientar que, no século XXI, as novas tecnologias não devem ser ignoradas, assumindo papéis ativos em diversas áreas. No âmbito das práticas pedagógicas, sua aplicação, quando utilizada de forma proveitosa, pode se tornar uma aliada no ensino. Entretanto, sua eficácia depende não apenas da abordagem metodológica adotada, mas também das condições oferecidas para sua implementação.

Por motivos assim, os professores precisam ser antes de tudo leitores atentos, críticos-reflexivos e considerar a leitura literária como troca de experiências literárias entre alunos e professor. Se há troca de experiências literárias entre professor e alunos a

abordagem metodológica no ensino de literatura se torna mais satisfatória, do contrário daquilo que é estático e mecânico.

A entrevistada Hange alega que ao perceber que um de seus professores, de outra disciplina, levou para sala de aula um livro literário contemporâneo, ela ficou interessada e caminhou até o professor para conversar a respeito da obra e leu algumas páginas durante os minutos da aula. Diante da empolgação da aluna, o professor emprestou o livro para ela, naquele momento ambos tiveram uma pequena troca de experiências leitora e naturalmente surgiu o interesse pela leitura, apesar da estudante não ter finalizado a leitura do livro, ela compartilhou suas opiniões, sentimentos, sobre o que leu e de outros livros que lhe chamaram a atenção.

Outra resposta recorrente entre os participantes entrevistados nesta pesquisa diz respeito às seguintes perguntas: “Você gostaria de ler mais livros? Por que não lê mais?”. O tempo é citado como a principal barreira para isso. Hange diz, com empolgação, que gosta de frequentar a biblioteca da escola para pegar livros emprestados, mas não o faz com frequência, pois a instituição enfrenta a ausência de um bibliotecário. Como consequência, os alunos só podem acessar o acervo quando acompanhados por professores, que, na maioria das vezes, os levam apenas para buscar livros didáticos. Ela comenta que gosta de ler livros ilustrados e gibis, além de manifestar seu apreço por *O Diário de Anne Frank*, e expressa sua decepção pelo fato de a escola ter removido a obra do acervo da biblioteca.

Outros mencionam que para manter o hábito da leitura com constância, optam por ler mangá, que são histórias em quadrinhos, de origem japonesa. A aluna do Ensino Médio, Annie, o professor em formação, Levi, e Zeke demonstram grande entusiasmo por esse tipo de leitura. As HQs além de serem bastante imersivas, são de leitura rápida, o que facilita para os leitores que têm pouco tempo disponível em seu dia a dia. Nas escolas, esse gênero textual também costuma ser muito utilizado por motivos bem parecidos.

O PNLD Literário aprova diversas obras em formato de HQ, muitas delas adaptações de cânones literários. Entre as selecionadas para o Ensino Fundamental – anos finais – está *O Alienista*, do renomado escritor brasileiro Machado de Assis. A proposta do PNLD, conforme destacado no site do Grupo Companhia das Letras, voltado às obras do programa, é: “Conhecer o cânone literário por meio de uma adaptação é tirar a obra da torre elevada dos clássicos e torná-la mais acessível a outros públicos.”

A obra adaptada em questão encontra-se disponibilizada online em versão PDF e completa no site mencionado acima. Adaptada e ilustrada por Fábio Moon e Gabriel Bá, a HQ ganhou o Prêmio Jabuti⁵ por seus desenhos. Possui traços expressivos que dão detalhes apreciáveis para a obra e ainda conseguem remeter à época do contexto da narrativa de maneira imersiva e bonita em tons sépia. Contudo, ao refletir sobre o objetivo da possível utilização dessa HQ no ensino de literatura, a adaptação para então ser mais acessível a outros públicos, é algo semelhante a subestimar a capacidade dos alunos de lerem o texto em sua forma original.

A narrativa de Machado de Assis, considerada por uns como conto e por outros como novela, publicada em 1882, possui virtudes específicas em sua significação que muito podem contribuir no ensino de literatura e na experiência leitora, o tom humorístico da obra e a personagem Simão Bacamarte em busca pela loucura têm potencial de aprazer os jovens leitores estudantes. Como Perrone-Moisés (2016, p. 35) defende: “Ensinar é elevar progressivamente o nível dos alunos, alargar seus repertórios e aprimorar sua proficiência linguística.”

Nesse sentido, usar a HQ enquanto a leitura do texto literário em sua forma original é deixada de lado, como somente um propósito de facilitação e até mesmo de desmerecimento, é abrir mão das diversas portas que a obra tem, além de rebaixar as competências de percepção e fruição dos estudantes. E essa perspectiva é também menosprezar as produções feitas em História em quadrinhos, como se a arte por meio de imagens e textos fossem menores em qualidade. É importante lembrar que as HQs correspondem a adaptações e a narrativas originais, se tratam de arte, não devem ser compreendidas como objetos de facilitação e substituição de algo ‘maior’.

Ao analisar os relatos das alunas e dos participantes da entrevista que concluíram os estudos há alguns anos, por volta de 9 a 21 anos, além da abordagem metodológica pouco favorecedora para o ensino de literatura, a simples substituição dos textos literários por outros gêneros (como resumos de épocas, biografias de autores) ainda é muito verificada até nos dias atuais, como atividades repetitivas e mecânicas. De certo modo, como observa Bordini e Aguiar (1983):

A repetição continuada das mesmas tarefas não representa uma organicidade sistêmica do trabalho educacional. Uma vez que não há um projeto que as vincule entre si através de objetivos comuns, o que se observa é a fragmentação dos conhecimentos, a redundância excessiva de tópicos, a dispersão do

⁵ Premiação de reconhecimento literário com o interesse de contemplar autores, editores, ilustradores, gráficos e livreiros que mais se destacam em cada ano no Brasil.

processo de aprendizagem num círculo vicioso em que os mesmos conteúdos são permanentemente ensinados e nunca aprendidos. (Bordini; Aguiar, 1983, p. 18)

Uma situação recorrente que persiste apesar dos esforços de inúmeros professores. A sobrecarga de conteúdos escolares evidencia a prevalência da quantidade sobre a qualidade. O professor da entrevistada Mikasa, após contextualizar as correntes literárias e abordar a vida e obra de Machado de Assis, solicitou à turma a leitura de *Dom Casmurro* em HQ, justificando a escolha pelo tempo reduzido disponível para a atividade. Pode-se argumentar que ler a adaptação é preferível a não ler nada, mas essa concessão basta quando se pensa na qualidade do ensino e no papel da literatura na formação dos jovens? Se a resposta for afirmativa, então, pelos próximos 41 anos, a realidade continuará pouco distinta daquela analisada por Bordini e Aguiar ainda em 1983.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com esta pesquisa verificou-se que ainda que na contemporaneidade tenham surgido tendências inovadoras para colaborar no ensino de literatura, diversas realidades enfrentam dificuldades no desenvolvimento de práticas literárias significativas no processo de aprendizagem e para o estímulo da leitura de textos literários como hábito.

A sociedade brasileira atual configura-se num espaço permeado por ideias plurais e diversificadas. Isso resulta em divergências posicionais, que de certo modo, interferem também no sistema educacional. Ao não entrarem em consonância, uma tendência busca negar a outra, em vez de integrá-las no ensino de modo a combinar seus aspectos positivos.

Desde a sua promulgação em 2018, a BNCC não trata a literatura como uma disciplina nas escolas brasileiras, pois a tem com o pressuposto de percorrer livremente pelo componente curricular de Língua Portuguesa na área de Linguagens e Tecnologias que integra as disciplinas de arte, educação física, língua inglesa e língua portuguesa. Essa abordagem, ao buscar integrar a literatura a outros campos do conhecimento, acaba por reduzir seu espaço no ensino escolar, tornando sua presença cada vez mais limitada.

A quantidade ainda está acima da qualidade quando o assunto são as propostas metodológicas e práticas pedagógicas para o ensino escolar. Como efeito, as habilidades de aprendizagem desenvolvidas na educação brasileira revelam-se, em muitos casos, insuficientes, enquanto a falta de tempo surge como a justificativa mais recorrente para essa problemática alarmante.

A abordagem metodológica quali-quantitativa realizada nesta pesquisa evidenciou que todos os participantes consultados, inclusive os que não se consideram leitores, reconhecem a literatura como um elemento essencial na formação dos jovens estudantes. Além da abordagem metodológica pouco favorecedora para o ensino de literatura, a simples substituição dos textos literários por outros gêneros (como resumos de épocas, biografias de autores) ainda é muito verificada até nos dias atuais, como atividades repetitivas e mecânicas.

Para mais, determinados professores, por convenções sociais estabelecidas na área dos estudos literários, comumente repetem aquilo que aprenderam sobre livros literários e autores, em sua formação, como uma verdade universalmente reconhecida. Diversos professores de Língua e Literatura desconhecem os métodos de ensino que melhor

possam contribuir para as suas aulas de literatura de maneira significativa aos alunos e para lhes despertar novos interesses em torno do universo dos livros literários.

Assim, os alunos não se sentem motivados pela abordagem metodológica adotada pelos professores e nem curiosos o suficiente com a escolha das obras de literatura utilizadas em sala de aula. O discernimento competente a respeito dos textos selecionados e o gosto pela leitura, bem como o hábito leitor também são fatores cruciais para o desempenho dos professores, visto que a troca de experiências literárias são fundamentais para o estímulo leitor.

A atuação dos professores quanto à forma de oferecerem o ensino de literatura tem raízes na formação obtida nos cursos de Letras e por suas trajetórias como alunos da educação básica. Isso influencia suas orientações e desorientações referentes aos métodos de ensino, alguns mais apegados à tradição, outros mais atentos às mudanças presentes na sociedade. Os professores devem continuar os estudos para estarem bem preparados para quando forem atuar em sala de aula e fortalecer suas percepções críticas diante dos desafios que assolam a educação.

Por mais que a literatura acabe muitas vezes sendo considerada por forças dominantes apenas um enfeite nos currículos escolares, há muitos professores, pesquisadores, alunos e leitores que acreditam na importância do papel da leitura literária na formação dos jovens estudantes e do restante da população.

Pode soar até um tanto clichê, mas resgatar o valor da literatura no ensino é uma luta que não deve jamais cessar. É um percurso longo e que precisa ser discutido com mais afinco através da formação docente com destaque na teoria da literatura e na educação literária, em cursos não só de Letras, mas também de Pedagogia, ao promover reflexões sobre o ensino de literatura e gêneros literários tanto no espaço acadêmico quanto no escolar, pois implicará na atuação dos professores em sala de aula.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Márcia. **Cultura letrada:** literatura e leitura. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

AGUIAR, Vera Teixeira de., BORDINI, Maria da Glória. **Literatura:** a formação do leitor: alternativas metodológicas. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

AGUIAR, Vera Teixeira de., BORDINI, Maria da Glória. **Propostas metodológicas para o ensino de língua e literatura.** Letras de Hoje 16 (3): 17 – 43, 1983.

ANTONELLI, Joice Ribeiro M. **A vez do leitor:** literatura de massa e(n)tre novas práticas de leitura/Joice Ribeiro M. Antonelli; orientador Robson Coelho Tinoco. - Brasília, 2021. 132 p.

BARTHES, Roland. **O Prazer do Texto.** São Paulo: Editora Perspectiva, 1987.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília, 2018.

CALVINO, Italo. **Por que ler os clássicos.** São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade:** estudos de teoria e história literária. 9. ed. São Paulo, Editora Nacional, 2006.

COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria:** literatura e senso comum. Trad. Cleonice Paes Barreto Mourão. 2. ed. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2010.

COMPANHIA DAS LETRAS. **PNLD LITERÁRIO 2024.** Disponível em: <
<https://www.companhiadasletras.com.br/PNLD/> Acesso em 25 de jan de 2025.

COSSON, Rildo. **Letramento literário:** teoria e prática. 2 ed., 9ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2019.

DALVI, Maria Amélia; REZENDE, Neide L. de; JOVER-FALEIROS, Rita. (Org.) **Leitura de literatura na escola.** São Paulo, SP: Parábola, 2013.

D'ONOFRIO, Salvatore. **Teoria do Texto I:** Prolegômenos e teoria da narrativa. São Paulo: Ática, 1995.

EAGLETON, Terry. **Como ler literatura.** 2. ed. Porto Alegre: L&PM, 2020.

EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura: uma introdução**. 7. ed., São Paulo: Martins Fontes, 2019.

FAILLA, Zoara (org). **Retratos da Leitura no Brasil**. 5. ed. Rio de Janeiro: GMT Editores Ltda. 2021.

GERALDI, João Wanderley (Org.). **O texto na sala de aula**. 5. ed. São Paulo: Ática, 2011.

GUINSBURG, Jacob. **O Romantismo**. São Paulo: Perspectiva, 2008

HUTCHEON, Linda. **Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção**. Trad. de Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO. **Retratos da leitura no Brasil**. Disponível em: <<https://www.prolivro.org.br/pesquisas-retratos-da-leitura/as-pesquisas-2/>> Acesso em 15 de dez de 2024.

JOUBE, Vicent. **A leitura**. 1. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2002.

JOUBE, Vincent. **Por que estudar literatura?** Trad. Marcos Bagno e Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2012

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática, 1993.

LAJOLO, Marisa. **Literatura: ontem, hoje, amanhã**. São Paulo: Editora Unesp, 2018.

LELIS, C. R. **Incentivo à leitura: criando espaços para manifestações literárias**. Vespasiano, 2015.

LIMA, Aldo de (org.). **O direito à literatura**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2012, 160 p.

LUKÁCS, Georg. **A teoria do romance: um ensaio histórico-filosófico sobre as formas da grande épica**. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2000.

MARCHESONI, Laís. SHIMAZAKI, Elsa. **Alfabetização e letramento: explorando conceitos**. Educação: Teoria e Prática/ Rio Claro, SP/ v. 31, n.64/2021.

MELO, J. N. A. **A importância da leitura praticada: uma atitude reflexiva para formação do leitor**. Revista Científica Semana Acadêmica, v. 1, <http://semanaac>, 2014.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 7. ed. São Paulo: Hucitec, 2001.

O Globo. **Preço médio do livro sobe 12,8% em fevereiro e atinge R\$ 54,49**. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/cultura/livros/noticia/2024/03/19/preco-medio-do-livro-sobe-128percent-em-fevereiro-e-atinge-r-5449.ghtml>> Acesso em 02 de set de 2024

PAULINO, Graça. **Formação de Leitores: A Questão dos Cânones Literários**. Revista Portuguesa de Educação, ano/vol. 17, número 001 – Universidade de Minho Braga, Portugal. p. 47-62, 2004.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Altas literaturas: escolha e valor na obra crítica de escritores modernos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

PERRONE-MOISÉS, L. **Mutações da literatura no século XXI**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, v. 1, 2016.

PORTOLOMEOS, Andrea. **Descompassos entre sociedade iletrada e cultura erudita no Brasil**. Niterói, n. 17, p. 183-195, 2004.

RODRIGUES, Lucilo. PEREIRA, Danglei. **Formação docente na era geek: explorando a alta fantasia**. Campinas: Pontes Editores, 2004.

SAMUEL, Rogel. **Novo manual de teoria literária**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

SANTOS, Gerson. **O leitor-modelo de Umberto Eco e o debate sobre os limites da interpretação**. Kalíope, São Paulo, ano 3, n. 2, p. 94-111, jul./dez., 2007.

SCHOPENHAUER, Arthur. **As dores do mundo**. São Paulo: Edipro, 2019.

SOARES, M. **Alfabetização e Letramento**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

SOUZA, Arão de Azevêdo. **Debates sobre cultura, cultura popular, cultura erudita e cultura de massa**. In: XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, 2010, São Paulo. Anais do XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, 2010.

STREET, B. **Letramentos sociais**. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

TODOROV, Tzvetan. **Os gêneros do discurso**. São Paulo: Editora Unesp, 2018.

TOLKIEN, J.R.R. **O Hobbit**. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2019.

TOLKIEN, J.R.R. **O Senhor dos Anéis**. Parte I. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2022.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. São Paulo: Global Editora, 2012.

ZILBERMAN, Regina. **Estética da recepção e história da literatura**. São Paulo: Ática, 1989.

ZILBERMAN, Regina. **Fim do livro, fim dos leitores?** 2. ed. São Paulo: Senac, 2001

APÊNDICE

Professor em formação/recém-formado

Levi - 22 anos, aluno do último ano da graduação do curso de Letras - Português/Inglês da UEG

1. Qual o papel da literatura na formação dos jovens estudantes?

Para mim, a literatura tem um papel muito profundo na formação, porque é por meio dela que conseguimos refletir sobre a vida humana em diversas épocas, desde a Grécia Antiga até os dias atuais. Acredito que a literatura é essencial para a formação dos jovens, mas é importante começar com leituras que despertem interesse, que tragam prazer, e não necessariamente com os clássicos de imediato. É melhor começar por algo mais acessível, que gradualmente leve à construção de uma criticidade e à escolha própria dos caminhos literários. Nesse sentido, a literatura tem um poder transformador na formação do indivíduo.

2. Você se considera leitor? (lê mais de 3 livros por ano) E leitor de literatura?

Sim, me considero um leitor assíduo. Na época da escola, lembro de fazer “maratonas literárias”. Por três anos consecutivos, cheguei a ler mais de 40 livros por ano, algo que eu fazia muito com uma amiga próxima, com quem sempre trocava comentários sobre as obras. Agora, na faculdade, o foco mudou um pouco, pois leio mais livros teóricos, direcionados aos estudos. Ainda assim, procuro incluir algumas leituras por prazer, mesmo que sejam menos frequentes, infelizmente.

3. O que mais te atraiu para o mundo da leitura literária?

O que mais me atrai na literatura são as descrições detalhadas que os autores conseguem criar. Adoro livros longos, com capítulos extensos, que permitem mergulhar profundamente nas narrativas. Victor Hugo, por exemplo, é um autor que admiro por sua habilidade de tudo muito extenso. No início da minha jornada literária, o que me encantava eram histórias de fantasia, cheias de magia. Essas características, entre o detalhismo e a fantasia, foram essenciais para construir meu gosto literário.

4. O que você mais lê contos, poesias, crônicas ou romances?

Sem dúvida, meus gêneros favoritos são o romance e o conto.

5. Você se lembra como foram as suas aulas de literatura quando você era aluno da rede básica de ensino?

(Aparentemente, o participante se esqueceu de responder a essa pergunta)

6. Você gostaria de ler mais livros? Por que não lê mais?

Com certeza, a faculdade acabou reduzindo o tempo que eu tinha para leituras que faço por prazer. Agora, leio mais por obrigação: livros teóricos, artigos e textos para provas. No entanto, sempre encontro espaço para mangás, que têm sido minha alternativa. Gosto muito desse gênero, principalmente porque muitos mangás são curtos e objetivos, permitindo que eu mantenha o hábito de leitura mesmo com o tempo limitado. Ainda assim, espero retomar o ritmo de leitura de romances e contos quando finalizar os estudos.

7. Quais os livros, literários ou não, que mais marcaram a sua pessoa? E por quê? O livro que mais me marcou foi *A Batalha do Apocalipse*, do Eduardo Spohr. Já li mais de sete vezes, e é uma obra que considero deliciosa e fascinante. Ele é extenso, com mais de 600 páginas, e repleto de descrições, algo que amo. Bom, a forma como ele mistura acontecimentos bíblicos com fantasia e reflexões me tocou profundamente. Também gosto muito dos livros do Dan Brown, especialmente pela abordagem que ele faz de arte, literatura e história. Essas obras me marcaram porque conseguem unir entretenimento e conhecimento de uma maneira fascinante e instigante. Eu amo.

8. Você como professor em formação, o que espera para as suas aulas futuras?

Espero que minhas aulas de literatura nunca sejam mecânicas ou técnicas demais. Inspirado em Todorov, especialmente em *Literatura em Perigo*, acredito que as aulas de literatura devem formar leitores de maneira humana, indo além dos muros da escola ou da universidade. Quero ser um professor universitário que consiga oferecer aulas interessantes, dinâmicas, interativas e transdisciplinares. Minha ideia é ensinar períodos históricos e literários, mas sempre com uma abordagem envolvente e que estimule a comunicação.

9. Algo mais a declarar sobre este assunto? Fique à vontade.

Não tenho como não reconhecer o impacto transformador da literatura na minha vida. Ela me humanizou e ampliou meu entendimento sobre questões essenciais da humanidade.

Hoje, sinto que ainda há muitos livros que desejo ler, tanto para me enriquecer como leitor quanto para me tornar um professor capaz de formar alunos críticos e reflexivos. Levar essa visão para a sala de aula é, sem dúvida, o que mais me motiva.

[Fim]

3.1.1 – Professora em formação

Ymir - graduada em Letras Português e Inglês e pós-graduanda em Literatura Brasileira

1. Qual o papel da literatura na formação dos jovens estudantes?

Y: A minha resposta seria o famoso clichê de "tem um papel primordial", mas essa resposta é tão clichê porque ela é a verdade. A literatura engloba tudo aquilo de importante para quem quer aprender, ela ensina mais sobre o que já conhecemos, diz tudo sobre o que ainda não fomos capazes de conhecer, e nesse processo desenvolvemos tanto a fala, quanto a escrita, quanto a criatividade, a leitura de mundo, oratória. Eu acho que a pessoa que lê também tem a questão de ser *cult*. E a forma como o professor vai aplicar a literatura com o jovem não vai prestar, aí não adianta nada.

2. Você se considera leitor? (lê mais de 3 livros por ano) E leitor de literatura?

Y: Eu me considero leitora e às vezes de literatura porque de certa forma, alguns livros que eu leio não parecem ser considerados dignos da literatura e sim uma fórmula ali superficial ou algo assim e outros já parecem ser dignos o bastante de literatura.

E: Não parecem ser considerados literatura por quem?

Y: Imagina um clube da escola de luta tem vários lutadores, mas nem todos vão entrar nesse clube de luta não porque eles não sabem lutar, mas porque não são tão bons quanto os outros.

E: Ok, tem a ver com questões de juízos de valor, certo?

Y: Certo.

3. O que mais te atraiu para o mundo da leitura literária?

Y: É algo diferente da minha realidade, o mundo da fantasia.

4. O que você mais lê contos, poesias, crônicas ou romances?

Y: Romances.

5. Você se lembra como foram as suas aulas de literatura quando você era aluno da rede básica de ensino?

Y: Eu estudei sempre em escola pública e lembro que a minha professora naqueles anos todos só passou um livro pra gente ler e foi no Ensino Médio. Eu até hoje confundo o título do livro (risos) era um nome gigante, Os Sertões Veredas? Um livro gigante e para fazer um trabalho em grupo, daí cada um do meu grupo leu uma parte e no final juntamos tudo e apresentamos o trabalho. Foi horrível, a metodologia da professora não deu certo.

6. Você gostaria de ler mais livros? Por que não lê mais?

Y: Gostaria de ler mais. Não leio mais porque enrolo demais para começar um livro por diversos motivos. Enrolo porque não consigo me decidir ou porque não acho nenhum livro interessante o suficiente ou porque me acho sem tempo ou porque não estou no *mood*. Mas eu sempre tenho em mente que devia ler mais.

E: Por que sempre tem em mente que deveria ler mais?

Y: Na minha mente tem muitos benefícios. São muitos benefícios como fuga da realidade, algo que você quer "viver", exercita a mente, melhora a leitura, ensina altas coisas novas, mundos novos, línguas novas, culturas novas, melhora a gramática, melhora a escrita, te faz sentir parte de algo maior, lhe mostra valores morais, faz sentir uma imensidão de coisas, traz respostas, traz perguntas, são muitos benefícios, benefícios demais.

7. Quais os livros, literários ou não, que mais marcaram a sua pessoa? E por quê?

Y: Harry Potter. Uma das primeiras histórias de um universo totalmente novo que eu já li e a cada vez que eu leio de novo com o passar dos anos que vou envelhecendo acho melhor ainda porque vou descobrindo coisas novas sobre a história e origem de tudo. Os 7 maridos de Evelyn Hugo, foi surpreendente o rumo que a história tomou e o amor retratado ali no livro entre 2 pessoas me marcou profundamente porque eu achei lindo e toda poesia foi um dos melhores livros de poesia que eu já li porque todos me chamavam a atenção e muitos deles me tocaram.

8. Você como professor em formação, o que espera para as suas aulas futuras?

Y: Eu pretendo seguir carreira na área de inglês com minhas aulas usando bastante a criatividade, que é algo que também é bastante estimulado pelos livros porque pra escrever cada um deles usaram muita criatividade e disciplina também, que é algo que

também seguirei em minhas aulas. A literatura de um país sempre traz muita cultura né, poder estudar mais sobre a literatura pertencente de um país como a brasileira é um enriquecimento tremendo. Eu gosto de estudar sobre literatura inglesa, eu quero usar os gêneros literários nas minhas aulas como eu aprendi no estágio na graduação com as metodologias que estudei naqueles longos anos, então quero muito pôr em prática e ser uma professora diferente desses que têm e que não são tão bons, infelizmente.

9. Algo mais a declarar sobre este assunto? Fique à vontade.

Y: Só isso mesmo.

[Fim]

3.1.2 Professor

Erwin, 36 anos - professor de Língua Portuguesa e Literatura em escolas da rede pública no DF e Goiás

1. Qual o papel da literatura na formação dos jovens estudantes?

O papel da literatura na formação dos jovens estudantes é essencial, pois ela promove o desenvolvimento crítico, amplia o repertório cultural e estimula a empatia ao apresentar diferentes realidades e perspectivas. Outrossim torna o cidadão uma pessoa conhecedora de sua história e cultura.

2. Qual a relação da escola em que você atua com o ensino de literatura?

As escolas em que atuo valorizam o ensino de literatura, incorporando obras clássicas e contemporâneas ao currículo, além de projetos que incentivam a leitura, como feiras literárias e rodas de leitura e um projeto de “Biblioteca em casa”, ambas as escolas em que trabalho são da esfera pública.

3. Você dá aula para turmas de quais níveis? Como os seus alunos recebem os textos literários em sala de aula?

Leciono para turmas de Ensino Fundamental e médio. Os alunos costumam receber bem os textos literários, especialmente quando conseguem relacioná-los com suas vivências e contextos atuais.

4. Comente um pouco sobre o seu envolvimento com a literatura fora do seu trabalho na escola, por favor.

Fora do trabalho, escrevo resenhas para um blog e costumo acompanhar lançamentos de livros, especialmente os voltados à literatura juvenil e brasileira, inclusive atuando como pesquisador na área no mestrado.

5. Você se considera leitor? (lê mais de 3 livros por ano) E leitor de literatura?

Sim, me considero um leitor ativo. Leio mais de 10 livros ou mais por ano, incluindo romances, crônicas e poesias, sempre alternando entre gêneros para diversificar minha

experiência literária. Se for livros de poesia incluídos de maneira geral, poderia subir esse número para 60.

6. O que você mais lê contos, poesias, crônicas ou romances?

Leio principalmente romances e crônicas, mas tenho grande apreço por poesias, especialmente de autores brasileiros como Carlos Drummond de Andrade e Cecília Meireles e livros de fantasia contemporâneo de todas as culturas.

7. O que mais te atraiu para o mundo da leitura literária?

O que mais me atraiu para o mundo da leitura literária foi o poder de viajar para diferentes épocas e lugares sem sair do lugar, um escapismo da realidade, de fato, além da riqueza emocional que a literatura oferece.

8. Quais gêneros literários você mais utiliza em suas aulas? Por quê?

Utilizo bastante contos e romances em sala de aula, porque eles são acessíveis e conseguem engajar os alunos, oferecendo tanto narrativas rápidas quanto mais profundas.

9. Como você trabalha a literatura na escola?

Trabalho a literatura de forma interdisciplinar, conectando os textos literários a outros contextos, como a história, filosofia, sociologia e política e incentivando discussões que valorizem as interpretações dos alunos.

10. Você se lembra como foram as suas aulas de literatura quando você era aluno da rede básica de ensino?

Minhas aulas de literatura na escola básica eram bastante tradicionais, focadas em análises de textos e contextos históricos, mas foram importantes para minha formação.

11. Quais os livros, literários ou não, que mais marcaram a sua pessoa? E por quê?

Os livros que mais me marcaram foram Dom Casmurro de Machado de Assis, pela complexidade narrativa, e Ensaio Sobre a Cegueira de José Saramago, pela sua reflexão profunda sobre a humanidade, A Bagaceira de José Américo de Almeida, devido à sua

complexidade narrativa, Capitães da Areia, de Jorge Amado que me fez entender meu papel social.

12. Algo mais a declarar sobre este assunto? Fique à vontade.

A Literatura é uma ferramenta poderosa para a formação integral dos estudantes. Por isso, valorizá-la na educação é investir em uma sociedade mais crítica e criativa e continuo nessa labuta por acreditar nessa contenda como elemento de transformação.

[Fim]

3.1.3 Estudantes

Hange, 16 anos - estudante do 2º ano do Ensino Médio do Colégio Estadual Plínio Jaime
- Anápolis/GO

1. Qual o papel da literatura na formação dos jovens estudantes?

H: Eu acho que tem um papel muito importante na vida dos jovens pra ajudar na formação porque a gente precisa ler um pouco de livros, porque as pessoas que não leem livros, acaba que é um pouco, vou falar a verdade, eu acho as pessoas que não leem livros um pouco mais burras do que o povo normal porque tipo você ler livro leva a sua mente pra outro lugar, você vai lendo o livro e você vai se interessando nele e acaba que você vai gostando mais dele e se aprofundando e vai te ajudando no seu dia a dia, te ajuda a pensar, vai tirar um pouco seu estresse, essas coisas assim, entendeu? Eu acho que é um papel muito importante que a literatura tem na formação principalmente por conta disso que eu falei porque já que somos estudantes precisamos ler um pouco mais de livros pra podermos ser tipo assim pra pensar mais, pra agir mais, pra não ficarmos tipo assim, “O que? Eu não sei fazer”, porque vai te ajudar mais, vai te auxiliar nos seus estudos, não porque vai ser livro didático, mas porque você vai prestar mais atenção nas coisas.

2. Você se considera leitor? (lê mais de 3 livros por ano) E leitor de literatura?

H: Não. E também não.

3. O que mais te atraiu para o mundo da leitura literária?

(Não foi realizada esta pergunta com a participante em questão).

4. O que você mais lê contos, poesias, crônicas ou romance?

H: Eu não sei, acho que poesia por causa da escola.

5. Como são as suas aulas de literatura na escola?

H: Tenho aulas de literatura uma vez por semana e estudo sobre alguns escritores e seus livros mais importantes.

E: E sua professora não pede pra vocês lerem algum livro de literatura desses escritores? Mesmo como leituras obrigatórias?

H: Na maioria das vezes não. Apenas pesquisas.

E: Mas já pediu alguma vez? Você lembra de qual livro?

H: Sim. Eu li o livro, o Auto da Compadecida de Ariano Suassuna.

E: Que legal. E você gostou?

H: Sim, achei ele interessante. Um pouco difícil de entender.

E: Foi pra fazer um trabalho?

H: Sim. Trabalho de literatura.

E: Lembra como foi esse trabalho?

H: O trabalho falou sobre o Ariano e tinha algumas perguntas do livro sobre os personagens que apareceram nos capítulos, para a professora ter certeza de que a gente leu o livro, aí tinha que escrever na folha e entregar pra professora e ela devolveu pra gente. Depois desse trabalho a gente estudou também sobre o romantismo, mas a gente não leu nenhum livro, só estudamos o que estava no livro didático e lemos poemas dos poetas românticos que tinham no livro didático. Nossa, estudamos muita coisa de literatura! Por mais que tenha tido só uma aula por semana, deu de estudar bastante coisa de literatura.

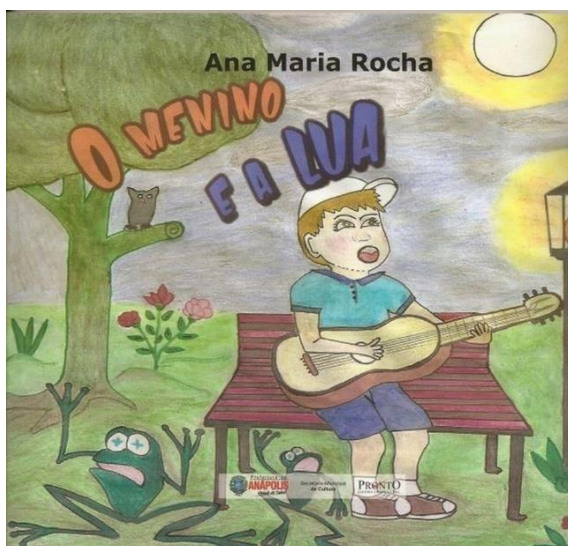
6. Como é a sua experiência com as leituras obrigatórias exigidas pela escola?

H: Eu gosto quando tem coisa obrigatória pra ler na escola, inclusive eu gosto bastante, às vezes, de ir na biblioteca pegar livro, eu gosto bastante de ler livro que tem imagem, sabe? Uma vez eu li o *Diário de Anne Frank*, mas aí tiraram lá da escola. E eu também gosto de ler gibi, coisa assim, sabe? Aí lá na escola o problema é esse, porque agora eles não têm bibliotecária e agora a gente não pode pegar livro porque não tem ninguém pra ficar lá.

7. Quais os livros, literários ou não, que mais marcaram a sua pessoa? E por quê?

H: Os livros literários que mais me marcaram na verdade foi um de quando eu era criança e eu estudava em outra escola. Eu lembro dele até hoje, era O Menino e a Lua, eu acho que é porque eu acho ele muito interessante, e aí sempre que eu vou em alguma escola de criança, ano passado eu trabalhava numa escola, eu procurava esse livro pra ler porque pra mim esse livro é incrível, o menino é apaixonado pela lua e é isso. O livro O Menino e a Lua é sobre o menino que se apaixonou pela lua e ele queria casar com a lua e morar com a lua porém a lua não respondia ele, até porque né, ela era a lua, mas por mais que seja um livro de criança eu acho ele muito incrível, eu acho que se eu tivesse a oportunidade de comprar ele eu compraria, não sei nem se vende ele, tipo assim, quando eu fui na escola ano passado, na escola que eu trabalhava, pra pegar ele pra ler, ele já estava todo velhinho porque era da época que eu estudava o 3º ano. Acho que tem uns 10 anos ou mais, ano que vem vou pro 3º ano do Ensino Médio.

(A participante até enviou uma imagem com a capa do livro que ela mesma fotografou quando o reencontrou na escola).



8. Você gostaria de ler mais livros? Por que não lê mais?

H: Eu gostaria. Só não leio porque não tenho livro, tempo eu tenho de sobra e como eu falei né, na escola tem biblioteca, porém a gente não pode pegar, só pega quando os professores mandam, mas é muito raro. E agora nesses últimos meses a coordenação foi

pra biblioteca, tem duas coordenações, a pedagógica e a não sei o que lá, a pedagógica foi pra biblioteca e agora a gente só vai lá mesmo quando é pra pegar livro que o professor manda, livro assim, didático. Esse ano mesmo eu queria ler aquele livro, como é o nome mesmo? É alguma coisa assim, *É assim que acaba*, fizeram até o filme. Esse ano também eu peguei livro emprestado de um professor, o professor levou o livro pra escola, levou pra sala e eu falei “Nossa, professor que livro interessante”, e eu li um pouquinho na aula e ele perguntou se eu queria levar pra casa e disse que eu podia levar aí eu trouxe pra casa e fiquei uma semana com ele. Era daqueles livros que tem continuação, não é Harry Potter, eu esqueci o nome, eu não li tudo porque eu acabei não gostando da história, não estava interessante igual no início aí eu parei.

9. Algo mais a declarar sobre este assunto? Fique à vontade.

[Fim]

3.1.3 Estudantes

Mikasa - estudante do 3º ano do Ensino Médio do Colégio Estadual Polivalente Frei João Batista - Anápolis/GO

1. Qual o papel da literatura na formação dos jovens estudantes?

M: Incentivo na formação do pensamento crítico, apresentação da cultura nacional e internacional, incentivo para a escrita.

2. Você se considera leitor? (lê mais de 3 livros por ano) E leitor de literatura?

M: Sim, a média de quantidade de livros lidos no ano é de 12 livros. De literatura é menor a quantidade, mas ainda sim.

3. O que mais te atraiu para o mundo da leitura literária?

M: Me atraiu o fato de os livros terem mais informações que os filmes.

4. O que você mais lê contos, poesias, crônicas ou romances?

M: Romances e poesias.

5. Como foram as suas aulas de literatura na escola?

(A participante em questão tinha se formado no 3º ano recentemente)

M: Quase inexistente, apenas no segundo ano do Ensino Médio que tivemos algumas poucas.

E: Tinham poucas aulas de literatura por semana?

M: Não tinha, o professor usava as de português, e mesmo não tendo na matriz curricular, ele passava um pouco.

E: E eram mais voltadas a conteúdos sobre os autores e as escolas literárias?

M: O pouco que deu pra ensinar, foi sobre as gerações da literatura brasileira, chegou até Machado de Assis, mais ou menos.

E: Não tinha na matriz? Como assim?

M: Na programação de conteúdos que vem do estado, não tem literatura, só gramática.

E: Sendo que o ENEM cobra literatura. Então nem pediram para vocês lerem um livro literário.

M: Não deu tempo, o máximo que a gente fez foi ler Dom Casmurro em HQ.

6. Como é a sua experiência com as leituras obrigatórias exigidas pela escola?

M: No geral ruins, as obrigatórias não eram bem apresentadas, apenas exigidas, então não dava o prazer da leitura.

E: A sua maior influência para a leitura literária não foi a escola, foi quem? Sua vontade própria, algum familiar?

M: Amigos que emprestavam livros, e meus pais que sempre incentivaram a ler. Mesmo que na escola não tenha sido, o professor do segundo ano foi muito importante.

E: Sim, porque mesmo que não tenha tido na matriz ele fez o possível, ele merece o reconhecimento

7. Quais os livros, literários ou não, que mais marcaram a sua pessoa? E por quê?

A saga *Rainha Vermelha*, foi a primeira saga que li completa.

Sete maridos de Evelyn Hugo

A hora da estrela

Hilda furacão

Gente ansiosa

Difamação

Eu queria ver você feliz.

Esses são os que mais me marcaram até hoje, muitos falam de vidas cotidianas, mudanças necessárias. Mas sempre evidenciam o cotidiano.

E: Nossa, eu amo a hora da estrela. Já leu algum do Fernando Sabino? Tem nada a ver com a pesquisa essa pergunta (risos). Foco.

M: Nunca li ele, só que tenho muita vontade de ler as cartas dele com a Clarice.

8. Você gostaria de ler mais livros? Por que não lê mais?

M: Sim, minha meta era ler o dobro do ano passado, mas com a rotina de trabalho e estudo não tenho muito tempo.

9. Algo mais a declarar sobre este assunto? Fique à vontade.

M: Acredito que se a literatura fosse apresentada de uma maneira particular a cada pessoa, seria muito mais influenciável. Porque existem muitos tipos de escrita, mas as pessoas não se interessam pois acabam não se identificando. Acredito que a abordagem resolveria muito. A educação não é vista pelo estado como necessidade, mas como gasto, então mesmo que os funcionários tentem, é falha.

[Fim]

3.1.3 Estudantes

Annie, 17 anos – Colégio Estadual Castro Alves, Formoso-GO

1. Qual o papel da literatura na formação dos jovens estudantes?

Reflexão e formação de opiniões.

2. Você se considera leitor? (lê mais de 3 livros por ano) E leitor de literatura?

A: Sim. De literatura não.

3. O que mais te atraiu para o mundo da leitura literária?

A: Realismo.

4. O que você mais lê contos, poesias, crônicas ou romances?

A: Na verdade, eu mais leio mangás.

5. Como são as suas aulas de literatura na escola?

A: Atualmente abordam escritores como Machado de Assis e Clarice Lispector, livros como *Água Viva* e *Dom Casmurro* são constantemente citados.

E: São citados, mas não são pedidos pelos professores para serem lidos completamente ou só trechos?

A: Têm leituras obrigatórias, literatura brasileira só.

6. Como é a sua experiência com as leituras obrigatórias exigidas pela escola?

A: Sou tranquila sobre isso, ainda que considere a linguagem um tanto quanto arcaica, é importante abranger um vocabulário diverso. Além disso, muitas leituras obrigatórias me trouxeram reflexões sobre atitudes ou situações cotidianas. Os livros citados são os clássicos, os antigos de literatura brasileira.

7. Quais os livros, literários ou não, que mais marcaram a sua pessoa? E por quê?

A: *Killing Stalking*, que é um mangá. A maneira que a escritora nos prende neste terror psicológico é algo fora do comum, ainda que seja doentio e grotesco, cada página faz o leitor se sentir tenso, como se estivesse fazendo parte da história.

8. Você gostaria de ler mais livros? Por que não lê mais?

A: Sim, não leio mais porque não encontro livros do meu interesse.

9. Algo mais a declarar sobre este assunto? Fique à vontade.

A: Minha maior recomendação para leitura é *Killing Stalking* e *Pizza Delivery Man And Gold Palace*, são tudo mangás.

E: E você lê esses mangás em qual idioma?

A: Português. Já tentei ler em inglês, mas meu nível não é bom o suficiente Ainda do tô caminho.

[Fim].

3.1.3 Estudantes

Krista, 14 anos - Escola Estadual Genoveva Rezende Carneiro, Formoso-GO

1. Qual o papel da literatura na formação dos jovens estudantes?

O papel da literatura na formação dos jovens estudantes na minha opinião, é ajudar a formar o seu pensamento crítico e compreender o mundo, e ajudar com o desenvolvimento.

2. Você se considera leitor? (lê mais de 3 livros por ano) E leitor de literatura?

Sim e sim.

3. O que mais te atraiu para o mundo da leitura literária?

O que mais me atrai para a literatura são histórias bem desenvolvidas.

4. O que você mais lê contos, poesias, crônicas ou romances?

Acho que contos.

5. Como são as suas aulas de literatura na escola?

As minhas aulas de literatura são bem legais, porque a minha professora nos dá um texto para entender a matéria, e depois disponibiliza várias opções de livros de acordo com a matéria, para que a gente escolha, e assim entendemos o conteúdo melhor.

6. Como é a sua experiência com as leituras obrigatórias exigidas pela escola?

A minha experiência com as leituras obrigatórias exigidas para escola foi boa, pois a gente tinha várias opções de histórias, para escolher a que mais nos interessasse, e assim eu tinha interesse pelo livro, e consegui ler o livro até o final.

7. Quais os livros, literários ou não, que mais marcaram a sua pessoa? E por quê?

O livro literário que mais me marcou, foi o pequeno Príncipe de Antoine de Saint, pois é uma história bem desenvolvida.

8. Você gostaria de ler mais livros? Por que não lê mais?

Sim, porque eu não acho livros do meu interesse.

9. Algo mais a declarar sobre este assunto? Fique à vontade.

Não.

[Fim].

3.1.4 Sujeitos que não mais estudam

Zeke - 26 anos, professor de História

1. Na sua opinião, qual o papel da literatura na formação dos jovens estudantes?

Z: A literatura é essencial na formação dos jovens porque desenvolve o senso crítico ao expor diferentes ideias e contextos históricos, promove empatia ao conectar leitores com outras realidades e amplia a criatividade e a expressão. Para os jovens, é um espaço de representação, reflexão e descoberta em um mundo cada vez mais complexo.

2. Você se considera leitor? (lê mais de 3 livros por ano) E leitor de literatura?

Z: Depende.

E: De quê?

Z: Leio sim mais de 3 livros por ano, porém, minhas leituras se baseiam em maioria em mangás e artigos científicos. Já li muitas literaturas, porém hoje em dia não tanto.

3. O que mais te atrai para o mundo da leitura literária? (Responder se for leitor)

Z: Pelo que já li, muitos aspectos são notórios, alguns como:

- A. Dialoga com temas atuais como desigualdade e diversidade (Torto Arado).
- B. Explora cenários brasileiros com histórias universais (Vidas Secas).
- C. Inova no estilo narrativo, como Clarice Lispector e Machado de Assis.
- D. Mistura gêneros literários, como suspense e crítica social (O Alienista).
- E. Valoriza vozes marginalizadas, ampliando perspectivas.
- F. Reimagina clássicos ou tradições (Quincas Berro d'Água).
- G. Provoca reflexões profundas (Memórias Póstumas de Brás Cubas).

4. O que você mais lê contos, poesias, crônicas ou romances? (Responder se for leitor)

Z: Eu leio artigos e mangás...

5. O que te influencia/motiva a ler? (Responder se for leitor)

Z: Duas coisas são fundamentais para quem busca o hábito de leituras, a primeira é a base teórica, tanto sobre o próprio país como as literaturas, quanto as internacionais, que mostram a riqueza de detalhes de sobre a cultura exterior

6. Você se lembra como foram as suas aulas de literatura quando você era aluno da escola?

Z: De certa forma, estudar literatura na escola era visto como algo chato pois um aluno dificilmente se interessa por esse tipo de assunto, o que “motivava” eu e meus colegas era uma prova sobre o livro literário lido que valia a nota para todas as matérias

7. Quais os livros, literários ou não, que mais marcaram a sua pessoa? E por quê?

Z: O cortiço, e o melhor das comédias da vida privada, foram os primeiros que li e jamais esqueci do nome e da história de ambos; principalmente o segundo, pois é mais voltado para a comédia, que é um gênero que chama mais minha atenção.

8. Você gostaria de ler mais livros? Por que não lê mais?

Z: Os livros que mais chamam minha atenção são sempre os que circundam temas como, geopolítica e economia, porém é difícil achar obras tão boas com esses tópicos que não sejam tendenciosas que acabam exagerando ou inventando fatos não comprovados

9. Algo mais a declarar sobre este assunto? Fique à vontade.

Z: A leitura em si é fundamental para qualquer pessoa, seja jovem ou idoso. Algo essencial não só para o conhecimento, mas ajuda muito a melhorar a oratória. Embora seja difícil achar um gênero literário que te prenda e te faça buscar por mais, não é uma tarefa impossível.

[Fim]

3.1.4 Sujeitos que não mais estudam

Jean - 26 anos, empreendedor

1. Na sua opinião, qual o papel da literatura na formação dos jovens estudantes?

J: Muito importante, porque os jovens não sabem ler nem interpretar o que leem, principalmente os jovens que compartilham as suas opiniões na internet.

2. Você se considera leitor? (lê mais de 3 livros por ano) E leitor de literatura?

J: Não leio nenhum, nem de literatura. Eu leio comentários das pessoas nas publicações nas redes sociais, leio de um por um e às vezes até respondo alguns.

E: Então você passa muito tempo na internet?

J: Sim, lendo comentários e vendo storys dos outros. Leio muitas notícias em sites de jornais também, deixo comentários.

3. O que mais te atrai para o mundo da leitura literária? (Responder se for leitor)

4. O que você mais lê contos, poesias, crônicas ou romances? (Responder se for leitor)

5. O que te influencia/motiva a ler? (Responder se for leitor)

6. Você se lembra como foram as suas aulas de literatura quando você era aluno da escola?

J: Eu lembro bem pouco, tinha que ler uns livros pra responder umas fichas de leituras pra professora saber se a gente leu os livros mesmo. As aulas eram mais do livro didático,

de ler poemas dos autores que a gente estudava daquela época pra poder responder na prova.

(O participante concluiu o Ensino Médio há 6 anos e apresenta pouca lembrança de suas aulas)

7. Quais os livros, literários ou não, que mais marcaram a sua pessoa? E por quê?

J: A cartilha da 1ª série. Porque eu aprendi as coisas, aprendi a ler e a usar isso pra vida mesmo que não fosse pra me tornar leitor literário, sou mais prático.

8. Você gostaria de ler mais livros? Por que não lê mais?

J: Não, não tenho tempo, trabalho demais e tenho muito boleto pra pagar.

9. Algo mais a declarar sobre este assunto? Fique à vontade.

J: Sem declarações.

[Fim]

3.1.4 Sujeitos que não mais estudam

Sasha - 26 anos, digital influencer

1. Na sua opinião, qual o papel da literatura na formação dos jovens estudantes?

S: Eu acho muito importante, a literatura deve ser uma disciplina obrigatória nas escolas e não deixar mais de ser como aconteceu que ficou só como agregada da disciplina de português, porque os jovens de hoje em dia e as crianças também até mesmo na sala de aula se preocupam mais em usar o celular para fazer dancinhas nas redes sociais, claro que muita gente ganha a vida com isso, mas a vida não é só isso, e essa ambição leva para outros caminhos que prejudicam os jovens sem nem que eles percebam.

2. Você se considera leitor? (lê mais de 3 livros por ano) E leitor de literatura?

S: Nenhum. Mas eu quero ter um, não ler, As cinco linguagens do amor e Café com Deus pai. Eu vou comprar no ano que vem e espero ler, é uma frase por dia enquanto toma o café.

3. O que mais te atrai para o mundo da leitura literária? (Responder se for leitor)

4. O que você mais lê contos, poesias, crônicas ou romances? (Responder se for leitor)

5. O que te influencia/motiva a ler? (Responder se for leitor)

6. Você se lembra como foram as suas aulas de literatura quando você era aluno da escola?

S: Na minha escola, era militar, tínhamos a disciplina literatura, o professor passava um livro de literatura e éramos obrigados a ler o livro e tínhamos que dar um jeito de arrumar o livro ou pegando emprestado ou comprando.

7. Quais os livros, literários ou não, que mais marcaram a sua pessoa? E por quê?

S: Eu realmente não me lembro de nenhum livro que li na época da escola, lembro que todo semestre o professor passava uma leitura obrigatória pra ler, mas eu não lembro de nenhuma, acho que é porque eu era tão revoltada com a escola naquele tempo, eu odiava quando os professores me obrigavam a fazer as coisas. Obrigar alguém que não gosta de ler a ler só me deixou com um sentimento de revolta marcante. Eu e a minha irmã, sabe do que a gente gostava de fazer? A gente ia na Lojas Americanas e comprava aqueles CDs da Onde Direction, do P9, da Demi Lovato de uns outros que eu esqueci também e aquelas revistinhas que tinham um monte de posters desses cantores e um monte de coisa pra ler, um tanto de quiz, uns textinhos lá, e era isso que a gente lia, a gente amava, a gente lia e ouvia as músicas o tempo todo.

8. Você gostaria de ler mais livros? Por que não lê mais?

S: Só esses que eu te falei, esses motivacionais, são o meu estilo. Eu li O primo rico, primo pobre.

9. Algo mais a declarar sobre este assunto? Fique à vontade.

[Fim]